

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS — PROFLETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

RODRIGO DA SILVA BITTENCOURT DOS SANTOS

**CRONISTAS MERITIENSES: A CRÔNICA ESPORTIVA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES-ESCRITORES**

RIO DE JANEIRO

2024

RODRIGO DA SILVA BITTENCOURT DOS SANTOS

**CRONISTAS MERITIENSES: A CRÔNICA ESPORTIVA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES-ESCRITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Professora Doutora Ana Crelia Penha Dias.

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

S237c Santos, Rodrigo da Silva Bittencourt dos
Cronistas meritienses: a crônica esportiva na
formação de leitores-escretores / Rodrigo da Silva
Bittencourt dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2024.
116 f.

Orientadora: Ana Crelia Penha Dias.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Decania do Centro de Letras e
Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras em Rede
Nacional, 2024.

1. Crônica esportiva. 2. Circulação extraescolar.
3. Escrita escolar. 4. Leitura escolar. 5.
Retextualização. I. Penha Dias, Ana Crelia, orient.
II. Título.

RODRIGO DA SILVA BITTENCOURT DOS SANTOS

**CRONISTAS MERITIENSES: A CRÔNICA ESPORTIVA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES-ESCRITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Professora Doutora Ana Crelia Penha Dias.

 Documento assinado digitalmente
ANA CRELIA PENHA DIAS
Data: 10/02/2025 11:23:27-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ana Crelia Penha Dias
(Orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – PROFLETRAS

 Documento assinado digitalmente
ANDRÉ LUIS MOURÃO DE UZÊDA
Data: 10/02/2025 15:02:59-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor Doutor André Luís Mourão de Uzêda
(Examinador interno)
Colégio de Aplicação – CAP/UFRJ

 Documento assinado digitalmente
NAIANE VIEIRA DOS REIS SILVA
Data: 12/02/2025 11:35:17-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professora Doutora Naiane Vieira dos Reis Silva
(Examinadora externa)
Instituto Federal do Ceará – IFCE

**RIO DE JANEIRO
2024**

**Dedico este trabalho aos meus amados
filhos Davi e Manuella, aos meus
eternos avós-pais Edson e Norma e a
minha amada companheira Bruna.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus amados filhos, Davi Miranda Bittencourt e Manuella Gomes Leal Bittencourt, aos meus avós paternos, Edson Bittencourt dos Santos (*in memoriam*) e Norma Carneiro dos Santos (*in memoriam*), e a minha companheira, Bruna de Miranda Marrama, que, desde 2021, tem sido meu porto seguro, por terem me acompanhado nas minhas inúmeras jornadas.

Em seguida, agradeço a todos os docentes os quais tive a oportunidade de aprender, desde o ensino infantil até o mestrado profissional PROFLETRAS, incluindo os mestres que compuseram as minhas bancas de qualificação e de defesa, tantos outros que contribuíram na minha formação através de palestras, colóquios e sendo colegas de turmas deste mestrado, de especialização, dos sindicatos, nos movimentos políticos e nas unidades escolares que já lecionei e leciono. Dentre tantos valorosos profissionais da Educação, preciso agradecer nominalmente a professora Ana Crelia Penha Dias, minha orientadora e coordenadora do PROFLETRAS na UFRJ.

Registro um agradecimento especial aos meus queridos alunos matriculados no Colégio Estadual Rubens Farrulla que participaram das oficinas que compõem a proposta de leitura e escrita desta dissertação. Esses jovens sempre mostram comprometimento nas atividades propostas.

Por fim, agradeço aos cronistas esportivos que permitiram me aprofundar neste gênero textual e trazê-lo para a realidade escolar. Entre os cronistas em questão, tive a honra de dialogar com Milly Lacombe e Flavio Braga sobre o uso de algumas de suas produções nesta experiência. Em tempo, considero importante prestigiar todos os amantes do futebol, esse esporte que é uma paixão nacional!

“A educação é o único caminho para emancipar o homem. Desenvolvimento sem educação é criação de riquezas apenas para alguns privilegiados”.

Leonel de Moura Brizola

RESUMO

Este trabalho se fundamenta na análise dos resultados obtidos a partir das oficinas de leitura de crônicas esportivas, de produções desse gênero (uma versão diagnóstica inicial e outra, que é a versão final, após as leituras) e de revisão (professoral e por pares discentes) de crônicas esportivas. A última crônica produzida por cada aluno tem como base o exercício da retextualização de alguma das crônicas lidas em sala de aula. Essa proposta se filia aos pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo (GERALDI, 1997). Durante a seleção das obras, trouxe crônicas esportivas diversificadas, de autores diferentes, incluindo autoras, de épocas diversas e com elementos constitutivos variados. Esta diversidade permitiu aos alunos envolvidos identificarem a pluralidade e a potencialidade desse gênero. Os alunos-cronistas participantes estão matriculados no oitavo ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Rubens Farrulla. A faixa etária da turma varia entre treze a quinze anos de idade. Este trabalho foi desenvolvido ao longo da minha vivência no Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tendo em vista a circulação da crônica na ambiência escolar e nos currículos normativos, considero esse gênero uma possibilidade eficiente para que seja objeto no processo de ensino. Decidi que todas as crônicas esportivas analisadas abordam o futebol, pois esse esporte tem forte ligação com a identidade nacional, é amplamente discutido em rodas de conversa e no noticiário, perfaz diversas obras literárias nacionais e estrangeiras e é pauta regular de debates entre os alunos participantes desta pesquisa-ação. Para apresentar o gênero crônica, destaco as contribuições de Candido (1992 e 2003), Massi (2021), Moutinho (2015) e Sá (2006). Aprofundando a análise acerca das crônicas que abordam a seara futebolística, consultei os trabalhos de Fogaça (2013) e Prado (2018), além das inúmeras crônicas esportivas que li, ao longo deste trabalho, e tendo selecionado algumas para a promoção das oficinas. Para discutir o processo da escrita escolar, ressalto as obras de Cassany (2015), Freire (2014), Geraldi (1997, 2006 e 2014), Lerner (2002), Marcuschi (2008) e outros teóricos. A presente pesquisa é de natureza qualitativa na modalidade da pesquisa-ação. Os resultados obtidos nas oficinas mostraram que a crônica esportiva é uma alternativa eficaz de leitura e de escrita na escola.

Palavras-chave: Crônica esportiva; Circulação extraescolar; Escrita escolar; Futebol; Leitura escolar; Retextualização.

ABSTRACT

This work itself is based on the analysis of the results obtained from the workshops on reading sports chronicles, productions of this genre (an initial diagnostic version and another, which is the final version, after the readings) and review (by the teacher and by student peers) of sports chronicles. The last chronicle produced by each student is based on the exercise of retextualizationsome of the chronicles read in class. This proposal is affiliated with the theoretical assumptions of socio-discursive interactionism (GERALDI, 1997). During the selection of works, I brought diverse sports chronicles, by different authors, including female authors, from different periods and with varied constituent elements. This diversity allowed the students involved to identify the plurality and potential of this genre. The participating student-chroniclers are enrolled in the eighth grade of elementary school at Colégio Estadual Rubens Farrulla. The age range of the class varies between thirteen and fifteen years old. This work was developed throughout my experience in the Professional Master's Degree in Literature at the Federal University of Rio de Janeiro. Given the circulation of chronicles in the school environment and in normative curricula, I consider this genre an efficient possibility for it to be an object in the teaching process. I decided that all the sports chronicles analyzed address soccer, as this sport has a strong connection with national identity, is widely discussed in conversation circles and in the news, is part of several national and international literary works, and is a regular topic of debate among the students participating in this action research. To present the chronicle genre, I highlight the contributions of Candido (1992 and 2003), Massi (2021), Moutinho (2015), and Sá (2006). To further analyze the chronicles that address the football field, I consulted the works of Fogaça (2013) and Prado (2018), in addition to the numerous sports chronicles that I read throughout this work, and selected some to promote the workshops. To discuss the process of school writing, I highlight the works of Cassany (2015), Freire (2014), Geraldi (1997, 2006 and 2014), Lerner (2002), Marcuschi (2008) and other theorists. This research is of a qualitative nature in the modality of action research. The results obtained in the workshops showed that the sports chronicle is an effective alternative for reading and writing in school.

Keywords: Extracurricular circulation; Retextualization; School writing; School reading; Soccer; Sports chronicle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Crônica do aluno GRGS.....	79
Figura 2: Crônica do aluno MHGS.....	80
Figura 3: Crônica do aluno KCFS.....	82
Figura 4: Crônica do aluno MMS.....	83
Figura 5: Crônica da aluna SNS.....	85
Figura 6: Crônica do aluno EMS.....	87
Figura 7: Crônica da aluna MHGS.....	89
Figura 8: Crônica das alunas KY e SA.....	90
Figura 9: Crônica (frente) da aluna RFCS.....	92
Figura 10: Crônica (verso) da aluna RFCS.....	93
Figura 11: Crônica da aluna EVNS.....	95
Figura 12: Crônica da aluna ASL.....	97
Figura 13: Crônica da aluna AVSS.....	99
Figura 14: Crônica da aluna AJFAB.....	101
Figura 15: Crônica dos alunos AMR e PSGC.....	103
Figura 16: Crônica da aluna NSSP.....	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A AMBIÊNCIA ESCOLAR	16
2. O HIBRIDISMO DA CRÔNICA	20
2.1. A crônica esportiva no Brasil	25
3. A CRÔNICA NA TRADIÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA	30
3.1. A crônica nos livros didáticos e paradidáticos	32
3.2. A crônica e o futebol em trabalhos do PROFLETRAS e em outros repositórios	44
4. A RELAÇÃO DO FUTEBOL COM A LEITURA	49
5. A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DA LITERATURA E A ESCRITA LITERÁRIA	54
6. A SELEÇÃO DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS COM BASE NAS APRENDIZAGENS LITERÁRIAS QUE ELAS TRAZEM	60
7. OFICINAS	65
8. APURAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	78
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE	116

INTRODUÇÃO

Para iniciar esta seção, tomo a liberdade de apresentar a minha trajetória profissional. Comecei a ter acesso a textos literários a partir do ensino fundamental na Escola Municipal Madre Benedita, situada no subúrbio carioca. Nesta fase, a obra *O pequeno príncipe* (1943) foi a mais marcante dentre as leituras que estabeleci, inclusive eu interpretei o protagonista dessa obra algumas vezes em peças teatrais na referida escola pública. A icônica frase “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” se tornou uma espécie de frase-símbolo para mim, à época, uma criança.

No ensino médio, estudei no Colégio Estadual Professor Joel de Oliveira, onde tive pouco contato com textos literários, cenário que corrobora com a tese de que a literatura não tem a oferta devida ao longo da formação escolar de milhões de alunos no Brasil, conforme apontamento sustentado por Gabriela Rodella de Oliveira (2008, p. 42) que, segundo seu levantamento, é possível confirmar que há uma deficiência no ensino da literatura com professores que não se sentem preparados para esse exercício docente, demonstram dependência dos livros didáticos ofertados pelo governo e costumam explorar somente fragmentos textuais, ou seja, não dando profundidade à apreciação de textos literários.

A pesquisa de Oliveira (2008, p. 8) se propôs a analisar as relações entre formação, hábito de leitura e práticas do ensino da literatura de oitenta e sete professores de língua portuguesa que lecionam em turmas de ensino da rede pública paulista de ensino. Ela ouviu depoimentos de alguns desses professores e correlacionou os dados com as características socioculturais dos depoentes.

Concordo com a crítica da pesquisadora de que a seleção do cânone literário escolar (conjunto de obras literárias que são consideradas mais “valiosas”) limita à atuação docente e não considera a biografia de autores e a importância de fatos da história literária. Na minha rotina profissional, por exemplo, para fugir do referido cânone, em muitas oportunidades, preciso “subverter a ordem” e trazer textos “de fora”, ou seja, que não se encontram nos livros didáticos adquiridos pelo Governo.

Além disso, Fischer; Luft; Frizon; Leite; Lucena; Vianna e Weller (2012, p. 113) denunciam que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) desvalorizava o conteúdo literário em suas edições no lapso temporal de 1998 a 2010, período que compreende as minhas duas tentativas (em 2004 e 2009) neste certame. Este artigo

consistiu em investigar autores, períodos literários e gêneros mais recorrentes nessas edições, além de identificar as questões que prescindem do estudo formal de literatura na escola, o que torna um diagnóstico da prova.

Retomando o meu percurso pessoal, no ensino superior, tive a oportunidade de ler obras **literárias fora do cânone, com destaque para as literaturas angolana, moçambicana e cabo-verdiana**. O romance *Os da minha rua* (2007), do angolano Ondjaki, chamou a minha atenção pela riqueza na caracterização do povo angolano, incluindo diversas referências ao Brasil como telenovelas e produtos brasileiros, por exemplo.

Sou licenciado em Letras pela Universidade Veiga de Almeida, tendo sido bolsista integral do Programa Universidade para Todos (ProUni), especialista pelo Colégio Pedro II em Educação das Relações étnico-raciais, professor de língua portuguesa na educação básica, neste momento, curso o Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Durante uma Especialização que cursei no Colégio Pedro II, li e analisei textos de autoria afro-brasileira, fato que me encantou pelo protagonismo negro na arte, que tem sido silenciado pela classe dominante. Adorei saber que *Úrsula* é o primeiro romance publicado por uma mulher no Brasil, em 1859, inclusive sua autora Maria Firmino dos Reis era negra e nordestina, assim como a minha mãe. Além dela, vi inúmeras produções de autores como Luiz Gama, Lima Barreto, João da Cruz e Sousa, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Caldas Barbosa, Machado de Assis e outros. Agora, no Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, *campus* Ilha do Fundão, tenho lido diversos textos que me permitem a ressignificação da minha atuação como professor na educação básica.

Sou professor da rede estadual fluminense e da rede municipal de Japeri, município também situado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Considerando que meu exercício na rede estadual é mais antigo do que a minha outra matrícula e a carga horária é mais extensa (30 horas na rede estadual e 16 horas na rede municipal), esta proposta foi aplicada no colégio estadual onde atuo. Em Japeri, estou lotado na Escola Municipal João XXIII, enquanto minha matrícula na rede estadual está associada ao Colégio Estadual Rubens Farrulla, em São João de Meriti.

Embora haja um direcionamento de oferta de ensino médio pela rede estadual, há municípios fluminenses que dependem de outros entes federativos para prestação do ensino fundamental, sendo São João de Meriti um destes casos no Estado do Rio de Janeiro. Por isto, também leciono para turmas de anos finais do ensino fundamental na rede estadual, inclusive já passei por esta experiência nos municípios de Belford Roxo e Nilópolis em colégios que também compõem o sistema estadual de educação.

Sou filho de mãe negra e nordestina e sempre morei no subúrbio carioca, com isto, passei toda a Educação básica na rede pública de ensino e me sinto com o dever em primar pela qualidade na oferta educacional aos alunos dessa rede, seja na sala de aula diretamente e também em outros fóruns de discussão com essa finalidade.

Encerrada a minha apresentação, retomo a exibição do trabalho em si, que começa, em seu primeiro capítulo, com a contextualização da ambiência escolar através de dados extraídos do projeto político-pedagógico atual somados a minha observação. Além da unidade escolar, amplio a área de análise explorando dados do município de São João de Meriti, onde está situado o colégio no qual apliquei as oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas.

No segundo capítulo, comento o hibridismo da crônica, isto é, sua potencialidade em se aproximar de outros gêneros, inclusive, em muitos casos, se confundindo com esses. Trago exemplos de crônicas que têm características parecidas com contos, outras com artigos de opinião e assim por diante. Dentro deste capítulo, destinei um subcapítulo ao surgimento da crônica esportiva no Brasil.

No terceiro capítulo, discorro sobre a história da crônica na tradição escolar perfazendo a maneira como ela aparece nos currículos normativos (BNCC e currículos mínimos de língua portuguesa das redes fluminense e japeriense) e destaco as contribuições de Antonio Candido na promoção da circulação escolar da crônica.

Dentro deste trecho, fiz dois subcapítulos, respectivamente, sobre a crônica nos livros didáticos e paradidáticos; e sobre a relação entre a crônica e o futebol em trabalhos do PROFLETRAS e em outros repositórios. Em ambos, fiz um extenso levantamento bibliográfico e destaquei as convergências de alguns com esta dissertação.

Dialogando com o subcapítulo anterior, utilizei o quarto capítulo para discutir a relação entre o futebol e a leitura. Na ocasião, citei um artigo que mostra o caso de um estudante espanhol que se sentiu mobilizado a ler a partir do futebol. Ao longo deste capítulo, mencionei que vejo este mesmo processo com alunos que só se encorajam a ler e debater sobre futebol. Eu também admiti que, desde a minha adolescência, busco informações regulares sobre esse esporte na mídia e em outros espaços.

No quinto capítulo, discuto a relação entre o ensino da literatura e a escrita literária a partir da análise que fiz dos trabalhos de Cassany (2015), Freire (2014), Geraldi (1997, 2006 e 2014), Lerner (2002), Marcuschi (2008) e outros teóricos, que estudam a escrita literária. Além disso, selecionei dispositivos da BNCC (2018) que preveem a importância do ensino da literatura nas escolas Brasil afora.

No sexto capítulo, justifiquei a seleção das crônicas esportivas com base nas aprendizagens literárias. Durante a seleção das obras, trouxe crônicas esportivas diversificadas, de autores diferentes, incluindo autoras, de épocas diversas e com elementos constitutivos variados. Esta diversidade permitiu aos alunos envolvidos identificarem a pluralidade e a potencialidade desse gênero. Decidi que todas as crônicas esportivas analisadas abordam o futebol, pois esse esporte tem forte ligação com a identidade nacional, é amplamente discutido em rodas de conversa e no noticiário, perfaz diversas obras literárias nacionais e estrangeiras e é pauta regular de debates entre os alunos participantes desta pesquisa-ação.

No sétimo capítulo, apresentei as oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas. A primeira oficina consiste em diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos sobre a crônica esportiva e apontar melhorias. As oficinas seguintes se baseiam na análise das crônicas esportivas que eu selecionei, lemos e discutimos os elementos constitutivos desse gênero.

Em seguida, os alunos escreveram (a partir da retextualização de exemplos lidos em sala de aula) uma nova versão de crônica esportiva e revisaram as produções de seus colegas. Eu também revisei as crônicas e, em seguida, com a devida ressalva de identificação, promovi a circulação extraescolar delas em um blog e encaminhei a autoridades que puderam prestigiar as crônicas discentes.

Os alunos-cronistas participantes estão matriculados no oitavo ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Rubens Farrulla, situado no município de São João de Meriti. A faixa etária da turma varia entre treze a quinze anos de idade. Este

trabalho foi desenvolvido ao longo da minha vivência no Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No oitavo capítulo, apresentei a apuração dos resultados obtidos a partir da aplicação das oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas. Nesse espaço, destaquei a evolução dos alunos ao longo das oficinas, inclusive citando alguns diálogos realizados em sala de aula.

Para evitar que esta dissertação ficasse avolumada de imagens, optei por selecionar algumas crônicas (todas estão disponíveis no blog) mais significativas em valores estéticos e constitutivos do gênero textual em análise. Dividi as crônicas esportivas selecionadas entre as versões inicial (de caráter diagnóstico) e final (após apontamentos e leituras).

Esta proposta se filia aos pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo (GERALDI, 1997). A metodologia qualitativa adotada neste trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação, tendo em vista seu caráter de coletividade para tratar de problemas que atingem vários estudantes da educação básica: leitura e escrita.

Tendo em vista a circulação da crônica na ambiência escolar e nos currículos normativos, considero esse gênero uma possibilidade eficiente para que seja objeto no processo de ensino. O futebol, que costuma ocupar as crônicas esportivas Brasil afora, é um tema engajador de discussões, fato que o credencia a ser um assunto mobilizador e alternativo para a escrita escolar.

Por fim, os resultados obtidos nas oficinas mostram que a crônica esportiva é uma alternativa eficaz de leitura e de escrita na escola, defendendo a ideia que esse gênero é um instrumento na formação de leitores críticos e que as oficinas que desenvolvi neste trabalho tratam a crônica esportiva como um gênero literário, preocupação que não identifiquei no material didático e paradidático que pesquisei ao longo desta pesquisa-ação.

1. A AMBIÊNCIA ESCOLAR

O Colégio Estadual Rubens¹ Farrulla, meu local de trabalho mais antigo, está situado no município de São João de Meriti, no bairro Coelho da Rocha, e, segundo seu projeto político-pedagógico, conta com vinte e seis salas de aula, sendo uma delas caracterizada como multimídia, onze banheiros, duas quadras, dois vestiários, um pátio coberto, um estacionamento, uma biblioteca, uma sala *maker* (espaço com televisão, mesas mais altas e armários), um laboratório de ciências, uma sala de vídeo e um auditório. Diferente da maioria da rede estadual, que tem direções nomeadas, a atual equipe gestora foi eleita em 2017.

Segundo o quadro² de horários da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, há mil cento e trinta e seis alunos matriculados e distribuídos em quarenta e nove turmas e dois turnos (manhã e tarde). Há oitenta e quatro servidores lotados na referida unidade escolar. O Colégio Estadual Rubens Farrulla atende um alunado bastante diversificado, composto por alunos oriundos do entorno da unidade, dos bairros vizinhos e até de outros municípios, além de alunos egressos da rede particular de ensino.

Segundo seu atual PPP (2022, p. 7), no aspecto social, os alunos estão distribuídos em grupos de comportamentos variados, dos quais se destacam dois grupos bem definidos: um com acompanhamento familiar visível, que se adequam às regras de convivência e ao Regimento Interno da escola, que são sabedores de seus direitos, bem como cumpridores de seus deveres, não apresentam envolvimento com drogas e têm desempenho satisfatório nas atividades educacionais propostas; enquanto outro grupo se apresenta em uma zona de risco e preocupação para a equipe escolar.

Para envolver mais os alunos na rotina escolar, a equipe diretiva do Colégio Estadual Rubens Farrulla fomenta a participação de discentes na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), oferta vagas para o pré-vestibular comunitário (denominado projeto Utopia), mantém ensaios regulares

¹ Rubens Campos Farrulla estudou Medicina, foi fundador da Cooperativa de Avicultores do Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro, presidente da Sociedade Fluminense de Citricultura, Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Rio de Janeiro e Secretário de Viação e Obras Públicas, Presidente do VII Congresso Mundial de Avicultura e membro da Comissão de Financiamento da Produção como representante da Confederação Rural Brasileira.

² Disponível em: <<http://consultaqh.educacao.rj.gov.br/ConsultaQHIGestao.aspx>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

de sua banda marcial, cuja atuação foi noticiada pela imprensa³, e propõe o engajamento nos projetos “Se essa rua fosse minha”, que é destinado a levar esperança, bem-estar e a prática de atividades recreativas e circenses na escola; e “Esporte presente Farrulla”, que utiliza o esporte (futsal e basquetebol) como um ótimo aliado para desenvolver coordenação motora, além de possibilitar experiências e formar cidadãos com perspectivas e realidades dignas.

Neste ano letivo, o Colégio Estadual Rubens Farrulla e as demais unidades da rede estadual de ensino têm sido obrigadas pela Secretaria de Estado de Educação a utilizar um material didático denominado “Aprova Brasil”, que é produzido pela editora Moderna. Esses recursos são destinados aos alunos do sexto ano do ensino fundamental e do terceiro ano do ensino médio.

Segundo a página⁴ eletrônica da editora, o material didático é elaborado a partir da matriz do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Em abril de 2023, participei de uma reunião na sede da metropolitana VII, regional a qual estou vinculado na rede estadual de ensino, que serviu para apresentar esse material e apontar que os alunos precisam ter seus conhecimentos mensurados, situação que evidencia mais uma interferência neoliberal nos colégios fluminenses. Infelizmente, as escolas públicas continuam sofrendo influências da mercantilização do ensino perfazendo as “pedagogias de inspiração individualista” (LAVAL, 2004, p. 11) e conferindo a instituições privadas a responsabilidade da transmissão dos valores, dos conhecimentos e até das relações sociais (LAVAL, 2004, p. 12).

Como forma de exigir o uso do referido material, os alunos das séries escolares em questão são avaliados a cada bimestre através de um questionário (no modelo de cartão-resposta) formulado pela editora responsável. Embora os livros didáticos desse projeto tenham um bonito projeto gráfico e seu aplicativo forneça um diagnóstico de desempenho escolar, desaprovo essa prática impositiva que, a meu ver, viola a autonomia pedagógica – no máximo, esses recursos deveriam ser alternativos.

O município de São João de Meriti, que abriga o colégio, por anos, teve a maior densidade demográfica do Brasil, fato que lhe permitiu a alcunha de “formigueiro das Américas”. A principal atividade econômica de São João de Meriti

³ Disponível em:

<<https://odia.ig.com.br/nilopolis/2022/08/6475375-desfile-civico-retornou-apos-cinco-anos-em-nilopolis.html>>. Acesso em 14 out. 2022.

⁴ Disponível em: <<https://projetoaprovaBrasil.com.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2023.

está concentrada no setor de comércio e serviços. Muitos dos bairros que compõem o município são extremamente pobres e não possuem sequer saneamento básico. Assim como nos demais municípios que compõem a Baixada Fluminense, São João de Meriti hospeda colégios estaduais que ofertam turmas de ensino fundamental (regular e correção de fluxo) e do ensino médio.

Segundo a página⁵ da Prefeitura Municipal de São João de Meriti, o município possui, com base na última contagem do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizada em 2010, uma população de 458.673 habitantes, ocupando uma área territorial de 35.216 Km².

São João de Meriti não tem nenhuma biblioteca pública que não seja escolar. O único cinema no município está situado dentro das dependências do shopping Grande Rio. No município, há mais de quarenta estabelecimentos comerciais (livraria tradicional, sebo e papelaria) que vendem livros.

Em se tratando de esporte e lazer, considero que o município de São João de Meriti tem uma boa oferta aos seus munícipes, pois há diversas praças e quadras poliesportivas ao longo do seu território, inclusive, na mesma avenida na qual o Colégio Estadual Rubens Farrula está situado, existe um arrojado espaço nesse sentido, que é a quadra poliesportiva municipal Humberto Tozzi.

A Praça Carioca, que também fica próxima à unidade escolar, regularmente recebe dezenas de interessados em exercícios gratuitos de funcional. Nessa praça, há um espaço de areia destinado à prática de futevôlei, vôlei de praia e futebol de areia.

Diante desta conjuntura social, a crônica é o gênero textual que tende a ser bem explorado nesta proposta de trabalho, visto que sua estrutura de narrativa curta parece de simples leitura, mas, à medida que é examinada, percebe-se sua complexidade entre a observação da sociedade e a ficcionalização, além de seu hibridismo com outros gêneros textuais como artigo de opinião, poema, conto e outros.

A observação poética da rotina urbana é passível de ser cumprida por jovens que vivem na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e podem produzir textos a partir de seus saberes adquiridos ao longo das suas respectivas trajetórias de vida.

⁵ Disponível em: <<http://meriti.rj.gov.br/home/a-cidade/>>. Acesso em: 14 out. 2022.

Especificamente a crônica esportiva tem como atrativo o futebol, que é tema de muitas de suas produções brasileiras, o esporte que mobiliza milhões pessoas, inclusive inúmeros jovens matriculados no Colégio Estadual Rubens Farrulla. Considerando todas as informações trazidas e o fato de que o futebol é um elemento engajador de discussões, a crônica esportiva é selecionada como gênero textual neste trabalho. A seguir, iniciarei esta discussão a partir do hibridismo do gênero crônica.

2. O HIBRIDISMO DA CRÔNICA

Os gêneros textuais podem ser tidos como convenções sociais sobre maneiras de produções textuais. Nesse sentido, em algum momento da história, convencionaram constituir a crônica como um gênero narrativo, com registros do cotidiano, linguagem fluida, normalmente ligada ao contexto urbano e que pode transitar entre a realidade (mais próxima do jornalismo) e a ficção (no campo da literatura). Aliás, esse trânsito entre literatura e jornalismo e com outros gêneros atribui à crônica um aspecto híbrido (através de uma combinação de características de diferentes gêneros textuais). Neste trabalho, privilegio a análise de crônicas literárias.

Para entender a dinâmica da crônica, é fundamental recorrer a alguns estudiosos sobre ela, inclusive discordando de suas posições em alguns casos. Segundo Sá (2005, p. 6), a crônica consistiria em “registrar o circunstancial”. Esse trecho mostra que seu autor limita o entendimento do gênero crônica com um mero instrumento de registros quando, na verdade, ela transgride os limites e ganha um contorno híbrido ao se aproximar de outros gêneros.

No texto⁶ *Sobre a crônica* (2009), Ivan Angelo apresenta a crônica como um gênero que pode ser percebido de diferentes formas, justamente por ser um texto publicado em jornais, mas com um ponto de vista subjetivo e traços híbridos em sua composição.

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”. [...]

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs. [...]

Joaquim Ferreira dos Santos é o organizador da antologia “As cem melhores crônicas brasileiras” (2007) e afirma que a “crônica [...] quer mostrar que faz

⁶ Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

literatura” (SANTOS, 2007, p. 15), esse gênero “está no detalhe, no mínimo, no escondido” (SANTOS, 2007, p. 17). Santos também destaca que, em muitos casos, “uma crônica brilha, gloriosa, mesmo que o autor esteja declarando, como é comum, a falta de qualquer assunto” (SANTOS, 2007, p. 17), esse gênero é uma obra particular, ou seja, cada cronista pode-lhe conferir características personalistas, como Lima Barreto, por exemplo, que tinha o subúrbio carioca como inspiração para suas produções (SANTOS, 2007, p. 17).

As crônicas selecionadas por Santos (2007) foram publicadas em jornais e revistas, a repercussão midiática ajudou a consolidar a crônica como um gênero literário mais próximo do povo brasileiro. O organizador aponta que uma crônica ideal deve se afastar do academicismo e da burguesia (SANTOS, 2007, p. 22).

No final da introdução de sua obra, Santos (2007, p. 22) lembra que a crônica é tida por diversos como um gênero híbrido, ou seja, que transita entre a literatura e o Jornalismo, além de, em muitos casos, suas características basilares não serem conhecidas da maioria do público, fato que pode induzir inúmeros ao erro de classificar diversos textos como crônica, mesmo que esses não tenham os atributos necessários desse gênero, que surge no jornal, mas que foi praticado por autores de literatura, que traziam para seus textos questões do cotidiano, todavia sem o mesmo compromisso factual de outras seções jornalísticas.

Segundo Machado de Assis (1994, p. 13), “há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! [...] Mas [...] esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras”, personagem bíblico. De fato, partindo do pressuposto de que as crônicas têm origem nos registros do cotidiano e permitem informalidade, situações tidas como triviais podem compor crônicas. Criticar o calor, por exemplo, é algo comum na região metropolitana do Rio de Janeiro, cenário retratado por Machado de Assis.

Considerando o caráter de registros do relato do dia a dia, Assis (1994, p. 13) destaca que “antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas”. Após as referências bíblicas, Machado de Assis afirma que não pode “dizer positivamente em que ano nasceu a crônica” (ASSIS, 1994, p. 14). Nesse trecho, o cronista reitera sua posição de que esse gênero tem características de registros de momento.

Considerando as informações trazidas até agora, percebo que a atividade cronista de registrar fatos aproxima o gênero à multimodalidade, que é entendida como a presença de diferentes linguagens que interagem na construção dos

sentidos (BITTENCOURT, 2017, p. 54), visto o processo de correlacionar uma imagem (lembrança de algo visto) à produção textual. Com o advento da internet e o aumento de compra de telefones celulares, tendemos a estreitar esta relação entre imagem e texto cada vez mais, pois conseguimos consumir mais imagens neste momento contemporâneo.

No contexto histórico da elaboração do ensaio *A vida aos rés-do-chão* (1981), o autor Antonio Candido, crítico literário, sociólogo e um dos maiores intelectuais brasileiros, teve a iniciativa de publicar uma coleção destinada a leitores escolares (o primeiro volume da coleção *para gostar de ler*).

Alguns anos após a sua primeira publicação, esse ensaio foi publicado em *A crônica – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* (1992), cuja obra foi organizada a partir de um seminário sobre a crônica em 1988 na Fundação Casa de Rui Barbosa, reunindo especialistas no gênero (o ensaio de Antonio Candido foi inserido nessa obra dada sua relevância).

Antonio Candido (2003, p. 89) sustenta a seguinte ideia:

[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

Antonio Candido (1992, p. 13) define a crônica como uma “composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia”, sobretudo, porque ela consiste em “uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CANDIDO, 1992, p. 13).

O crítico literário afirma que os “traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer nossa visão das coisas” (CANDIDO, 1992, p. 19). É possível observar que Candido (1992) traz apontamentos semelhantes aos de Assis (1994) por ratificar que a crônica está ligada à linguagem popular, ou seja, podendo ser informal, inclusive com traços de humor.

O cronista Lourenço Diaféria classificou a crônica como a “lágrima, o sorriso, o aceno, a emoção, o berro, que não tem estrutura para se infiltrar como notícia, reportagem, editorial, comentário ou anúncio publicitário no jornal” (apud PRADO, 2018, p. 29), mas ela representa um gênero híbrido que mescla características de outros gêneros. Nesse ponto de vista, a crônica é tida como um gênero que exhibe acontecimentos comuns das relações sociais e tem características singulares, proposição com o qual concordo, tendo em vista ainda as posições defendidas por Candido (1992) e Assis (1994).

Em entrevista⁷ recente à Folha de São Paulo, Marcelo Moutinho, ganhador dos prêmios Jabuti e Biblioteca Nacional, define a crônica como o resultado a uma “reação ao que aconteceu, algo no sentido macro – o país, por exemplo – ou micro – aquilo que ocorreu na sua vida pessoal” (MOUTINHO, 2022). Segundo ele, a “crônica é um descanso, uma leveza no meio do noticiário em polvorosa. É um contraponto que faz falta” (MOUTINHO, 2022).

Para muitos estudiosos literários e jornalísticos, a crônica é um gênero com “raízes cariocas”. Em artigo publicado no jornal *O Globo*⁸, Marcelo Moutinho vê a crônica como um gênero vinculado “ao Rio desde que surgiu, no século XIX” (2015) e “registra transformações da vida na cidade. [...] Um gênero urbano” (MOUTINHO, 2015), que está ligado à cidade. José de Alencar, João do Rio, Coelho Neto, Rachel de Queiroz e outros, por exemplo, tiveram o Rio de Janeiro como cenário de suas crônicas.

Nesse sentido, Pires (2021) classifica o Rio de Janeiro como a “capital da crônica”. Segundo o autor, o processo de criação das crônicas na cidade começa com a construção de uma identidade carioca “hegemônica”, que, a partir de certo momento, se torna em um instrumento de “articulação entre poder econômico, político e simbólico” (PIRES, 2021) através da observação dos tipos urbanos cariocas.

Convergindo com essa ideia, entre 2021 e 2022, o Museu de Arte do Rio promoveu a exposição “Crônicas cariocas”, tendo Marcelo Campos, Amanda Bonan,

⁷ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/12/marcelo-moutinho-jabuti-de-cronica-diz-que-madurei-ra-no-rio-e-a-sua-macondo-real.shtml>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

⁸ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-tradicao-carioca-da-cronica-15459630>>. Acesso em 15 abr. 2023.

Luiz Antônio Simas e Conceição Evaristo como curadores. Em sua página⁹ eletrônica, os organizadores exibiram seu interesse em dar visibilidade aos cidadãos cariocas dos subúrbios, que sofrem com a precariedade dos transportes públicos e outras questões que compõem o dia a dia desses espaços urbanos, assim como Lima Barreto deu publicidade a esses problemas em inúmeras de suas crônicas, a partir do olhar de um carioca suburbano.

Ao comentar sobre suas crônicas para uma revista, Drummond (1999, p. 13) disse o seguinte:

A crônica realmente pela sua natureza é fugitiva, fugidia, ela passa depressa. Agora, não obstante, nós devemos reconhecer que crônicas escritas há quase cem anos por um cidadão chamado Machado de Assis estão hoje vivas como naquele tempo. Os acontecimentos perderam a atualidade, mas a crônica não perdeu, porque ela traduz uma visão tão sutil, tão maliciosa, tão viva da realidade, que o acontecimento fica valendo pela interpretação que Machado de Assis deu.

Ao analisar o comentário de Drummond, percebo que ele destaca o caráter temporal das crônicas, ou seja, o cronista tece suas considerações com base em valores sociais de momento, ou seja, não é razoável que sejam feitas análises diacrônicas.

Em todos os cronistas citados há um certo lirismo, pois eles observam o que se passa nas ruas, contudo a aparência de leveza da crônica costuma revelar o acontecimento captado sob a forma de uma reflexão. Um exemplo é o caso de Carlos Heitor Cony, que utilizou sua própria família como base para seus textos, afinal, a família tende a ser o núcleo social que temos melhor oportunidade de observar.

Acerca da antologia *Os sabiás da crônica* (2021), Pires (2021) critica o caráter elitista da seleção de cronistas. Por exemplo, a foto (MASSI, 2021) que inaugura a referida antologia mostra somente homens brancos (a saber: Paulo Mendes Campos e Sérgio Porto; sentados: Rubem Braga, José Carlos Oliveira, Vinicius de Moraes e Fernando Sabino). O título do artigo *O avesso do retrato* aponta que a supracitada

⁹ Disponível em: <<https://museudeartedorio.org.br/programacao/cronicas-cariocas/>>. Acesso em 15 abr. 2023.

ilustração está em dissonância com a maioria da diversidade étnica-racial da população brasileira.

Pires (2021) ainda denuncia o fato de a foto em questão exibir moradias precárias de moradores do morro do Cantagalo, no Rio de Janeiro, e denuncia que, desde à época, “era possível ignorar a favela – ou, no máximo, tratá-la com condescendência” (PIRES, 2021).

Eu considero a crônica como um gênero que nos permite trazer observações do que acontece nas ruas e/ou de acontecimentos jornalísticos. Os cronistas costumam estabelecer um processo de diálogo com seu público. Ao longo desta pesquisa, percebi que a crônica é um gênero que transita entre a literatura e o jornalismo, além de se assemelhar, em muitas produções, a outros gêneros (conto e artigo de opinião, por exemplo).

Destaco a leveza das obras que tendem à certa “informalidade” e uso de temas de grande alcance na sociedade como o futebol, esse esporte tem suas publicações balizadas dentro da crônica esportiva, que tem bastante capilaridade no Brasil e será discutida a seguir.

2.1. A crônica esportiva no Brasil

É indiscutível que o futebol conta com imensa relevância na sociedade brasileira, trata-se de um esporte que desperta paixões em milhões de brasileiros, mobiliza torcedores em estádios e outros espaços, tem muita repercussão midiática, nos permite monumentalizar atletas e clubes e acaba compondo a nossa identidade nacional. Com esses atributos, diversos cronistas abordaram o futebol em suas obras.

Inicialmente, a crônica esportiva surge no jornalismo, condição que nos permitia classificá-la como um crônica jornalística, ou seja, sem ficção e com observação do cronista, inclusive podendo haver opinião dele sobre o tema em questão. A partir de Nelson Rodrigues, a crônica esportiva brasileira vive uma nova fase e entra na literatura, com a ficcionalização da realidade desenvolvida pelo referido cronista.

A crônica esportiva literária pode ter alguns elementos reais como Nelson Rodrigues fazia, contudo a ficção dá liberdade ao seu autor e potencializa a

narração dos fatos trazidos por ele. As produções podem abordar diversos atores envolvidos no esporte, entre atletas, torcedores e dirigentes.

Outros cronistas (Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos são alguns exemplos) já faziam diferente, em vez da criação de histórias, eles monumentalizavam acontecimentos e atletas a partir das suas experiências como torcedores.

A relevância da crônica esportiva no Brasil é tanta que a Câmara dos deputados promoveu uma audiência pública, na sua Comissão de Esportes, sobre a possibilidade de estabelecer o dia 16 de maio (nessa data, em 2024, três cronistas esportivos morreram) como dia nacional da crônica esportiva. Essa reunião contou com a participação de deputados federais e de representantes da Associação Brasileira de Cronistas Esportivos (Abrace), da Associação de Cronistas Esportivos do Brasil (Aceb) e da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo.

O Museu do Futebol, que pertence ao Governo do Estado de São Paulo e está anexo ao estádio do Pacaembu, e a revista Placar promovem, anualmente, um concurso de crônicas esportivas. Em cada edição, os organizadores escolhem temas inclusivos (mulheres, por exemplo) nos editais dos concursos de seleção. Neste ano (2024), esse museu também ofereceu vagas para uma oficina de crônicas esportivas, na qual eu tive a oportunidade de ter participado após submissão de candidatura.

Durante as minhas aulas, observo jovens que se sentem mobilizados a opinar quando se trata de futebol. Vejo neles um certo reflexo de mim, enquanto adolescente, quando comprava edições do jornal Lance para acompanhar o noticiário esportivo e guardar pôsteres de campeão do clube que torço.

Essas considerações são defendidas pelo organizador da obra *O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor* (2006), que reúne inúmeras obras que abordam esse esporte. Segundo seu organizador, a crônica é o gênero que melhor representa esse fenômeno, que é o futebol, a partir das observações do cotidiano pelos cronistas (NOGUEIRA et al., 2006, p. 3).

Em se tratando das crônicas esportivas, em especial, um bom exemplar é a obra *O mundo é uma boa: crônicas, futebol & humor* (2006), que reúne crônicas sobre futebol, que é um tema de grande circulação em territórios metropolitanos, dos seguintes autores: Armando Nogueira, Carlos Drummond de Andrade, David Coimbra, Fernando Sabino, José Roberto Torero, Lourenço Diaféria, Luis Fernando

Veríssimo, Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz, Rubem Braga e Stanislaw Ponte Preta.

Vale destacar que essa obra tem a indicação de altamente recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em seu prefácio, o organizador já deixa claro que as crônicas selecionadas não abordam jogos e atletas de alta performance e com aparição midiática, mas, na verdade, focam em garotos “jogando na rua, [...] funcionários matando o serviço a fim de se preparar psicologicamente para torcer pela seleção [...]. Enfim, para pequenos flagrantes que mostram como esse esporte apaixonante faz parte da vida de cada brasileiro” (NOGUEIRA et al. 2006, p. 3).

Considerando a crônica esportiva aplicada ao contexto do futebol brasileiro, seu organizador destaca que a crônica é o gênero literário que melhor se conecta com esse esporte sendo ela por excelência do cotidiano, os cronistas percebem a dimensão humana de um esporte que se tornou uma das expressões mais democráticas da cultura brasileira. De fato, o futebol compõe a identidade brasileira.

Esse livro tem boas ilustrações, nomeia seu prefácio como “paixão crônica” (2006, p. 3), apresenta vinte e nove crônicas esportivas (2006, p. 8-109), uma breve contextualização histórica do futebol (2006, p. 116), uma reflexão sobre atos violentos nesse esporte (2006, p. 117), resumidas biografias dos cronistas selecionados, inclusive citando os clubes que cada um torce (2006, p. 118-121); e uma análise sobre a presença do futebol no Brasil (2006, p. 124-125).

Embora não haja exercícios didáticos, há uma atividade com o seguinte enunciado: “torcedor, torcedora, guarde nestas páginas as lembranças das próximas conquistas do nosso futebol” (2006, p. 126). Tem um espaço em branco disponível para o cumprimento dessa atividade que compreende as três últimas páginas do livro.

Em se tratando de crônica esportiva, é inevitável destacar Nelson Rodrigues. Na obra *Brasil em campo* (2018), que compõe o PNLD Literário para os anos finais do ensino fundamental, Marcos Caetano, que fez a apresentação dessa edição idealizada pela filha de Nelson Rodrigues, define as crônicas rodrigueanas como documentos vivos que “constituem prova categórica de seu conhecimento esportivo e [...] sociológico” (RODRIGUES, 2018, p. 12), ou seja, a abordagem de acontecimentos do cotidiano urbano, característica singular da crônica, é visto nas produções de Nelson Rodrigues.

Outro bom exemplo de livro paradigmático sobre esse tema é a *Crônica, futebol e intertextualidade: análise de crônicas esportivas* (2018), de autoria da pesquisadora Losana Hada de Oliveira Prado. Além de um bonito projeto gráfico, esta obra define a crônica esportiva como um “gênero de significativo alcance popular, em que o autor não chega a ser um formador de opinião, mas cria polêmicas, suscita debates” (2018, p. 15-16); apresenta um relato histórico (2018, p. 29-38) e analisa crônicas publicadas em um grande veículo de imprensa (2018, p. 69-116) considerando as noções de intertextualidade e de conhecimento prévio.

As crônicas analisadas são atribuídas aos seguintes autores: José Geraldo Couto, Eduardo Gonçalves de Andrade (ex-jogador de futebol conhecido como “Tostão”), José Roberto Torero Fernandes Júnior, Juca Kfoury e Francisco Reginaldo de Sá Menezes (mais conhecido como Xico Sá). Tratam-se de crônicas jornalísticas.

Prado define a crônica como um gênero usado “para nomear uma modalidade de narrativa breve, periódica, com episódios que tenham merecido atenção por parte do público e da crítica” (PRADO, 2018, p. 30), posição que converge com conceituações apresentadas por outros autores, conforme pode ser conferido ao longo deste capítulo.

Embora não haja exercícios, a autora (PRADO, 2018) tem a preocupação em contextualizar todas as crônicas, inclusive usando anexos para a exibição de informações mais extensas como o hino do Corinthians, em um dos exemplos, fato que, a meu ver, credencia esse livro a ser utilizado em salas de aulas na educação básica.

Sobre a crônica esportiva, que é o foco deste trabalho, Prado (2018, p. 38-39) informa que os principais escritores do início do século XX poucas vezes abordavam o futebol como tema, reflexo da falta de popularidade do esporte naquele momento histórico.

Segundo levantamento de Prado (2018, p. 39), Mário Filho — que dá nome ao famoso estádio Maracanã e irmão do Nelson Rodrigues — e seu “círculo de influências” deram origem à crônica esportiva no Brasil. Durante o século XX, a crônica esportiva se especializa por volta da década de 1940 e, a partir das últimas décadas, ela atinge seu auge da profissionalização.

Prado (2018, p. 40-41) aponta Nelson Rodrigues como um dos primeiros escritores brasileiros a explorar em suas crônicas a “dicotomia entre racionalidade e

paixão manifesta na prática do futebol” (PRADO, 2018, p. 40), mesclando ficção e realidade ao cenário cotidiano.

Sobre a crônica esportiva, ela destaca que esse gênero tem um "significativo alcance popular, em que o autor não chega a ser um formador de opinião, mas cria polêmica, suscita debates, ora é amado, ora odiado” (PRADO, 2018, p. 15); além disso, a crônica esportiva está relacionada ao “discurso intertextual e ao grau de envolvimento que acontece entre o texto e o seu leitor, por meio de uma linguagem coloquial, simples e direta” (PRADO, 2018, p. 15).

Na elaboração de uma crônica esportiva, existe a construção e a manutenção de uma “relação em que o autor é influenciado pelo seu público leitor, mas é um forte formador de opinião. Essa relação pode ser considerada um indício do compromisso do cronista com um contexto [...] próximo do real” (PRADO, 2018, p. 39). Nesse sentido, a rigor, o cronista esportivo pode ter uma condição ativa ou passiva na elaboração de suas produções. Na atual conjuntura brasileira, percebo que a maioria dos cronistas esportivos se põe na condição de formadores de opinião.

Além dessas contribuições, a crônica esportiva também aparece em livros didáticos (CLETO; MARCHETTI; NOGUEIRA, 2018, p. 76-87) e compõe a base de currículos escolares, dentre eles, o Programa Educacional de Desenvolvimento da rede paranaense de ensino (FOGAÇA, 2013), cujas informações serão mais detalhadas em trechos do capítulo seguinte, que é destinado a discutir a crônica na tradição escolar brasileira.

3. A CRÔNICA NA TRADIÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA

Na segunda metade do século passado, Antonio Candido já observava a exploração do gênero textual crônica nas aulas de língua portuguesa e destaca: “Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna [...]” (CANDIDO, 2004, p. 29). Nos estudos literários, a crônica se torna tema de interesse desde a década de 1950, com a publicação de *A cidade e a letra* (1958), que compõe um ensaio de Eduardo Portella.

A crônica é citada em dezoito momentos na Base Nacional Comum Curricular (2018), sendo catorze vezes no documento destinado ao ensino fundamental (anos iniciais e finais) e quatro menções para as turmas de ensino médio. Essa prevalência de competências no ensino fundamental tende a reforçar uma ideia equivocada de que a crônica seria um gênero “menor” e/ou “mais fácil”, pois há uma diminuição significativa de habilidades previstas no ensino médio, que está num nível mais avançado no processo escolar, quando, na verdade, a crônica precisa ser objeto de apreciação também no ensino médio, sobretudo, em seu aspecto literário. Na atualidade, os currículos escolares destacam que os alunos, durante o ensino fundamental, devem focar na formação leitora perfazendo a leitura de vários gêneros.

Acerca dos anos finais do ensino fundamental, a BNCC (2018) vê a crônica como uma alternativa para o ensino de textos narrativos nas perspectivas de leitura, escrita e compreensão, desde a mediação professoral até a autonomia do aluno nessas habilidades, perfazendo a identificação de características basilares desse gênero textual e sua relação híbrida com outros gêneros (em especial, o conto, que tem alguns elementos constitutivos similares ao da crônica).

Enquanto no ensino médio, a BNCC (2018, p. 515) parte para algo sistemático da historiografia literária e espera-se que os alunos tenham mais contato com o cânone da literatura de língua portuguesa. No seu famoso ensaio *A vida aos pés do chão*, Candido relatou que a crônica não se enquadrava no grupo da “grande” literatura, mas, nos últimos anos, esse gênero tem ganhado mais importância a ponto de figurar em livros didáticos destinados ao ensino médio e em provas do Exame Nacional do Ensino Médio.

Em se tratando da Base Nacional Comum Curricular (2018), o estudo da crônica (leitura e escrita) aparece em sete habilidades previstas para o ensino fundamental. Elas preveem foco na leitura, na criação e na compreensão da crônica — inclusive citando-a como um “texto narrativo de maior porte” (BRASIL, 2018, p. 95); na possibilidade de adaptação textual e na observação de elementos discursivos e de traços constitutivos do gênero (BRASIL, 2018, p. 157-185).

O currículo mínimo da rede municipal japeriense (2023) prevê o uso da crônica nos sexto, oitavo e nono anos do ensino fundamental. Esse documento normativo se limita a citar “crônica” (sexto e sétimo anos) e “crônica lírica” (nono ano), ou seja, sem qualquer outra informação adicional sobre contexto, tipo de crônica e/ou eventual predileção de autoria.

Já o penúltimo currículo mínimo de língua portuguesa e literatura da rede pública estadual fluminense (RIO DE JANEIRO, 2012) cita a crônica em dez oportunidades e, segundo o referido documento normativo, ela deve ser ensinada para os alunos matriculados a partir do nono ano do ensino fundamental.

Aos alunos no nono ano do ensino fundamental, recomenda-se reconhecer a importância da crônica no contexto da literatura nacional (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 12), identificar as diferenças entre esse gênero e outros como conto e romance (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 13).

No caso do ensino médio, é possível identificar a necessidade de perceber as diferenças entre as crônicas literárias e as jornalísticas sem explicitar as referidas divergências (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 15), além das características da crônica no pré-modernismo e no pós-modernismo sem citar qualquer autor (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 18-19). Esse documento me parece insuficiente para nortear as aulas.

Enquanto isso, o penúltimo currículo mínimo de produção textual (RIO DE JANEIRO, 2013, p. 15) da referida rede prevê o ensino de crônica somente no último ano do ensino fundamental, limitando-se à identificação dos aspectos constitutivos do gênero. Em tempo, vale destacar que a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro renomeia esta disciplina como letramento de língua portuguesa para fins de confecção de boletim escolar e publicidade do quadro de horários das turmas. Essa disciplina funciona como um reforço escolar de língua portuguesa, com dois tempos semanais para todos os alunos dos anos finais do ensino fundamental, tendo foco na interpretação textual e nos gêneros textuais previstos para cada período letivo.

A Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro publicou um novo currículo (RIO DE JANEIRO, 2022) no qual cita a crônica somente em três oportunidades para turmas do ensino médio regular e da educação de jovens e adultos (EJA) compreendendo três competências (EM13LP49, EM13LP40 e EM13LP49) da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Diferente da BNCC, o currículo fluminense de ensino aponta a necessidade do ensino da crônica somente no ensino médio (regular e EJA).

Segundo Uzêda e Scheffel (2023, p. 284), a crônica teve ampla recepção no contexto escolar. Em razão do seu jeito dialógico, ela nos permite os mais inventivos “trânsitos interdisciplinares com os currículos escolares praticados em várias disciplinas escolares” (UZÊDA; SCHEFFEL, 2022), pois, como informado em momentos anteriores deste trabalho, o gênero textual em análise consiste na constante observação dos acontecimentos da sociedade.

É importante lembrar que os gêneros textuais são moldados pelas convenções sociais dos usuários da língua, sendo a crônica uma dessas opções. Tendo em vista que a escola se propõe, dentre muitas questões, em ser um espaço de reflexão sobre o uso da língua enquanto um fenômeno histórico e social, é fundamental aproximá-la da realidade popular evitando “burocracias acadêmicas”. Nesse sentido, a crônica é um instrumento que viabiliza essa experiência escolar.

A crônica serve como uma “porta de entrada” para que os alunos da educação básica possam, no futuro, trabalhar com outros gêneros textuais. A crônica circula em diversos livros didáticos e paradidáticos, além de ser citada em competências previstas na Base Nacional Comum Curricular.

3.1. A crônica nos livros didáticos e paradidáticos

Durante a presente pesquisa, promovi a análise de vários livros didáticos procurando ver como a crônica é tratada nestas obras: os conceitos, os cronistas selecionados e suas propostas pedagógicas. Neste momento, identifiquei e analisei diversos livros didáticos de língua portuguesa que abordam o gênero crônica, alguns exemplos, que são obras aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), serão apresentados a seguir.

A coleção *Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem* (BALTHASAR; GOULART, 2018) exhibe a crônica em volume destinado ao oitavo ano

do ensino fundamental. As referidas autoras relacionam esse gênero textual com publicações em jornais e revistas.

Num primeiro momento, elas (BALTHASAR; GOULART, 2018, p. 16) propõem esse gênero em uma oficina de leitura e produção de crônicas, com recursos de paródia. Mais à frente, Balthasar e Goulart (2018, p. 44) abordam a crônica como um gênero jornalístico, fato que considero importante, pois mostra a potencialidade desse gênero além da seara literária.

Em outro momento, as autoras (BALTHASAR; GOULART, 2018, p. 210) exploram um artigo publicado em uma revista de grande circulação que menciona a importância dos cronistas que, no século XIX, retratavam suas concepções sobre a sociedade brasileira à época.

Na seção seguinte (2018, p. 212), Machado de Assis tem sua biografia apresentada de forma resumida. Entre a descrição, há destaque ao fato de que ele foi cronista. Em seguida, Balthasar e Goulart (2018, p. 224) propõem que os alunos leiam crônicas e outros gêneros produzidos por Machado de Assis.

A coleção *Multiversos: língua portuguesa* (2020) é destinada a alunos do ensino médio e compõe o PNLD edição de 2021. A *Crônica pra ninguém* (2018), de autoria de Antonio Prata e publicada na *Folha de São Paulo*, compreende as páginas 12 e 13 deste livro. Os autores do material didático não apresentam um conceito de crônica, fato que pode induzir à ideia de que eles pressupunham que os alunos tenham conhecimento prévio deste gênero textual.

Esta crônica está na seção “Todo leitor é autor, todo autor é leitor”, que consiste em apresentar a relação de troca entre autores e leitores, provoca a reflexão sobre a importância do repertório de leituras e apresenta alguns exercícios. Segundo seus autores, “é possível construir universos, expandir e reorganizar experiências e ainda receber e trocar mensagens: ler é um processo ativo, criativo, e acima de tudo, de produção de novos textos” (ODA; CAMPOS, 2020, p. 12).

Há cinco exercícios destinados à análise da crônica jornalística. O último exercício apresenta um fragmento de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2020, p. 17) e cita seu autor, Machado de Assis, como um cronista que lia obras de outros autores. Em suma, este exercício propõe uma análise entre o referido excerto textual e um parágrafo da crônica de Prata.

Na rede pública fluminense de ensino, circulam os livros da coleção *Geração Alpha língua portuguesa: ensino fundamental anos finais* (2018), que compõe o

PNLD para o quadriênio 2020 a 2023. A crônica é citada nos livros vocacionados para o nono e o sétimo anos.

Analisando o livro para as turmas de sétimo ano, é possível perceber que, desta vez, a crônica ganha mais destaque e Rubem Braga é apresentado como o “maior cronista brasileiro” (COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, p. 83). Seus autores comentam que a crônica, no Brasil, “ficou vinculada ao jornal e, apesar de ter a realidade como matéria-prima, não tem compromisso de informar fatos reais” (COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, p. 84). O produtor de crônicas tende a se inspirar “nos acontecimentos cotidianos e apresenta esses fatos sob um ponto de vista particular, acentuado seu caráter poético, humorístico ou crítico” (COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, p. 84).

Em seguida, Costa, Nogueira e Marchetti (2018, p. 85) mencionam que, no Brasil, as crônicas estão na “fronteira entre a linguagem jornalística e a literária”, que é uma importante observação. Alguns escritores produziram crônicas para serem publicadas em jornais e revistas. Em virtude da qualidade desses textos, essas crônicas foram reunidas e publicadas em livros. Durante as aulas, eu, por exemplo, costumo mostrar aos alunos que as crônicas literárias são fruto de um processo de ficcionalização da realidade, a partir da apreensão pessoal do cotidiano pelo cronista e marcas estilísticas.

Adiante, Costa, Nogueira e Marchetti (2018, p. 85) advertem os alunos:

Ainda que parta de um acontecimento banal, de menor importância, a crônica lança sobre ele um olhar peculiar, dando visibilidade a detalhes ou percepções que passariam despercebidos pela maioria das pessoas. Para acentuar o caráter poético desse acontecimento, é comum que o cronista recorra a comparações, descrições e enumerações, o que aumenta o efeito expressivo do que é narrado.

Essa concepção (COSTA, NOGUEIRA E MARCHETTI, 2018, p. 85) ilustra uma excelente possibilidade de leitura e de escrita na ambiência escolar, visto que os alunos podem estabelecer relações entre o gênero crônica e suas respectivas experiências.

Em outro momento, é possível observar as seguintes considerações acerca deste gênero textual:

O tom da crônica está ligado à intenção comunicativa do cronista. Um mesmo fato pode inspirar um texto humorístico, realista e dramático, reflexivo, soleno, etc. Assim, se o autor pretende enfatizar o humor da situação, é possível, por exemplo, uma situação final inesperada. [...].

As crônicas costumam ser publicadas em colunas fixas em revistas e jornais impressos ou on-line. Por isso, é comum o cronista usar um tom de conversa e fazer referência a mensagens enviadas a ele. [...]. Em uma crônica, o registro informal da linguagem é cuidadosamente trabalhado. Além disso, é comum que o autor use recursos como exagero para atingir efeitos desejados em seu texto como a tensão e o humor (COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, p. 98-99).

Homem no mar (2007, p. 272-273), de Rubem Braga, é a primeira crônica utilizada neste livro didático. A partir dela, são disponibilizados dezessete exercícios (2018, p. 84-93) que exigem, para seu pleno cumprimento, leitura e produção textual.

Em seguida (2018, p. 94-95), consta uma atividade que consiste na produção de uma crônica lembrando que esse gênero tem um público (leitores regulares de crônicas, colegas, professores, familiares e afins), um objetivo (lançar um olhar sensível sobre um acontecimento do cotidiano ressaltando seu aspecto poético) e sua circulação (biblioteca ou sala de leitura da unidade escolar), ou seja, seu roteiro didático está bem elaborado. A atividade tem o seguinte percurso: planejamento, elaboração do texto, avaliação docente, retextualização e publicação.

No próximo capítulo, há a crônica *Mexeriqueira em flor* (2018, p. 96-97), de autoria de Antonio Prata, e publicada no mesmo veículo de imprensa. A crônica trata da expectativa da filha (uma criança de dois anos) do cronista de que uma semente cresça e se transforme em uma mexeriqueira, conforme promessa de seu pai, mas, ao final, a semente evolui para uma flor. Enquanto o pai temia uma possível frustração da filha com a falta da mexeriqueira, ao perceber a felicidade dela com a flor, ele demonstra uma surpresa positiva com a reação da menina.

Em seguida, os editores deste livro didático utilizam quinze exercícios com a finalidade de analisar essa última crônica, com destaque para as atividades que exigem identificar as diferenças e as semelhanças entre esse gênero textual e notícias.

Ainda observando esta coleção, o livro destinado a alunos matriculados no nono ano apresenta o gênero crônica, só que, além da versão tradicional, ele também apresenta a crônica esportiva. Além da definição da crônica, os autores (CLETO; MARCHETTI; NOGUEIRA, 2018, p. 46-47) se preocuparam em trazer uma contextualização histórica e algumas observações, a saber:

Em sua origem, no século XV, o gênero crônica era o relato de fatos verídicos, apresentados em ordem cronológica, e que estavam ligados aos feitos dos reis e da corte. O formato mais próximo do que conhecemos hoje como crônica, ou seja, um gênero ligado ao jornalismo, surgiu na primeira metade do século XIX.

Inicialmente, a crônica publicada em jornal se assemelhava a um artigo sobre questões políticas, sociais, artísticas e literárias. Com o tempo, o caráter predominantemente argumentativo foi diminuindo e a crônica passou a simular um diálogo com o leitor e a tratar, de forma amena, de temáticas cotidianas. Aos poucos, a crônica ganhou leveza e, na medida em que esse gênero assumiu o propósito de divertir, o humor foi se tornando mais constante nesses textos. [...].

Se no século XIX, as crônicas começaram a ser produzidas para jornais e revistas, no século XX, a efemeridade da crônica passou a ter status literário: em virtude de sua qualidade, as crônicas passaram a ser reunidas e publicadas em livros.

A produção da crônica está condicionada à regularidade exigida pelo fluxo constante do jornal. Apesar de circular na esfera jornalística, o registro informal da crônica e a valorização de um texto fluente estão entre os fatores que concorrem para atrair o leitor, com a temática com que o público se identifica, isto é, próxima das inquietações.

O capítulo intitulado “diálogo com o leitor” apresenta uma crônica (2014, p. 325-326), de Artur Azevedo, cujo título não é revelado, mas, segundo o livro didático, sua referência bibliográfica é a coleção *melhores crônicas* (2014) e foi publicada na edição de 3 de agosto de 1907 do extinto jornal O País. A crônica apresenta uma reflexão do cronista acerca da ortografia da língua portuguesa após ser provocado por alguém que lhe escreveu uma carta.

A partir dessa crônica, o livro didático (2018, p. 44-56) exhibe quinze exercícios, sendo o último uma atividade que exige a elaboração de uma crônica tendo como base o mesmo roteiro exibido no livro anterior.

O mesmo livro didático apresenta a crônica esportiva (2018, p. 76-87) através de um texto como exemplo, conceitos e exercícios. A crônica *Onde futebol é coisa de mulher* (2016), de Mariana Lajolo, é utilizada para exemplificar esse gênero. No contexto da realização dos jogos olímpicos de 2016 (ano da publicação da crônica) no Rio de Janeiro, a cronista denuncia a desigualdade salarial e de premiações entre homens e mulheres no mercado futebolístico e o machismo existente nesse esporte.

Sua publicação está disponível na página virtual do jornal Folha de São Paulo (2016). Ao analisar essa crônica, identifiquei elementos que a aproximam de um artigo de opinião, fato que reforça o hibridismo da crônica. Os autores do referido livro definem a crônica esportiva da seguinte maneira:

A crônica esportiva se baseia em acontecimentos atuais, próximos ao momento de sua produção. No entanto, ela também pode retomar fatos distantes, quando eles têm relação com a ocorrência atual abordada e o cronista tem interesse em relacioná-los.

Além de abordar eventos pontuais, a crônica esportiva pode eleger como tema uma discussão ou uma polêmica mais abrangente que esteja em curso.

Ela não precisa apresentar uma abordagem totalmente técnica. Os dados objetivos podem ser utilizados para sustentar a análise feita pelo cronista. O caráter subjetivo com que o assunto é tratado fica evidenciado pelo destaque dado ao nome do cronista e ao ponto de vista explícito no texto. Alguns veículos identificam os autores como cronistas com uma imagem de seu rosto.

A crônica esportiva vincula-se ao momento de produção. Publicada com regularidade no veículo em que circula, reporta-se, em geral, a acontecimentos recentes. Sua regularidade pode criar uma história de análises. Assim, uma crônica pode fazer referência a outra anterior, fidelizando o leitor. Com registro mais informal do que a notícia, o autor não tem compromisso de reproduzir os fatos. Ao contrário, apresenta-os de acordo com seu ponto de vista. Por isso, em muitos casos, há marca de primeira pessoa ou de expressões

que configuram o estilo do cronista, que se caracteriza pelo uso de recursos linguísticos que produzem um efeito de sentido de proximidade com o leitor (NOGUEIRA, MARCHETTI, CLETO, 2018, p. 78-79)

Após esta definição, os autores apresentam catorze exercícios que versam sobre a análise da referida crônica esportiva. Em seguida, há um exercício que consiste na produção de uma crônica esportiva tendo como objetivo provocar uma reflexão sobre a discriminação das mulheres no esporte pela imprensa, tema de relevância social.

Na rede pública fluminense de ensino, circulam os livros da coleção *Tecendo linguagens: língua portuguesa* (2018), que compõe o PNLD para o quadriênio 2020 a 2023. A crônica é citada nos livros para o oitavo e o sétimo anos do ensino fundamental.

No livro destinado ao sétimo ano do ensino fundamental, essas autoras exploram a crônica *Comunicação* (1977), de Luis Fernando Verissimo, que versa sobre um diálogo inusitado entre vendedor e consumidor, visto que este tem dificuldade em expor o que deseja comprar.

Em seguida, as editoras desse livro didático apresentam cinco exercícios com a finalidade de que os alunos façam uma breve análise textual, algo bem espontâneo. Em outro momento, as autoras apresentam uma definição desse gênero textual e tecem as seguintes considerações:

Crônica é um gênero textual de narrativa breve, geralmente, produzida para ser publicada em jornais ou revistas. Refere-se a assuntos do cotidiano e, às vezes, mistura os níveis de linguagem formal e informal. Apresenta poucos personagens que, na maioria das vezes, não têm nomes específicos, pois são nomeados de maneira genérica, relacionados ao papel social exercido na situação comunicativa, como: o menino, a menina, o pai, a mãe, o professor, o garçom, a mulher.

Muitas crônicas estruturam-se em forma de diálogo total ou parcialmente, o que produz no texto efeito de atualidade e dinamismo.

Uma das características desse gênero textual é levar o leitor a refletir sobre um fato ou uma situação do cotidiano. Para isso, pode ou não

utilizar o humor como recurso expressivo na construção de sentido do texto (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, p. 18).

O fato de a crônica apresentar “poucos personagens” (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, p. 18) tende a associar o gênero à questão narrativa. Para estabelecerem esse conceito, as autoras selecionaram texto de Luis Fernando Verissimo, que pratica esse tipo de crônica, que se aproxima da piada. A própria estruturação textual em forma de diálogo é algo comum nas obras de alguns cronistas como Verissimo e Drummond, por exemplo.

Em seguida, Araújo e Oliveira (2018, p. 19) comentam que algumas obras literárias intituladas como crônicas têm características dissonantes à definição trazidas nesse livro didático, tais como: relatos breves, publicações em jornais e revistas e narração de assuntos cotidianos. As autoras citam a famosa obra *As Crônicas de Nárnia* (2004) como exemplo.

Em seguida, as produtoras do material didático exibem a definição de crônica segundo o dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009). Entre as três definições apresentadas, destaca-se a que legitima o uso de seres fictícios por meio da “prosa ficcional, relato com personagens e circunstâncias alentadas” (INSTITUTO ANTONIO HOUAISS, 2009 apud ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, p. 19), conceito que se aproxima do modelo de crônica literária.

Com essas informações disponíveis, as autoras (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018) do referido livro didático utilizam dois exercícios para que os discentes possam identificar as diferenças entre as crônicas mencionadas e apontá-las no curso das suas respectivas respostas.

Na página vinte e três do livro didático, é possível consultar uma breve biografia do cronista Luis Fernando Verissimo. Nas páginas seguintes, pode-se observar charge e tirinhas sobre situações do cotidiano como problemas no trânsito, dificuldades de comunicação e afins; esses recursos são eficientes, pois servem para facilitar a contextualização e convergem com o conceito basilar desse gênero, que consiste no registro de fatos comuns na vida urbana.

Nas últimas páginas da seção “Comunicação em diferentes linguagens” (2018, p. 24-27), que contém as informações sobre o gênero textual em discussão, as autoras propõem uma reflexão sobre fatos do dia a dia. A partir dessa análise, os alunos são provocados a verbalizar suas observações com seus pares e com o

regente da turma, ou seja, os discentes são provocados a terem uma postura ativa, autoral e analítica. Considero esta proposta realizável e eficiente para o ensino da crônica.

Enquanto isso, para os alunos matriculados nas turmas de oitavo ano, as mesmas autoras se limitam ao uso do texto *Trágico acidente de leitura* (1995 apud ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, p. 20), de Mario Quintana. Na mesma página, elas apresentam uma breve biografia do autor do texto.

Em seguida, Araújo e Oliveira (2018, p. 20-21) apresentam oito exercícios que consistem somente na mera interpretação textual e na definição lexical do vocábulo “abscôndito”. Desta vez, diferente da edição destinada à série anterior, as autoras não apresentam qualquer definição desse gênero textual.

O livro *Aprova Brasil: língua portuguesa* (2020), que compõe a coleção *Soluções Modernas*, é o exemplar mais recente a que tive acesso que aborda o gênero crônica. Em 2023, esse livro foi distribuído para todos os alunos do terceiro ano do ensino médio em regime de “comodato”, isto é, os alunos só tinham acesso ao livro durante as aulas, esse regime foi adotado pela Secretaria de Estado de Educação sem justificativa expressa. Ao fim dessas, cada professor de língua portuguesa recolhia os livros e os guardava na sala *maker* da unidade escolar.

Não gosto de receber “imposição” para uso de determinados materiais didáticos, ainda mais conhecendo o interesse de muitas editoras em promover lucro com a venda de seus materiais. Infelizmente, os alunos precisaram se sujeitar a tal imposição, pois a editora em questão elaborou um simulado que foi utilizado como instrumento avaliativo. Em tempo, destaco a necessidade da autonomia curricular pelos educadores, pois cada docente faz o diagnóstico de sua classe discente e é o profissional mais preparado para promover intervenções que solucionem melhorias no processo de ensino, que precisa acontecer em parceria com os alunos no dia a dia. Como aponta o mestre Paulo Freire (2014, p. 31), o ato de ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, que também são sujeitos desse processo.

Agora, retomando a revisão bibliográfica do último material, há um ponto importante para a discussão: a presença da crônica. Sua lição onze prevê o ensino da crônica argumentativa. A autora define esse gênero como o resultado de uma “variação da crônica jornalística que se aproxima do artigo de opinião [...], apresenta características da crônica e dos textos dissertativos-argumentativos” (AOKI, 2020, p. 61).

Além disso, Aoki destaca a presença da ironia nessa modalidade de crônica e aponta que sua natureza argumentativa é marcada pela construção de um texto “breve, subjetivo [...] com linguagem simples e coloquial e com temas do cotidiano que, sob o olhar do cronista, induzem à reflexão” (AOKI, 2020, p. 61).

Ao longo deste capítulo, a autora apresenta a crônica argumentativa *Pré-sal* (2009), de autoria do jornalista Antonio Prata, e publicada no jornal *Estadão*. Essa crônica reúne estudos em relação ao derretimento das calotas polares. De forma irônica, Prata vê “vantagem” em São Paulo, que, com o aumento do nível dos oceanos, poderia se tornar em uma cidade praiana e faz diversas referências ao Rio de Janeiro (biscoito Globo, Lagoa Rodrigo de Freitas, Barra da Tijuca e camelôs com sotaque carioca).

Em seguida, ela apresenta doze questões que guardam relação com o texto jornalístico em análise, que versam sobre a identificação da sua tese, da construção argumentativa, da presença do humor e das referências intertextuais. Considero bons os exercícios, tanto sobre sua aplicação quanto a sua eficiência, mas exploraria a interdisciplinaridade com conhecimentos geográficos e de variedades linguísticas, visto que a crônica nos permite esse trânsito.

A crônica ocupa espaço em livros didáticos e paradidáticos que transitam nas unidades de ensino Brasil afora. Entre as opções de livros paradidáticos, destaco a coleção *Para gostar de ler* (2011), que traz à baila discussões atuais e induz a ideia de que esse gênero é adequado para o processo de formação de leitores no ambiente escolar (UZÊDA; SCHEFFEL, 2022).

Na biblioteca escolar do Colégio Estadual Rubens Farrulla, estão disponíveis os volumes 14 e 15. O primeiro (1996) traz trinta crônicas de Luis Fernando Verissimo, enquanto o segundo (1997), vinte e cinco crônicas de autoria de Carlos Eduardo Novaes. Ambas são a quarta edição de seus respectivos volumes. Tendo em vista que o município de São João de Meriti não tem qualquer biblioteca pública não-escolar, as unidades escolares da rede pública contribuem na oferta de obras a serem lidas pela comunidade escolar.

Joaquim Ferreira dos Santos selecionou *As cem melhores crônicas brasileiras* (2007). Segundo ele, sua seleção tem como base a “subjetividade máxima, como convém ao gênero” (SOARES, 2009, p. 19). Por mais que o título seja “ousado”, de fato, as crônicas selecionadas trazem importantes valores estéticos e há diversidade de autores (2007, p. 15).

A edição a qual tenho acesso foi distribuída em julho de 2009 pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro pelo programa “Rio, uma cidade de leitores”. As crônicas estão distribuídas por intervalos temporais que vão do ano de 1850 ao início deste século. É notória a variedade autoral, que contempla produções de jornalistas, escritores, políticos, cantores, compositores, chargistas, dramaturgos e outros profissionais.

Outra opção é a obra *Lima Barreto: cronista do Rio* (2020), que é organizada por Beatriz Resende e publicada pela Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. A referida organizadora seleciona cinquenta crônicas desse autor que retrata diversos problemas sociais vividos na região metropolitana fluminense. É importante reiterar que os relatos trazidos por Lima Barreto convergem com problemas contemporâneos comuns no dia a dia de cariocas dos subúrbios e moradores dos municípios da Baixada Fluminense.

Com ilustrações de Sérgio Rossi e edição de Alexandre Statut, há a obra *Conversas sobre política* (2018), que reúne trinta e oito crônicas de Rubem Alves. Segundo sua capa, a publicação compõe o PNLD literário para o Ensino Médio. Algumas das crônicas selecionadas foram publicadas nos jornais *Folha de São Paulo* e *Correio Popular*.

Através de seus textos críticos, Rubem Alves apontou caminhos para uma possível transformação social e exercícios da cidadania explorando o humor. Segundo o editor, o cronista em análise “propõe-se a fazer o leitor refletir sobre seu papel como cidadão e eleitor responsável pelas suas escolhas políticas” (ALVES, 2018, p. 164).

As crônicas escolhidas abordam temas como: corrupção no meio político, educação incapaz de promover consciência política à maioria da sociedade brasileira e críticas ao capitalismo, à ditadura e ao comércio de drogas lícitas (cigarros e bebidas alcoólicas), a religiões, aos privilégios de alguns, à violência urbana e a outros problemas sociais.

A quinta edição de *O melhor crônica brasileira* (2007) apresenta trinta e oito crônicas dos seguintes autores: Ferreira Gullar, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Luis Fernando Verissimo. Também obtive esta edição na biblioteca escolar professora Gilda Martins de Azevedo.

Segundo nota da editora responsável pela publicação, essa obra nos permite trabalhar com “relevante material literário, visando à simples leitura, à interpretação,

ao exame do vocabulário, à análise literária em geral” (FERREIRA GULLAR et al, 2007, p. 7). Além disso, a referida nota aponta que essa seleção tem elementos suficientes para promover estudos destinados a alunos a partir do penúltimo ano do ensino fundamental em diante.

Outra alternativa de livro paradidático é a *Antologia da crônica brasileira: de Machado de Assis a Lourenço Diaféria* (2005). Em sua primeira edição, sob a organização e apresentação de Douglas Tufano, é possível identificar que ela compôs o acervo do antigo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) em 2009.

Além dos cronistas mencionados no título, há crônicas de Olavo Bilac, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, Luís Martins, Rachel de Queiroz, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Carlos Eduardo Novaes. Ao todo, são cinquenta e duas produções selecionadas.

Na oportunidade, o organizador esclarece que a “limitação do espaço e a impossibilidade de obter autorização legal para alguns autores obrigaram-nos a deixar de lado certos cronistas importantes como Rubem Braga, por exemplo” (TUFANO, 2005, p. 9). Mesmo assim, os cronistas selecionados compõem “um excelente conjunto, permitindo ao leitor uma boa visão da história da crônica brasileira” (TUFANO, 2005, p. 10). No final da edição, é possível consultar breves notas biográficas sobre os autores das crônicas.

Outra coleção sobre o assunto em pesquisa se chama *Crônicas para ler na escola*. Considerando as edições que tive acesso na supracitada biblioteca escolar, Marisa Lajolo selecionou crônicas de José Roberto Torero (2011), Sylvia Cyntrão reuniu crônicas de Ruy Castro (2010) e, por fim, Regina Zilberman escolheu crônicas de João Ubaldo Ribeiro (2010), Ronaldo Correia de Brito (2011), Ignácio de Loyola Brandão (2010), Moacyr Scliar (2011) e Marcelo Rubens Paiva (2011).

Os livros didáticos pesquisados trazem inúmeros exercícios passíveis de serem realizados em sala de aula e conceitos que convergem com as características desse gênero. A rigor, considero importantes os livros paradidáticos mencionados nesta pesquisa-ação para leituras complementares e de caráter mais autônomo.

Por fim, os livros didáticos e paradidáticos pesquisados trazem uma diversidade de autores (incluindo autoras), de temas, de contextos históricos e de tipos de crônicas, porém nenhum deles trata a crônica como gênero literário, cujo

vácuo de ensino eu busco supri-lo através das oficinas de leitura e escrita que desenvolvi e apresento em capítulo destinado a este fim neste trabalho.

Segundo apuração de Uzêda e Scheffel (2022), há uma diversidade de cronistas nos acervos de programas de leitura, como o extinto PNBE (Programa Nacional de Biblioteca da Escola) e o PNLD Literário. Na última edição deste programa, figuram autores consagrados no gênero como Ignácio de Loyola Brandão, Marcos Rey e Rubem Braga (UZÊDA; SCHEFFEL, 2022).

No contexto escolar, a crônica aparece em livros didáticos e paradidáticos, nos currículos escolares e nas edições do exame nacional do ensino médio. A sala de leitura do Colégio Estadual Rubens Farrulla dispõe de livros de crônicas, inclusive as esportivas que têm o futebol como tema.

Considerando que o PROFLETRAS é um programa de mestrado profissional que abriga professores de língua portuguesa com atuação na educação básica, é natural que nós, estudantes deste programa, analisemos livros didáticos para que, eventualmente, possamos utilizá-los durante o lecionamento da disciplina que estamos habilitados.

Conforme visto ao longo deste trabalho, em especial neste subcapítulo, a crônica aparece em livros didáticos e paradidáticos. Por perfazer questões comuns da ambiência urbana, a crônica produzida no Brasil tem o futebol como “matéria-prima” em muitas produções.

Sendo assim, pesquisei e identifiquei algumas dissertações no repositório do PROFLETRAS e de outros repositórios acadêmicos que abordam a crônica e o futebol, cujo resultado passo a apresentar a partir de agora.

3.2. A crônica e o futebol em trabalhos do PROFLETRAS e em outros repositórios

Em consulta recente ao repositório¹⁰ do PROFLETRAS, programa de Mestrado profissional em que estou matriculado, há sessenta e sete dissertações disponíveis por meio da consulta à palavra “crônica” no campo “título”. Consultando pelas palavras “crônica esportiva”, não aparece nenhum trabalho.

¹⁰ Disponível em: <<https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes#.Y-ciTnbMLIU>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Até então, não há trabalho que verse sobre crônica esportiva (considerando a pesquisa no campo “título”). Ao pesquisar a palavra “futebol”, que é o tema engajador deste trabalho através das crônicas esportivas, no mesmo banco de dados, por ora, é possível identificar somente duas dissertações, a saber: *O universo linguístico do futebol: um estudo da metáfora e da metonímia no 9º ano do ensino fundamental* (2017), de Luciano Ferreira Bittencourt, e *Proposta de leitura discursiva para 9º ano a partir da crônica namoro e futebol*, de Moacyr Scliar (2019), da mestra Silvia Adriana Trolez Gonçalves.

Segundo Bittencourt (2017, p. 8),

a linguagem do futebol é um dos fenômenos linguísticos reveladores de aspectos importantes da língua, [...] a linguagem do universo futebolístico acaba refletindo não só a dinamicidade da nossa língua por meio da ampliação do léxico, mas, sobretudo, a capacidade criativa dos usuários de um sistema linguístico. Além disso, a constituição desta linguagem específica explicita o intercâmbio linguístico existente entre vários domínios da língua, refletindo a enorme e profunda relação existente entre léxico e cultura.

Ele destaca que sua pesquisa é constituída “por termos e expressões do universo futebolístico, retirados das páginas de esporte” (BITTENCOURT, 2017, p. 8) de um veículo de imprensa. A partir desse contexto, ele organizou seu trabalho da seguinte maneira: “objetivamos (i) compilar um vocabulário com termos e expressões do universo linguístico do futebol e (ii) propor uma sequência didática para reflexão [...] acerca da metáfora e da metonímia” (BITTENCOURT, 2017, p. 8).

Apesar de o trabalho de Bittencourt (2017) não focar na crônica, é comum que metáforas ocupem crônicas, sobretudo, as que exploram o humor, inclusive tendo o futebol como tema de suas produções. A rigor, o cronista pode escrever suas observações sobre esse esporte, que conta com muita audiência, e utilizar essa figura de linguagem ao longo de suas produções.

Agora, analisando a última dissertação mencionada, Gonçalves (2019, p. 10) define que seu trabalho visa a seguinte finalidade:

[...] entender como os aspectos práticos da leitura têm se concretizado em nossas escolas, identificando os espaços falhos que tais atividades deixam na formação dos leitores. Buscamos como objetivo compreender em nossa pesquisa como a leitura discursiva

tem sido trabalhada, para elaborarmos nossa proposta a partir da crônica Namoro e Futebol (2005), de Moacyr Scliar. Nas atividades de intervenção, elaboramos um material didático em forma de oficinas de leitura, as quais trouxeram uma variedade de gêneros textuais para estudo e análise de aspectos relevantes na prática da leitura discursiva em sala de aula. Nossa pesquisa apresenta importância para a transformação da realidade na qual os sujeitos da pesquisa estão circunscritos, pois por meio da leitura discursiva podemos entender os mecanismos de produção de sentidos dos textos e, além disso, buscar o entendimento de que os sentidos podem ser outros [...] (GONÇALVES, 2019, p. 10).

Sua pesquisa tem natureza qualitativa, na modalidade da pesquisa-ação. Seus resultados foram obtidos a partir do exercício da “leitura que valoriza a história de leitura de nossos sujeitos da pesquisa. Portanto, nossa pesquisa nos mostrou que podemos significar de modos diferentes [...]” (GONÇALVES, 2019, p. 10). A partir dessa experiência, ela conclui que “podemos então, significar com respeito e ética, quando nos colocamos diante de outros sujeitos, criando e recriando sentidos no mundo” (GONÇALVES, 2019, p. 10).

As contribuições de Gonçalves (2019) convergem com a expectativa deste trabalho, pois pretendo trabalhar com a retextualização de crônicas esportivas respeitando a apropriação enunciativa de cada aluno como sujeitos-autores (a partir de suas experiências de vida, preferências e processo criativo) e sujeitos-leitores (balizando suas observações com base nas características do gênero, em especial, durante o exercício da revisão por pares).

Dentre as dissertações consultadas e lidas no repositório do PROFLETRAS, essas duas últimas, da mestra Silvia Adriana Trolez Gonçalves (2019) e do mestre Luciano Ferreira Bittencourt (2017), são as que mais se aproximam dos objetivos desta dissertação de minha autoria.

Sendo assim, percebo que estas dissertações têm em comum o fato de identificarem aspectos da crônica; em alguns casos, há a preocupação de explorá-la a partir de um letramento crítico. Os dois únicos trabalhos que mencionam futebol não focam na crônica esportiva. Nesse sentido, mesmo com as devidas contribuições já citadas, este trabalho tende ao pioneirismo de discutir a importância do ensino da crônica esportiva literária no processo de letramento escolar.

A rigor, a crônica permite que seu autor reflita sobre situações do cotidiano com leveza, ou seja, sem que haja a necessidade de conter “formalidade” e/ou uso de termos técnicos. Com o advento da internet, a possibilidade de dar publicidade aos textos em ambiente virtual, ou seja, sem que exista a obrigatoriedade de publicá-los através de algum veículo de imprensa, torna a crônica em um gênero mais inclusivo para autores e leitores.

Segundo Uzêda e Scheffel (2022), “a crônica também se presta a ampliar o repertório leitor e cultural dos alunos ao trazer um grande número de autores de diferentes espaços e tempos da literatura brasileira”. Os autores lembram que existe uma “renovação das vozes que praticam a crônica, com o surgimento de autores negros e indígenas [...] a exemplo de Cidinha da Silva e Daniel Munduruku” (UZÊDA; SCHEFFEL, 2022).

Além disso, crônicas têm sido exploradas em questões de concursos públicos, entre eles, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que em sua penúltima edição, realizada em novembro de 2022, apresentou duas questões que abordavam esse gênero.

Nesse sentido, é importante destacar que a presença regular da crônica “nestes exames reforça a ideia de que o gênero foi visto ao longo de toda educação básica e que constitui parte da bagagem leitora dos candidatos a ingressar no ensino superior” (UZÊDA; SCHEFFEL, 2022).

Sobre a crônica esportiva, a base no Programa Educacional de Desenvolvimento da rede paranaense de ensino (FOGAÇA, 2013, p. 16) destaca que, a partir do exercício da leitura de textos esportivos, os alunos são capacitados para reproduzirem esse gênero. Como resultado de seu trabalho pedagógico, Fogaça conclui que a crônica esportiva “é um gênero que tem uma leitura prazerosa e que pode ampliar seus horizontes culturais, sociais e intelectuais” (FOGAÇA, 2014, p. 29).

Além disso, a autora defende que o emprego da crônica esportiva influencia o aluno “a desenvolver suas capacidades de conhecer, criar, compreender, dando a ele a oportunidade de aproximar-se de diversas situações de comunicação que possivelmente podem conduzi-lo à construção do seu próprio conhecimento” (FOGAÇA, 2014, p. 32-33).

Além de concordar com Fogaça, nesta dissertação, reitero que pretendo utilizar a retextualização de crônicas esportivas e o recurso da revisão por pares na

composição das atividades de leitura e escrita desse gênero. Essa construção coletiva permitirá aos alunos o ensino das características da crônica esportiva e o aprimoramento da escrita escolar. Considerando a audiência que o futebol tem, ele se torna em um elemento engajador nesse processo criativo.

Por fim, Fogaça (2014, p. 33) enfatiza que, ao longo da aplicação de suas oficinas utilizando a crônica esportiva, identificou a progressão dos alunos no que se refere à leitura, interpretação, análise linguística e crítica das crônicas, visto que eles apresentaram uma leitura clara e acessível. Sua experiência demonstrou que é possível explorar esse gênero como um objeto de ensino da língua portuguesa.

Neste momento, reitero a minha observação sobre o apreço de diversos alunos pelo futebol a ponto de engajá-los em profundas e acaloradas discussões. Com grande apelo popular, o futebol é um tema engajador de leitura e de outras competências comunicativas.

4. A RELAÇÃO DO FUTEBOL COM A LEITURA

É notório que o futebol é um esporte que desperta paixões, mobiliza pessoas e compõe a nossa formação identitária, sobretudo, dos indivíduos latino-americanos e europeus. O futebol é citado em diversas produções literárias produzidas no Brasil, que é tido como o “país do futebol”.

Como dito em algumas oportunidades, ao longo desta dissertação, a crônica é um gênero textual que aborda o cotidiano, em especial, da vida urbana. Esse gênero nos permite cobrir a relação entre o futebol e os brasileiros, inclusive aqueles que não apreciam esse esporte, como era o caso do famoso cronista Lima Barreto.

Durante as aulas que promovo, em muitos casos, preciso mobilizar meus alunos para que leiam textos e estabeleçam reflexões sobre esses. Percebo que, quando utilizo os temas “tradicionais” da rotina escolar, poucos se sentem motivados em participar; contudo, quando exploro saberes populares (sendo um deles o futebol), todos se engajam e se sentem encorajados a opinar.

Durante a minha adolescência e a minha infância, eu me lembro de ler o noticiário esportivo para tomar ciência de diversos campeonatos de futebol, inclusive de alcance internacional. Eu, por exemplo, costumava comprar jornais específicos sobre futebol ou lia com mais atenção, os cadernos esportivos de grandes veículos de imprensa. Assim como outros milhões de brasileiros, o futebol faz parte da minha experiência leitora.

Em *“Aunque lea poco, yo sé que soy listo”. Estudio de caso sobre un adolescente que no lee literatura* (2009, p. 97-112), um artigo publicado em língua espanhola, os articulistas Cristina Alligas, Josep M. Castellà e Daniel Cassany relatam o caso de um jovem que não se sente motivado a ler os textos literários que compõem a “tradição escolar”. Esse artigo analisa um caso na Espanha, mas sua situação se assemelha ao contexto brasileiro.

Ao ser entrevistado pelos autores, o jovem estudante confessa que gostaria de estudar Educação Física para que, no futuro, consiga trabalhar como comentarista esportivo, porém o entrevistado tem ciência de que necessita se engajar nos estudos para atingir seu objetivo. O jovem tinha dificuldades na escola (ALLIAGAS; CASTELLÀ; CASSANY, 2009, p. 104-105).

Arnau, o entrevistado, era torcedor apaixonado do Barcelona, famoso clube espanhol. Para obter informações de seu clube de futebol, o jovem buscava

informações na internet e em periódicos, ou seja, para essa finalidade, ele fazia aquilo que demonstrava não gostar: ler (ALLIAGAS; CASTELLÀ; CASSANY, 2009, p. 105-106).

Segundo apuração dos referidos pesquisadores (ALLIAGAS; CASTELLÀ; CASSANY, 2009, p. 105-106), o futebol engajava Arnau a ler de forma autônoma, diferente da rotina escolar, cuja leitura canônica ele via como algo desestimulante como se cumprisse uma penitência. Ele traduzia sua experiência de vida social através do futebol e, na sua concepção, contribuía com a sociedade compartilhando suas análises.

Ao final do presente artigo, Alliagas, Castellà e Cassany (2009, p. 111) destacam que o processo de democratização da leitura produz um crescimento exponencial de novos contextos e práticas de letramento, que permitem novas formas de usar textos, pensar o exercício da leitura e promover adaptações à luz das novas "identidades letradas".

Dito isso, é possível observar que há inúmeros "Arnaus" no mundo ocidental afora, eu mesmo fui um deles. Hoje em dia, amplio meu repertório de leitura, que inclui textos canônicos e outros sem apelo acadêmico, dentre esses, em especial, temas que envolvem o futebol. Conheço diversos outros colegas, inclusive bem mais escolarizados do que eu, que têm prazer em ler e escrever sobre futebol.

Como pôde ser observado ao longo deste trabalho, o futebol é matéria-prima de produções literárias, sobretudo, do gênero crônica. Inúmeros cronistas consagrados abordam a importância do futebol na nossa formação identitária e, por conseguinte, na construção da nossa literatura.

Nelson Rodrigues (1993 apud PRADO, 2018), icônico torcedor do Fluminense, disse: "o que nós procuramos nos clássicos nas peladas é poesia". Em outra citação, "a crônica esportiva está para a crônica, assim como o espírito esportivo está para o espírito humano. Somos a pátria de chuteiras, sim" (RODRIGUES apud FOGAÇA, 2013, p. 5).

Segundo o colorado (torcedor do Internacional) Luis Fernando Verissimo (2010),

A paixão pelo futebol não precisa ser explicada para quem tem paixão pelo futebol. Para quem não tem, precisa. Não só explicada como defendida. [...]. É uma parte importante da vida. [...]

E se mesmo assim não entenderem a paixão pelo futebol, é porque lhes falta uma parte do cérebro ou do coração. Ou talvez sejam de outra raça.

O mais famoso torcedor do América de Recife, João Cabral de Mello Neto, definiu a bola de futebol como “um utensílio semivivo, de reações próprias como bicho, e que, como bicho, é mister [...] usar com malícia e atenção dando aos pés astúcias de mãos” (apud FOGAÇA, 2013, p. 7).

Segundo a revista francesa *Le Nouvel Obs* (2017), Albert Camus, escritor, filósofo, jornalista franco-argelino e ex-goleiro júnior do Racing de Alger, durante 1928 a 1930, disse em uma entrevista, em 1953, concedida ao Boletim da Corrida Universitária de Argel: “Aprendi imediatamente que uma bola nunca vem do lado que você esperava. Isso me serviu bem na vida e especialmente na metrópole onde não somos honestos”. Nesse sentido, é clara a concepção negativa que Camus faz do futebol atribuindo-lhe à classificação de ensino da “desonestidade”, inclusive como um “ensino de vida”.

Embora não seja contemporâneo de Camus, Lima Barreto, um dos principais cronistas da literatura brasileira, demonstra seu despreço com o futebol a ponto de propor a criação de uma liga contra esse esporte alegando que sua prática promovia um clima beligerante entre seus adeptos, além de o esporte, à época, ser praticado e assistido por membros da burguesia fluminense.

Mesmo assim, Lima Barreto produziu crônicas tendo o futebol como tema, a seguir, destaco algumas. Em *Bendito football* (1921 apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 432-434), Lima Barreto criticava o fato de o presidente da República, à época, interferir **na convocação** de atletas negros para a realização de uma competição disputada na Argentina, país que, até hoje, é palco de inúmeros atos de injúria racial praticados contra torcedores e jogadores brasileiros em jogos organizados pela Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL).

Em *Uma partida de football* (1919 apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 29), Lima Barreto denunciou uma suposta violência no exercício do esporte ao compará-lo com uma luta de gladiadores, reduziu o esporte ao ato regular de dar “pontapés na bola” e aproveitou para provocar Coelho Neto, seu desafeto. Um fato histórico nessa crônica figura no registro da palavra “torcedora” para definir a mulher que torce por uma equipe de futebol, definição criada por Coelho Neto, no antigo

campo da Rua Guanabara, atual rua Pinheiro Machado, e onde abriga, hoje em dia, o estádio das Laranjeiras; durante as partidas do Fluminense Football Club.

A crônica *O football* (1922 apud RESENDE; VALENÇA, 2004, p. 531) exhibe a preocupação do Lima Barreto com a postura violenta de alguns torcedores e o mercado de apostas em torno do futebol. Esses problemas continuam em vigor, visto que há forte policiamento em partidas de futebol para evitar confronto entre torcedores rivais e agressões a atletas visitantes. Além disso, no Brasil, tem repercutido o escândalo da manipulação de resultados em jogos Brasil afora, inclusive jogadores têm confessado participação nesse esquema ilícito.

Sendo assim, é possível perceber que o futebol é uma pauta que inquieta a sociedade, até mesmo, o rejeitando. Camus e Barreto são exemplos de críticos do seu exercício em diferentes contextos temporais, regionais e de motivação de suas respectivas críticas.

Após a apresentação de posições contrárias, um princípio democrático do amplo contraditório, retomo o curso das avaliações positivas. O premiado escritor Marcelo Moutinho, por meio da sua crônica¹¹ *A palavra em campo* (2021), que está disponível em ambiente virtual e na revista *Bravo! Futebol e literatura*, faz um ótimo levantamento histórico sobre essa relação entre futebol e literatura.

Segundo ele (MOUTINHO, 2021, p. 11-12), Lima Barreto, Graciliano Ramos e Oswald de Andrade fizeram campanha contra o futebol alegando que esse esporte promovia violência e exclusão social. No que pese, no início do século XX, de fato, o futebol era um esporte praticado, em sua maioria, por pessoas brancas e de classe média.

No começo do século passado, período em que o futebol foi introduzido no Brasil, Afrânio Peixoto e Coelho Neto foram os primeiros escritores que se mostravam entusiastas com esse esporte. Na década de 1940, quando o futebol tinha se popularizado, José Lins do Rego dedicou o romance *Água-mãe* (2012) ao escritor Alcântara Machado, que também citava o futebol em seus contos. Algumas décadas depois, outros escritores como Edilberto Coutinho, Sérgio Sant'Anna e Rubem Fonseca passaram a abordar o futebol em suas obras.

Entre cronistas, João Saldanha, Sandro Moreya, Armando Nogueira, Mário Filho, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Luis Fernando Verissimo, Cristovão Tezza e Clarice Lispector são alguns destaques. Saldanha atuava como

¹¹ Disponível em: <<https://rascunho.com.br/liberado/a-palavra-em-campo/>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

jornalista e se tornou técnico do Botafogo de Futebol e Regatas e da seleção brasileira de futebol.

Há meses da copa de 1970, ele foi afastado da seleção brasileira por intervenção direta do presidente da República, à época, pois Saldanha era um ativista político (ele era filiado ao Partido Comunista Brasileiro) que se opunha à ditadura cívico-militar, que vigorava no Brasil, e convocava atletas que desagradaram o então presidente. Muitos apelidaram João Saldanha como João “sem medo” por causa de sua militância política. Após sua carreira esportiva, Saldanha voltou a trabalhar no Jornalismo e foi candidato a vice-prefeito do Rio de Janeiro, em 1985. Em Maricá, município fluminense, a Prefeitura local o homenageou nomeando seu estádio municipal com seu nome.

Nessa lista de cronistas, é possível identificar um “Fla-Flu entre irmãos”, a saber: Mário Filho e Nelson Rodrigues. O primeiro era torcedor do Clube de Regatas do Flamengo, ajudou a promover o antigo Torneio Rio-São Paulo (primeira competição interestadual de clubes em território brasileiro) e foi homenageado na nomeação do estádio do Maracanã, cujo nome de registro é estádio estadual jornalista Mário Filho. Enquanto seu irmão, Nelson Rodrigues, torcia pelo Fluminense Football Club e inaugurou as crônicas esportivas literárias no Brasil (PRADO, 2018, p. 39), em especial, notabilizando as personagens Gravatinha e Sobrenatural de Almeida rompendo as fronteiras entre realidade e ficção.

Em um momento raro de incursão no universo futebolístico, a **ucraniana** Clarice Lispector respondeu à provocação de seu colega Armando Nogueira por meio da crônica *Armando Nogueira, futebol e eu, coitada* (1968), que versa sobre uma suposta troca de uma vitória do Botafogo de Futebol e Regatas pela publicação de um texto da escritora sobre futebol. Nogueira era um entusiasta do futebol e partilhava com ela a torcida pelo mesmo time.

É possível observar que alguns autores abordaram o futebol em mais de um gênero (ao longo da minha pesquisa, identifiquei contos). Considerando o alcance que esse esporte tem, ele serve como tema para produções em outros gêneros textuais e é um instrumento na relação entre o ensino da literatura e a escrita literária.

5. A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DA LITERATURA E A ESCRITA LITERÁRIA

É sabido que leitura e escrita são processos de ensino que guardam relação na “missão de facilitar o acesso à cultura escrita que se encomendou à escola” (COLOMER, 2007, p. 162). Segundo Geraldi (2014, p. 31), os docentes precisam selecionar gêneros a serem trabalhados no processo de letramento, dentre eles, devem figurar textos literários, visto que a literatura permite acesso a elementos culturais da humanidade, fato que deve ser valorizado pela escola. O ensino da leitura nas escolas brasileiras, em sua maioria, é tido como um exercício mecânico e até mesmo como uma atividade exclusiva das aulas de língua portuguesa.

Investido na condição de professor das redes fluminense e japeriense de ensino, lotado em uma unidade escolar (no caso do colégio estadual, onde apliquei as oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas) situada no município com a terceira maior densidade demográfica do Brasil e diversos problemas sociais, percebo que alunos são provocados por iniciativas escolares.

Trazendo a análise para o gênero crônica, endosso a ideia de Colomer (2007, p. 163-165) sobre o uso de narrativas breves ficcionais como forma de fomentar a escrita literária na escola. A confecção de crônicas estimula a geração de ideias, o entendimento da estrutura narrativa, a expansão do conhecimento dos modelos da literatura tradicional (antes da escrita, os alunos precisam ler textos da literatura tradicional para que os tenham como referências) e o registro de relatos, que é uma característica fundamental na crônica.

Segundo Colomer (2007, p. 162), escrever literatura permite que os alunos “compreendam e apreciem mais [...] a força expressiva de seus próprios textos”, cuja posição é defendida por mim, visto que percebo o estímulo de alunos ao saberem que seus textos têm circulação além da avaliação docente, eles se sentem protagonistas de maneira inédita, segundo seus relatos.

Rouxel defende a ideia de que a educação literária deve privilegiar uma “abordagem menos formal, mais sensível” (ROUXEL, 2012, p. 19), ela enfatiza a importância da “busca de uma compreensão mútua mais aberta e menos consensual” (ROUXEL, 2012, p. 20) que permita o aprimoramento da formação intelectual dos leitores no ambiente escolar.

As instituições escolares têm a função de “comunicar saberes e comportamentos culturais às novas gerações, a leitura e a escrita existem nela”

(LERNER, 2002, p. 19) para serem ensinadas e aprendidas. O processo de letramento escolar deve focar nas necessidades dos conhecimentos que os alunos utilizarão ao longo de suas vidas “como escrever para estabelecer ou manter contato com alguém distante, ou ler para conhecer outro mundo possível e pensar sobre o próprio desde uma nova perspectiva” (LERNER, 2002, p. 19). De fato, a leitura e a escrita cumprem um papel importante na vida social dos discentes.

Outro desafio no processo de ensino consiste na formação de leitores e redatores a partir das escolas e, por conseguinte, torná-los cidadãos críticos capazes de lerem as entrelinhas de forma autônoma e engajados em conhecer “outros mundos possíveis que a literatura nos oferece” (LERNER, 2002, p. 28). De fato, assim como me manifestei em outros momentos ao longo desta pesquisa-ação, os professores precisam contribuir na formação de novos cidadãos com pensamento crítico. Na minha comunidade escolar, por exemplo, diversos alunos têm seus valores formados a partir de um ultraconservadorismo de viés religioso, cenário que torna o exercício docente ainda mais desafiador.

Entre as metas escolares estipuladas por Lerner (2002, p. 28), uma delas consiste em fomentar nos alunos a importância de que eles se identifiquem com seus semelhantes ou se solidarizem com outros e sejam capazes de apreciar a qualidade literária em textos. As metas defendidas por Lerner (2002, p. 28) são de grande valia. A primeira converge com valores humanitários, enquanto a segunda se aproxima da importância da observação dos modelos da literatura tradicional (COLOMER, 2007, p. 164).

Sobre o ensino da literatura na ambiência escolar, Sidileide Batalha do Rêgo (2020) discute a importância do ensino da literatura e a da leitura em sala de aula, com foco no papel da literatura na formação do aluno, e tece a seguinte contribuição:

A literatura quando aplicada como disciplina representa grande importância quanto às demais, visto que, é por ela que o aluno tem acesso a linguagem como instrumento para comunicação e faz parte da língua portuguesa. Aliás, um uso da linguagem de forma consciente, de um código que já utiliza oralmente e agora se revela também por meio da escrita, da interpretação e produção.

Nesta perspectiva, a literatura como disciplina pretende desenvolver no aluno, por meio da compreensão de textos literários,

competências reflexivas, argumentativas e artísticas, essas competências são aperfeiçoadas principalmente por meio do discurso literário que é extenso e complexo, pois a literatura é constituída de diversos pensamentos, pluralidade de vozes e textos, apresentando um brincar com as palavras.

Estamos em uma sociedade centrada na comunicação, com palavras, textos e imagens. A contemporaneidade nos exige um exercício regular da leitura e da escrita, a fim de atender às demandas de uma sociedade letrada, contudo observo que muitos alunos só querem escrever o “necessário”, tendo como possível motivo para essa desmotivação o fato de que o exercício da escrita exige tempo e reflexão. Construir um texto não é uma atividade simples, mas é possível.

Outro problema que desmobiliza meus alunos é o perfil mais oral deles, ou seja, nas suas relações sociais mais comuns, há uma hegemonia da comunicação oral, logo práticas textuais destoam da naturalidade deles. Em muitos casos, os discentes não percebem suas produções textuais e se limitam a escrever para o cumprimento pragmático de uma tarefa.

Outra questão que identifico consiste em certo despreço professoral, segundo depoimentos dos meus alunos. Eles costumam dizer que, ao longo da vida escolar, percebem que muitos não leem com profundidade seus textos, se limitando a correções ortográficas no máximo, eles simplesmente atribuíram como uma mera tarefa cumprida, situação que fortalece a ideia de reprodução mecânica da escrita escolar. Por mais que a ortografia seja algo relevante no processo de escrita, há diversos outros aspectos que devem ser observados na avaliação docente.

Tendo em vista que o ato de escrever demanda um ensino explícito, sistemático, com prática frequente e observada, que abranja variáveis da composição de texto, a literatura é uma importante aliada, desde que ensinada de maneira sistematizada tendo como um exemplo a série de oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas deste trabalho, no qual utilizei o processo de retextualização.

A própria Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) aponta a importância da escrita literária em algumas oportunidades, mencionando crônicas e outros gêneros, em pelo menos duas competências (EF89LP35 e EF67LP30). Sendo assim, o ensino da escrita literária tem respaldo normativo.

Além do cumprimento dessas habilidades curriculares, é importante trazer experiências exitosas em torno da crônica nesse processo. Fogaça (2013, p. 16), por exemplo, defende que, a partir do exercício da leitura de crônicas esportivas, os discentes são capacitados para reproduzirem esse gênero. Como resultado de seu trabalho junto ao Programa Educacional de Desenvolvimento (PARANÁ, 2013), ou seja, sua análise converge com os pressupostos teóricos de Colomer (2007) e Lerner (2002).

A autora defende que o emprego da crônica esportiva influencia o aluno a “desenvolver suas capacidades de conhecer, criar, compreender, dando a ele a oportunidade de aproximar-se de diversas situações de comunicação que possivelmente podem conduzi-lo à construção do seu próprio conhecimento” (FOGAÇA, 2014, p. 32-33). Nas oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas desta dissertação, pactuo com estes pressupostos, pois a retextualização de crônicas esportivas permite o desenvolvimento da escrita escolar, ao passo em que a revisão por pares dará base para uma construção coletiva do processo enunciativo. Essas concepções atendem às competências curriculares (BRASIL, 2018) em vigor.

Assim como Fogaça (2014, p. 33), ao explorar as crônicas esportivas, identifiquei a progressão dos alunos no que se refere à leitura, interpretação, análise linguística e crítica das crônicas, visto que eles apresentaram uma leitura clara e acessível. Sua experiência demonstra que é possível explorar esse gênero como um objeto de ensino da língua portuguesa.

Como já comentado ao longo desta dissertação, o futebol tem fortes laços com a literatura brasileira de mais alto nível. Além disso, esse esporte tem um alcance de discussão que perfaz diversos extratos sociais e é um elemento engajador de leitura e de discussões. Sendo assim, a crônica esportiva é uma alternativa viável na formação de leitores críticos.

Para a realização deste trabalho, exploro os recursos do Interacionismo Sociodiscursivo (GERALDI, 1997), pois percebo que o ensino escolar não costuma contemplar os anseios dos alunos na sua ambiência comunicativa extraescolar (LERNER, 2002), ou seja, observo que os esforços no ensino estão dissonantes dos que os alunos almejam aprender para que tenham um melhor convívio social.

Antes da realização das oficinas que compõem este trabalho, todos os alunos participantes tomaram ciência da dinâmica a qual participaram, inclusive de que

suas crônicas esportivas seriam publicadas em um blog e disponibilizadas à comunidade escolar e a algumas autoridades públicas.

A publicidade autoral dos alunos-cronistas não é revelada para que não haja qualquer violação à legislação vigente e às exigências do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Apresentarei (no capítulo que trata das oficinais) a minha proposta de trabalho de leitura e escrita de crônicas esportivas que trata do processo de escrita escolar a partir da retextualização de uma crônica esportiva, cada aluno-autor poderá escolher uma entre as selecionadas por mim.

As crônicas escolhidas por mim são de origens diversas, há cronistas consagrados e outros cuja biografia desconheço, incluindo mulheres autoras; há contextos históricos diferentes no ínterim entre os séculos XX e XXI, há gradação de ficcionalização entre as obras, e construções textuais diferentes perfazendo a defesa dos direitos humanos, a monumentalização de atletas em ídolos e outras possibilidades.

É importante lembrar que a crônica é resultado da documentação e da memorização de ações humanas em se tratando de domínios sociais de comunicação, além de ser tido como uma representação pelo discurso de experiências vividas.

Considerando o ineditismo em utilizar a crônica esportiva no programa do PROFLETRAS, houve a necessidade de se buscar referências em outras fontes. Dentre algumas possibilidades de espelhamento, destaco uma proposta (FOGAÇA, 2013, p. 20-33) que compõe o Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Com adaptações e sem prejuízo do caráter autoral, esta dissertação conta com algumas contribuições do trabalho de Gonçalves (2019).

Para evitar uma extensa contextualização, registro a preocupação de analisar crônicas que abordam temas recentes ou atemporais, até o momento, para o contexto da prática do futebol. Para promover uma breve contextualização, promovi uma exposição verbal sobre os temas de cada crônica esportiva.

O modo de produção das crônicas esportivas de retextualização foi individual ou em dupla, enquanto sua forma de publicação se deu a partir da publicação das crônicas elaboradas pelos alunos em um blog, em um jornal de circulação escolar produzido pelo grêmio estudantil e em mídias sociais de algumas instituições. Esta

proposta de leitura e escrita de crônicas esportivas é composta por nove oficinas, que envolvem análise (a partir de leitura mediada e revisão por pares) de seis crônicas esportivas de diferentes autores. A partir de agora, passo a explicar a seleção das crônicas esportivas com base nas aprendizagens literárias trazidas por elas.

6. A SELEÇÃO DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS COM BASE NAS APRENDIZAGENS LITERÁRIAS QUE ELAS TRAZEM

Como dito em algumas oportunidades, ao longo desta pesquisa-ação, a crônica esportiva é um gênero que aborda o cotidiano esportivo com diversas possibilidades (prática profissional, amadora; observação como torcedor, atleta e dirigente; entre outros olhares). Esse gênero nos permite cobrir a relação entre o futebol e os brasileiros, inclusive aqueles que não apreciam esse esporte, como era o caso do Lima Barreto, por exemplo. Trata-se de um espaço democrático.

Durante as aulas que realizo, em diversos casos, preciso mobilizar meus alunos para que leiam textos e estabeleçam reflexões sobre esses. Percebo que, quando utilizo os temas “tradicionais” da rotina escolar, poucos se sentem motivados em participar; contudo, quando exploro saberes populares (entre eles, o futebol), todos se engajam e se sentem encorajados a opinar. No ano letivo anterior às oficinas, os alunos participantes, que estavam no sétimo ano do ensino fundamental, já demonstravam essa mesma tendência. O apreço dos discentes pelo futebol me motivou a desenvolver este trabalho nestes moldes.

Defendo a ideia que o futebol é um tema engajador no processo de leitura e escrita, sendo também uma porta de entrada para outras leituras na ambiência escolar e fora dela. O futebol é matéria-prima de produções literárias, em especial, do gênero crônica esportiva. Inúmeros cronistas consagrados abordam a importância do futebol na nossa formação identitária e, por conseguinte, na construção da nossa literatura. Sendo assim, considero válido e justificável o uso hegemônico do futebol na seleção das crônicas esportivas que compõem as oficinas de leitura e escrita desta dissertação.

As crônicas esportivas selecionadas advêm de escritores, uma jornalista e premiados de concursos idealizados pelo Museu do Futebol em consórcio com a revista Placar. A rigor, todas as crônicas em questão têm a finalidade de aprimorar o nível de conhecimento desse gênero entre os alunos participantes a partir das revisões feitas por mim e pelos seus pares, todavia é importante destacar que os textos escolhidos têm algumas características específicas e espera-se que, a cada leitura, os alunos possam perceber e analisar tais especificidades.

O combate à violência é um compromisso previsto na constituição federal (BRASIL, 1988), sobretudo, nos seus artigos 226 e 227. Estado e sociedade civil

organizada partilham a responsabilidade de proteger seus cidadãos. Sendo assim, na condição de professor da rede pública, não posso me furtar desta missão e também usei as oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas para fomentar a paz através do esporte mais praticado e observado no Brasil, além, claro, dos ensinamentos literários em si. Assim como Candido (1992), também acredito no poder da humanização por meio da literatura.

Em tempo, destaco a presença de muitas pessoas pacíficas e bem intencionadas entre simpatizantes do futebol, inclusive tem havido o crescimento de torcidas organizadas que se denominam “antifascistas” e dialogam até com torcidas de outras agremiações em pró da democracia e tendo atletas fazendo prospecção dessa pauta. Eu, por exemplo, participei de uma videoconferência¹² com três torcedores de um clube “rival” ao meu e discutimos políticas públicas e futebol. Além disso, todas as federações promovem o prêmio *fair play* (anglicismo para “jogo limpo”), que consiste em reconhecer e dar publicidade a algum ato generoso (aproveitamento de audiência para discutir algum tema de relevância social como injúria racial, por exemplo) praticado por jogador ou dirigente de qualquer clube de futebol participante.

Agora, retomo a explicação em si sobre a seleção das crônicas esportivas com base nas aprendizagens literárias que elas trazem. Durante o processo de construção do conhecimento, em especial, criei a expectativa de que os discentes percebessem, por meio das crônicas, que a violência deve ser combatida e o futebol é um instrumento que pode promover entretenimento de forma pacífica.

Além disso, destaco a importância de engajar as alunas nas atividades, visto que o futebol tende a ser apelativo para alunos, dada a construção identitária do homem brasileiro. Também vale destacar que a mesma constituição federal (BRASIL, 1988) prevê que as mulheres gozam dos mesmos direitos civis dos que os homens. Sendo assim, reitero a necessidade de realizar atividades que mostrem o protagonismo feminino.

Para desmistificar o senso comum de que o futebol seria um espaço exclusivamente masculino e engajar a participação das alunas, outro recurso explorado é o da potencialidade feminina em algumas crônicas selecionadas, seja pela autoria e/ou pela presença de personagens femininas com destaque.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZIOynGotaX8&t=49s>>. Acesso em: 6 set. 2021.

As oficinas estão distribuídas em atividades de leituras, de escrita e de retextualização de crônicas esportivas, que estão previstas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 157-167) e no currículo mínimo fluminense (RIO DE JANEIRO, 2022). As crônicas selecionadas têm características, autores e contextos históricos diversos, fato que tende a ampliar o repertório dos alunos participantes e ratificar a diversidade desse gênero.

A crônica esportiva *Torcedor por adoção* (2022), que consta na categoria “menção honrosa” do primeiro concurso de crônicas esportivas do Museu do Futebol e da revista Placar. Nessa história, um homem adota um menino de oito anos e fica na expectativa de que seu filho torça pelo mesmo time que o seu, o Fluminense. A história acaba sendo uma alegoria sobre o amor incondicional e a liberdade de escolha. No início, o garoto revela torcer para o Vasco da Gama e, depois, ele revela que passa a torcer para o Flamengo.

A leitura dessa crônica contemporânea permite que cada aluno analise a relação entre a influência familiar e a liberdade na escolha de seu clube de futebol de forma pacífica, mostrando que o respeito está acima de qualquer rivalidade clubística.

De Cristiane de Oliveira Monte Mor Martins, a crônica¹³ *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023) apresenta uma história sobre o modo como o desejo pelo esporte serviu para a protagonista enfrentar o machismo. Essa obra foi premiada no 2º Concurso de Crônica do Museu do Futebol, realizado em parceria com a revista Placar e a ONU Mulheres. Segundo seus organizadores, esse concurso premiou somente crônicas esportivas que ofereceram abordagens diversificadas sobre a relação das mulheres com o futebol.

Segundo o Museu do Futebol, a comissão julgadora teve a participação de Amanda Porfírio e Mariana Santos, jornalistas, repórteres e editoras da página de mídia independente Fut das Minas, parceira da revista Placar na cobertura do futebol de mulheres; Olga Bagatini, jornalista e ativista por maior participação das mulheres no futebol, atualmente, consultora de comunicação e advocacia na ONU Mulheres; e Renata Beltrão, jornalista e coordenadora da Comunicação e Marketing do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa.

¹³ Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/a-felicidade-a-liberdade-e-o-futebol/>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

Houve quatro crônicas vencedoras no referido concurso, dentre elas, eu escolhi a que mais se aproxima da realidade vivida pelos alunos matriculados no colégio onde leciono, haja vista o contexto periférico da área metropolitana fluminense.

A crônica *O que poderia ter sido* (2010, p. 121-122) explora a potencialidade da ficcionalização de possíveis cenários através do “se” em situações condicionais. Essa crônica foi publicada no Jornal do Brasil e no jornal Estado de São Paulo (2010) pelo jornalista e cronista Marcos Caetano.

A crônica *Testemunha de Toró* (2022, p. 53-56) compõe a coletânea de crônicas *Lá de onde venho: sobre pipas, correrias e o carro das delícias* (2022), de autoria do historiador, professor e cronista negro Flavio Braga. Nesse texto, o autor observa que um jovem do subúrbio carioca demonstrava uma habilidade futebolística acima da média e se tornou jogador profissional.

Ao longo da narrativa, é possível perceber o processo de monumentalização do Toró, alcunha do atleta Rafael Ferreira Francisco. O cronista utiliza uma linguagem majoritariamente informal. Entre as crônicas selecionadas nestas oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas, essa é a de mais recente publicação.

Outra crônica bastante singular é *Futebol de rua* (2020), do Luis Fernando Verissimo. De forma humorada, Verissimo exhibe sua observação do cotidiano ao propor um regulamento para a prática amadora do futebol, o que dá a sua crônica um caráter injuntivo, cuja tipologia textual não é comum em crônicas.

Consolidando a heterogeneidade de características, a última oficina de leitura de crônicas esportivas tem uma edição jornalística e argumentativa, a saber: *De apostas a DJs, o que estamos fazendo com o futebol?* (2023), da jornalista Milly Lacombe.

Na oportunidade, ela critica o processo de mercantilização do futebol, seu texto tem traços argumentativos e sem ficção, características que aproximam essa crônica de um artigo de opinião. Essa cronista tem vasta experiência em discutir futebol em veículos de imprensa e participa de inúmeras atividades do Museu do Futebol.

Ao longo da leitura das crônicas selecionadas, os alunos demonstraram condição de identificar as características do gênero crônica, em especial, elementos (reais e ficcionais) da construção do relato, traços da estrutura narrativa e processo inventivo da geração de ideias.

Após os referidos ensinamentos, cada discente participante escolheu uma crônica para tê-la como base para criar sua versão, ou seja, uma atividade de retextualização, que foi revista por pares (alunos-revisores), aprimorada e circula além da tradicional rotina escolar através do blog “Cronistas meritienses”, de uma coletânea disponibilizada à comunidade escolar e do jornal de circulação escolar.

Em tempo, destaco que me preocupo em cumprir as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), pois esse documento, até então, segue em vigor. Tenho ciência de que, em janeiro de 2024, o Conselho Nacional de Educação propôs sua revogação, mas, para que esse encaminhamento seja atendido, é necessário que o Ministério da Educação o aceite e, por conseguinte, o Poder Executivo encaminhe um projeto de lei ao Congresso Nacional sobre esse tema.

Sendo assim, considero válido manter esta linha de direcionamento. Mesmo que, eventualmente, a BNCC seja revogada, não considero que suas habilidades sejam totalmente descartadas, tendo em vista que, no caso do ensino da crônica, por exemplo, há previsão de ensino realizável e eficiente. A seguir, detalho a organização das oficinas deste trabalho.

7. OFICINAS

O presente trabalho se fundamenta na realização de atividades de leitura e escrita de crônicas esportivas e na análise dos resultados obtidos a partir desta experiência, que consiste em oficinas de leitura, de produções (uma versão diagnóstica inicial e outra, que é a versão final, após as leituras) e de revisão (professoral e por pares discentes) de crônicas esportivas. A última crônica produzida por cada aluno tem como base o exercício da retextualização de alguma das crônicas lidas em sala de aula. Essa proposta se filia aos pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo (GERALDI, 1997).

A metodologia qualitativa adotada neste trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação, tendo em vista seu caráter de coletividade para tratar de um problema que atingem vários estudantes da educação básica: leitura e escrita. Para contribuir na resolução deste desafio, apresentarei uma série de oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas, como um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno do gênero textual mencionado. Ao final, será possível observar que as referidas atividades contribuíram para que os estudantes conseguissem dominar os elementos constitutivos do gênero textual crônica esportiva.

Durante a seleção das obras, trouxe crônicas esportivas diversificadas, de autores diferentes, incluindo autoras, de épocas diversas e com elementos constitutivos variados, inclusive a progressão entre as oficinas perfaz a diversidade na leitura, seguindo para a escrita escolar do gênero e concluindo com a revisão por pares. Esta diversidade permitiu aos alunos envolvidos identificarem a pluralidade e a potencialidade desse gênero.

Estas oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas foram aplicadas em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Rubens Farrulla, situado no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, durante o primeiro bimestre do ano letivo de 2024.

Em média, os alunos têm entre treze e quatorze anos de idade. Quase todos os inscritos foram meus alunos no ano letivo anterior e demonstraram interesse em participar desta experiência. Neste ano letivo, essa turma tem aulas de língua portuguesa comigo às terças e quartas, elas são distribuídas em dois tempos diários, cada tempo corresponde a cinquenta minutos de duração.

Não julguei necessário criar uma oficina de apresentação do gênero crônica, pois os alunos participantes tiveram aulas comigo no ano letivo anterior sobre ele e fizeram atividades de leitura e escrita tendo o futebol como tema engajador para nós. Na época, eu já preparei os alunos, que demonstraram apreço por esse esporte, para que participassem desta experiência (as oficinas). Além disso, os discentes envolvidos reconhecem alguns aspectos da crônica literária como a observação do cotidiano urbano, a composição narrativa, a fluidez na linguagem e, sobretudo, a ficcionalização da realidade.

Partindo do princípio da necessidade de uma avaliação diagnóstica, a primeira atividade consiste em propor a escrita de crônicas esportivas e esclarecer elementos da situação comunicativa, deixando claro que a publicação das suas obras extrapola a circulação escolar tradicional, podendo utilizar uma linguagem informal, que é típica do gênero, a partir da retextualização de alguma das crônicas esportivas lidas ao longo deste trabalho. Esta atividade inicial me permitiu identificar o que eles precisavam aprender sobre a crônica esportiva.

Oficina 1: Produção de crônica esportiva (primeira versão) e diagnóstico
Objetivos: analisar a produção inicial das crônicas esportivas e esclarecer elementos da situação comunicativa.
Habilidade: aprimorar conhecimento dos alunos em relação à escrita da crônica esportiva.
Material: folhas de caderno.
Tempo: duas aulas.
Atividades propostas: na primeira aula, os alunos escreveram as suas respectivas crônicas esportivas. Na aula seguinte, com foco nos elementos constitutivos desse gênero, conversei com cada aluno-autor sobre os pontos a serem melhorados nas suas próximas produções.

Nesta primeira oficina, observei que as primeiras crônicas contemplavam as características previstas para esse gênero, com narrativa ficcional e capacidade

inventiva. Sem focar na análise gramatical, conversei de forma reservada com cada aluno participante sobre algumas questões que poderiam ser mais desenvolvidas, como a criação e a identificação de personagens.

A turma que participou dessa experiência tem sofrido alteração em sua composição (tem havido entradas e saídas de matrículas). Mesmo assim, os alunos que ingressaram na classe, durante a aplicação da presente proposta, participaram das oficinas, doravante, e escreveram suas crônicas.

As oficinas seguintes, após a etapa inicial diagnóstica, servem para apresentar e analisar crônicas esportivas de diferentes tipos. Nesta ocasião, exponho alternativas que visam a apresentação de modalidades de crônicas e o aperfeiçoamento da produção de cada aluno na versão final.

A primeira crônica é *Torcedor por adoção* (2022), que conquistou menção honrosa no primeiro concurso de crônicas do Museu do Futebol em parceria com a revista Placar. Seu texto consiste no relato de um casal no processo de adoção de um filho. O pai é tricolor e descobre que o seu filho torce para um rival local. Contrariando o senso comum de fundamentalismo clubístico, o pai respeita a decisão do filho em torcer por um rival do Fluminense Football Club.

Oficina 2: Crônica dialogada e narrativa com elementos de comunicação não violenta
Objetivo: analisar a crônica esportiva <i>Torcedor por adoção</i> (2022).
Habilidades: aprimorar o conhecimento dos alunos em relação à leitura da crônica esportiva, com destaque à construção do diálogo entre personagens, à narração e à presença de elementos de comunicação não violenta.
Material: textos impressos com a crônica em análise e folha de caderno.
Tempo: uma aula.
Atividades propostas: eu e os alunos lemos esta crônica. À medida que a leitura avançou, fiz algumas contextualizações e provoqueei os alunos para que expressassem suas opiniões sobre o texto lido. Ao final, cada aluno fez as suas anotações acerca das características do gênero presentes no texto, com foco na

construção do diálogo entre personagens, na narração e na presença de elementos de comunicação não violenta.

Nesta segunda oficina, os alunos identificaram o diálogo construído entre personagens, ficaram inquietos com o fato de alguns deles serem nomeados (que têm um nome civil atribuído) e outros não e chegaram à conclusão de que os nomeados tendem a protagonizar a narrativa. Os participantes acharam a leitura mais fluida e ficaram pensativos com a conexão entre o futebol e um problema social (a necessidade do processo de adoção de menores de idade).

Na oficina a seguir, utilizei a crônica¹⁴ *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023), que conquistou menção honrosa no segundo concurso de crônicas do Museu do Futebol em parceria com a revista Placar e a ONU Mulheres. Esse texto apresenta uma história sobre o modo como o desejo pelo esporte serviu para a protagonista enfrentar o machismo. Diferente da crônica anterior, este texto denuncia o machismo e suas consequências danosas.

Oficina 3: Crônica dialogada e narrativa com foco no combate ao machismo
Objetivo: analisar a crônica esportiva <i>A felicidade, a liberdade e o futebol</i> (2023).
Habilidades: aprimorar o conhecimento dos alunos em relação à leitura da crônica esportiva, com destaque à construção do diálogo entre personagens, à narração e à presença de elementos constitutivos de combate ao machismo.
Material: textos impressos com a crônica em análise e folha de caderno.
Tempo: uma aula.
Atividades propostas: eu e os alunos lemos esta crônica. À medida que a leitura avançou, fiz algumas contextualizações e provoqueei os alunos para que expressassem suas opiniões sobre o texto lido. Ao final, cada aluno fez as suas anotações acerca das características do gênero presentes no texto, com foco na

¹⁴ Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/a-felicidade-a-liberdade-e-o-futebol/>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

construção do diálogo entre personagens, na narração e na presença de elementos constitutivos de combate ao machismo.

Na terceira oficina, os alunos identificaram o diálogo construído entre os personagens, perceberam que a protagonista é a única nomeada e que a crônica desenvolve em torno de sua trajetória de vida, enquanto o outro personagem é tido como coadjuvante por não ser nomeado. Os jovens reconheceram que a história é construída no contexto urbano, que é uma característica do gênero em análise, na predominância do diálogo e num breve trecho inicial de discurso indireto, sem fala dos personagens.

Assim como na oficina anterior, os discentes acharam a leitura fluida e comentaram sobre a conexão entre o futebol e um grave problema social (o machismo). Percebi muita emoção nas alunas, tanto que essa crônica foi a mais utilizada por elas na retextualização (produção final).

Oficina 4: A potencialidade da crônica esportiva no seu processo ficcional através do “se” em situações condicionais

Objetivo: analisar a crônica esportiva *O que poderia ter sido* (2020).

Habilidades: aprimorar o conhecimento dos alunos em relação à leitura da crônica, em especial, observando a potencialidade da ficcionalização de possíveis cenários através do “se” em situações condicionais.

Material: textos impressos com a crônica em análise e folha de caderno.

Tempo: uma aula.

Atividades propostas: eu e os alunos lemos esta crônica. À medida que a leitura avançou, fiz algumas contextualizações e provoqueei os alunos para que expressassem suas opiniões sobre o texto lido. Ao final, cada aluno fez as suas anotações acerca das características do gênero presentes no texto, com foco na construção do diálogo entre autor e leitores, que são provocados a imaginar determinados cenários caso tivessem sofrido alguma alteração.

Na quarta oficina, a crônica *O que poderia ter sido* (2010, p. 121-122) traz à baila a potencialidade da ficcionalização de possíveis cenários através do “se” em situações condicionais. Essa crônica foi publicada no Jornal do Brasil e no jornal Estado de São Paulo (2010).

Os alunos comentaram sobre a possibilidade inventiva de criar narrativas, inclusive dando um novo fim a uma história. Muitos alunos flamenguistas “refizeram” as finais do mundial de clubes, em 2019, e da copa libertadores da América, em 2022, atribuindo os respectivos títulos ao Flamengo. Um desses alunos, com mais repertório futebolístico, “desfez” o famoso gol de barriga durante a final do campeonato carioca de 1995.

Além disso, os alunos fizeram conexões com questões que extrapolam o campo futebolístico nessa perspectiva condicional. “Se eu morasse com meu pai, como eu estaria?”, disseram alguns que chegaram a se emocionar durante o processo analítico.

Como o cronista cita alguns exemplos de jogos de futebol realizados há anos, precisei fazer algumas contextualizações acerca desses eventos para que os participantes pudessem entender melhor seus acontecimentos.

Oficina 5: A crônica esportiva de observação do cotidiano e o processo de monumentalização
Objetivo: analisar a crônica esportiva <i>Testemunha de Toró</i> (2022, p. 53-56).
Habilidades: aprimorar o conhecimento dos alunos em relação à leitura da crônica, sobretudo, observando registros da observação do cotidiano a partir do autor e o processo de monumentalização de um jogador de futebol.
Material: textos impressos com a crônica em análise e folha de caderno.
Tempo: uma aula.
Atividades propostas: eu e os alunos lemos esta crônica. À medida que a leitura avançava, fiz algumas contextualizações e provoqueei os alunos para que expressassem suas opiniões sobre o texto lido. Ao final, cada aluno fez as suas anotações acerca das características do gênero presentes no texto, em especial,

observando registros da observação do cotidiano a partir do autor e o processo de monumentalização do Toró.

Nesta oficina, a crônica *Testemunha de Toró* (2022, p. 53-56) é bastante singular, pois ela retrata a observação de um jovem do subúrbio carioca que demonstrava uma habilidade futebolística acima da média, segundo o cronista, e se tornou jogador profissional de futebol, é possível perceber o processo de monumentalização do Toró, apelido do atleta Rafael Ferreira Francisco, que já jogou em grandes clubes como Fluminense, Flamengo, Atlético Mineiro e outros. Ao longo do texto, predomina a linguagem informal. Entre as crônicas selecionadas nesta série de oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas, essa é a de mais recente publicação.

Durante a leitura, os alunos observaram a variação entre diálogo e narração e o processo de monumentalização do atleta Toró, cuja biografia comentei em sala de aula. Os discentes circularam os trechos dialogais e sublinharam os fragmentos narrativos.

Muitos alunos correlacionaram o processo de monumentalização com a observação de jovens, em sua comunidade, que demonstram muita habilidade na prática no futebol e se aproximam do profissionalismo. Alguns lembraram de dois jovens alunos que jogam em clubes (Olaria e Belford Roxo). Eu citei que meu pai foi amigo e vizinho do ex-lateral-direito Jorginho (campeão da copa do mundo de 1994), logo ele seria “Testemunha de Jorginho”.

Destaco também a biografia do cronista Flavio Braga, que, nesta e em outras crônicas, traz diversos elementos (gírias, costumes, territórios e outros) comuns no subúrbio carioca a partir do seu ponto de vista. Braga é negro, leciona História nas redes fluminense e carioca de ensino e é um dos fundadores do Mutirão Cultural Rolé Literário e do Coletivo Engenhos de História, grupos que visam valorizar e promover a história suburbana carioca.

Oficina 6: A crônica esportiva humorística, de observação do cotidiano e com traços injuntivos

Objetivo: analisar a crônica esportiva *Futebol de rua* (2020).

Habilidades: aprimorar o conhecimento dos alunos em relação à leitura da crônica, em especial, observando traços humorísticos e injuntivos, além de registros da observação do cotidiano a partir do autor.

Material: textos impressos com a crônica em análise e folha de caderno.

Tempo: uma aula.

Atividades propostas: eu e os alunos lemos esta crônica. À medida que a leitura avançava, fiz algumas contextualizações e provoqueei os alunos para que expressassem suas opiniões sobre o texto lido. Ao final, cada aluno fez as suas anotações acerca das características do gênero presentes no texto, sobretudo, analisando a presença de traços humorísticos e injuntivos, além de registros da observação do cotidiano a partir do autor.

Outra crônica bastante singular é *Futebol de rua* (2020), de Luis Fernando Verissimo. De forma bem humorada, Verissimo exhibe sua observação do cotidiano ao propor um regulamento para a prática amadora do futebol, o que dá a sua crônica um caráter injuntivo, cuja tipologia textual não é comum em crônicas.

De início, propus que os alunos pensassem na estrutura de um manual de instruções ou de montagem de equipamentos, todos disseram ter lido textos dessa natureza, alguns relataram que leem manual para uso e montagem de videogames. Sendo assim, os participantes mostram conhecimentos das características injuntivas.

Para ratificar este ponto, lembrei que a tipologia textual injuntiva tem como principal característica o ordenamento de ações. À medida que líamos a crônica esportiva em análise, os alunos-leitores perceberam a presença de injunção no texto lido.

“Professor, mas, se a crônica tem informalidade, por que o autor quis criar um regulamento (que é algo formal)?”, inquietou-se um aluno. Respondi que a crônica é um gênero com muita potencialidade, permite ao seu autor se aproximar de características de outros gêneros e provoca efeito de sentido nos leitores, nesse caso, o humor. Em seguida, alunos perceberam que o pretense regulamento continha uma série de gírias, circunstância que reforça o caráter híbrido da crônica a ponto de trazer a injunção para uma linguagem mais popular.

Além disso, conversamos sobre a presença do humor na proposta da criação do referido regulamento para o futebol de várzea, que, a rigor, não costuma ter muitas “regras”, pois, normalmente, seus praticantes convencionam mais ou menos aproximação às normas do futebol profissional.

Oficina 7: A crônica esportiva jornalística, argumentativa e com traços de artigo de opinião
Objetivo: analisar a crônica esportiva <i>De apostas a DJs, o que estamos fazendo com o futebol? (2023)</i> .
Habilidades: aprimorar o conhecimento dos alunos em relação à leitura da crônica, desta vez, observando a modalidade jornalística e argumentativa com traços de artigo de opinião.
Material: textos impressos com a crônica em análise e folha de caderno.
Tempo: uma aula.
Atividades propostas: eu e os alunos lemos esta crônica. À medida que a leitura avançava, fiz algumas contextualizações e provoqueei os alunos para que expressassem suas opiniões sobre o texto lido. Ao final, cada aluno fez as suas anotações acerca das características do gênero presentes no texto, em especial, analisando as especificidades da crônica jornalística e argumentativa, além de identificar elementos constitutivos que a aproximam do artigo de opinião.

Primando pela diversidade de características, esta é a última oficina de leitura de crônicas esportivas. Agora, a crônica jornalística e argumentativa *De apostas a DJs, o que estamos fazendo com o futebol? (2023)*, da jornalista Milly Lacombe¹⁵. A cronista critica o processo de mercantilização do futebol, seu texto tem traços argumentativos e sem ficção, elementos que aproximam essa crônica das características de um artigo de opinião e reforça o hibridismo do gênero textual em análise.

¹⁵ A autora tem vasta experiência em discutir futebol em veículos de imprensa (no momento, ela publica no UOL), é ativista política e participa de inúmeras atividades do Museu do Futebol, inclusive da Oficina de crônicas esportivas na qual participei.

Antes de avançar nesta seção, vale definir a crônica argumentativa, que consiste num modelo desse gênero que apresenta reflexões a partir do ponto de vista do cronista acerca de temas que perfazem situações cotidianas. Além disso, esse tipo de crônica não tem traços ficcionais.

Durante a leitura, os alunos identificaram o tema, o posicionamento da autora, seus argumentos e a ausência de ficção. Houve discussão entre favoráveis e contrários ao posicionamento dela, sobretudo, em relação às apostas esportivas, que circulam entre jovens.

A partir de agora, esta proposta de leitura e escrita de crônicas esportivas começa a entrar na sua fase de conclusão, os alunos passaram de leitores para escritores e revisores. Após a primeira produção escrita, os textos foram submetidos à revisão por pares e por mim.

Oficina 8: Alunos-cronistas meritienses em atuação
Objetivos: criar crônicas esportivas a partir da retextualização de exemplos lidos e revisar as produções por pares.
Habilidades: diagnosticar o conhecimento dos alunos em relação à escrita e à leitura da crônica esportiva.
Material: textos impressos com a crônica em análise e folha de caderno.
Tempo: duas aulas.
Atividades propostas: encerrada a leitura das crônicas nas aulas anteriores, pedi que cada aluno elaborasse uma crônica esportiva a partir da retextualização de alguma crônica analisada. Para fins de consulta, deixei exemplares dos textos lidos à disposição de todos os alunos participantes. Em seguida, cada texto recém-criado foi revisado por outro aluno (que não seja o autor) e por mim. Os revisores verificaram o cumprimento das características essenciais da crônica esportiva a partir de um check-list não havendo necessidade de revisão ortográfica nesta atividade.

O exercício da escrita da crônica esportiva é justificado em dois aspectos principais: em primeiro lugar, reitero a minha defesa em favor desse gênero como

um instrumento da formação de leitores críticos e, além disso, a escrita a partir da retextualização estimula a criatividade dos alunos-cronistas que precisam criar textos que guardem características dos modelos de origem quanto as suas marcas de sujeitos-autores nesse processo.

No começo, expus aos participantes que o foco da nossa proposta consiste na identificação das características do gênero crônica esportiva para produção de retextualização. Embora a ortografia tenha seu valor na escrita, ela não foi tida como instrumento de avaliação. Na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo (GERALDI, 1997), o “erro” é tido como peça relevante do processo de aprendizagem.

A presença de um modelo textual, que seja conhecido pelo aluno, permite aproximá-lo da estrutura dos gêneros textuais, segundos os estudos de Cardoso e Ednir (2002) acerca da apropriação da escrita. A retextualização é uma alternativa que viabiliza o conhecimento dos gêneros textuais, visto que, ao escrever um texto já conhecido, o aluno-sujeito tende a manter conteúdo e forma (ANDRADE, 2013, p. 54).

Nesta versão final, permiti que a produção fosse feita em dupla, mesmo assim, houve discentes que decidiram escrevê-la de forma individual. Ao todo, recebi trinta e seis crônicas esportivas. Em tempo, reitero que, durante a realização das atividades de leitura e escrita de crônicas esportivas, a turma participante teve ingressos e saídas de alunos.

Ao longo desta oficina, alguns alunos se engajaram em apresentar complementações em desenhos e outras marcações, situação que reforça o nível de comprometimento deles. Duas alunas, que são irmãs gêmeas, buscaram informações sobre futebol para que pudessem produzir suas crônicas, uma discente mostrou uma visão crítica ao futebol (assim como Lima Barreto fazia), outros alunos construíram crônicas com riqueza de processo ficcional criando resultados ficcionais em algumas partidas de futebol e uma participante decidiu elaborar uma crônica sobre hóquei sob a alegação de que seria mais desafiador (já que o futebol não é uma exclusividade na crônica esportiva).

Sobre a crônica com críticas ao futebol, a aluna-cronista, que se apresenta como botafoguense “moderada”, tece suas queixas contra seus irmãos, que são flamenguistas e demonstrariam fundamentalismo clubístico, segundo ela. A discente também trouxe à tona memórias de reportagens sobre violência entre torcedores. Ao

ler sua produção, comentei com ela que, nas relações sociais em geral, há pessoas “boas” (pacíficas, solidárias e honestas) e “ruins” (violentas, preconceituosas e desonestas). Sobre o fundamentalismo, disse a ela que esse é um mal que deve ser combatido em qualquer seara (futebolística, religiosa e outras), inclusive a crônica *Torcedor por adoção* (2022), que compõe uma das oficinas previstas neste trabalho, retrata um exemplo no respeito à liberdade individual, ainda citei que vivo isto com meu filho, que torce para um “rival” local do meu clube e mantemos uma relação extremamente harmoniosa alheia às diferenças clubísticas.

Antes de iniciarmos a revisão por pares, pedi que todos respeitassem os demais colegas e não expusessem a autoria da crônica analisada em voz alta. Ao longo desse processo, os alunos participantes obedeceram este pedido e seguiram as minhas instruções.

Na revisão por pares, etapa seguinte à produção da versão final das crônicas esportivas, para fomentar uma consciência metacognitiva, a correção respeitou a formação autoral, ou seja, as duplas corrigiram crônicas de outras duplas tendo como referência norteadora as seguintes perguntas: O texto é majoritariamente narrativo? O texto aborda um tema esportivo? É possível identificar elementos ficcionais e/ou características de uma crônica jornalística? É possível concluir que há semelhança com alguma crônica lida em sala de aula? O texto contém observações do cotidiano urbano? O formulário de identificação do gênero crônica esportiva, que foi usado nesta etapa, está disponível como apêndice nesta dissertação.

Segundo a revisão discente, todas as crônicas estão adequadas, ou seja, cumprem as características desse gênero. Alguns alunos chegaram a elogiar as produções revisadas, fato que mostra a qualidade das publicações e a forma respeitosa como o trabalho foi conduzido.

Oficina 9: Versão final revisada e publicada
Objetivo: repercutir a versão final das crônicas esportivas além da ambiência escolar.
Habilidade: aprimorar o conhecimento dos alunos em relação à escrita da crônica esportiva.

Material: textos impressos com as crônicas de cada aluno.

Tempo: duas aulas.

Atividades propostas: após a conferência das revisões, cada aluno-autor desenvolveu uma nova versão partindo dos apontamentos feitos pelo seu colega de classe (na atividade de revisão por pares) e por mim. Na aula seguinte, os alunos-cronistas tiveram suas publicações apreciadas pela comunidade escolar e pelo vereador que preside a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Vereadores de São João de Meriti.

Eu também publiquei as crônicas no blog “crônicas meritienses” e, com a intenção de promover a prospecção extraescolar, encaminhei os textos (ressalvando a identidade dos autores) ao grêmio da unidade escolar, ao Movimento Trabalhista pela Educação (órgão de um partido político) e a grupos de estudos sobre futebol.

Dentro dos marcos legais em vigor sobre a ressalva da identidade dos autores, que são menores de idade, compartilhei as crônicas esportivas produzidas pelos alunos participantes com os colaboradores da circulação extraescolar proposta na última oficina.

Seguindo esta ideia de promover a circulação das crônicas esportivas dos alunos além da ambiência escolar de caráter avaliativo, com a já mencionada ocultação de identidade, publiquei as obras em um blog¹⁶ gratuito nomeado com o mesmo título desta dissertação.

Ao final deste trabalho, os alunos-cronistas demonstraram satisfação com os resultados obtidos e me confessaram que jamais tinham participado de experiência similar até então. A seguir, apresento e analiso os resultados obtidos a partir desta oficinas.

¹⁶ Disponível em:

<<https://sites.google.com/prof.educa.rj.gov.br/cronistas-meritienses/?pli=1&authuser=1>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

8. APURAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Aceitaram participar destas oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas vinte e dois alunos matriculados na turma em questão. Alguns alunos saíram da turma no intervalo entre a primeira e a última oficina, o que reduz o número de crônicas analisadas, além de a oficina sobre a versão final permitir que a produção fosse feita em dupla.

Há diversos apontamentos bem válidos a serem destacados: alguns alunos se empenharam em apresentar complementações em desenhos e marcações coloridas, fato que mostra o alto nível de comprometimento, duas alunas, que são irmãs gêmeas, buscaram mais informações sobre futebol para que pudessem aperfeiçoar suas crônicas, uma discente mostrou uma visão crítica ao futebol (assim como o notável escritor Lima Barreto), alguns alunos construíram crônicas com riqueza de processo ficcional criando resultados ficcionais em algumas partidas de futebol e uma participante decidiu elaborar **uma crônica sobre hóquei** sob a alegação de que seria mais desafiador (já que o futebol não é uma exclusividade na crônica esportiva, não vi problema nessa escolha para fins de filiação ao gênero textual, porém se afasta da proposta presente nas oficinas).

Nesta primeira produção, percebi que os alunos têm bons conhecimentos dos elementos constitutivos da crônica esportiva. Todas as observações feitas por mim e registradas neste capítulo foram verbalizadas a cada aluno-cronista. Dito isto, passo a apresentar algumas (todas estão disponíveis no blog destinado para tal fim) versões produzidas nessa etapa, ressaltando as identificações dos autores dentro dos marcos legais em vigor, e analiso-as.

Na fase diagnóstica, o aluno GRGS fez um texto com características biográficas sobre o jogador Neymar, seu texto está disponível na figura 1. O discente redigiu em terceira pessoa do singular e ratificou sua admiração pelo referido atleta ao utilizar a internet para pesquisar informações acerca do futebolista.

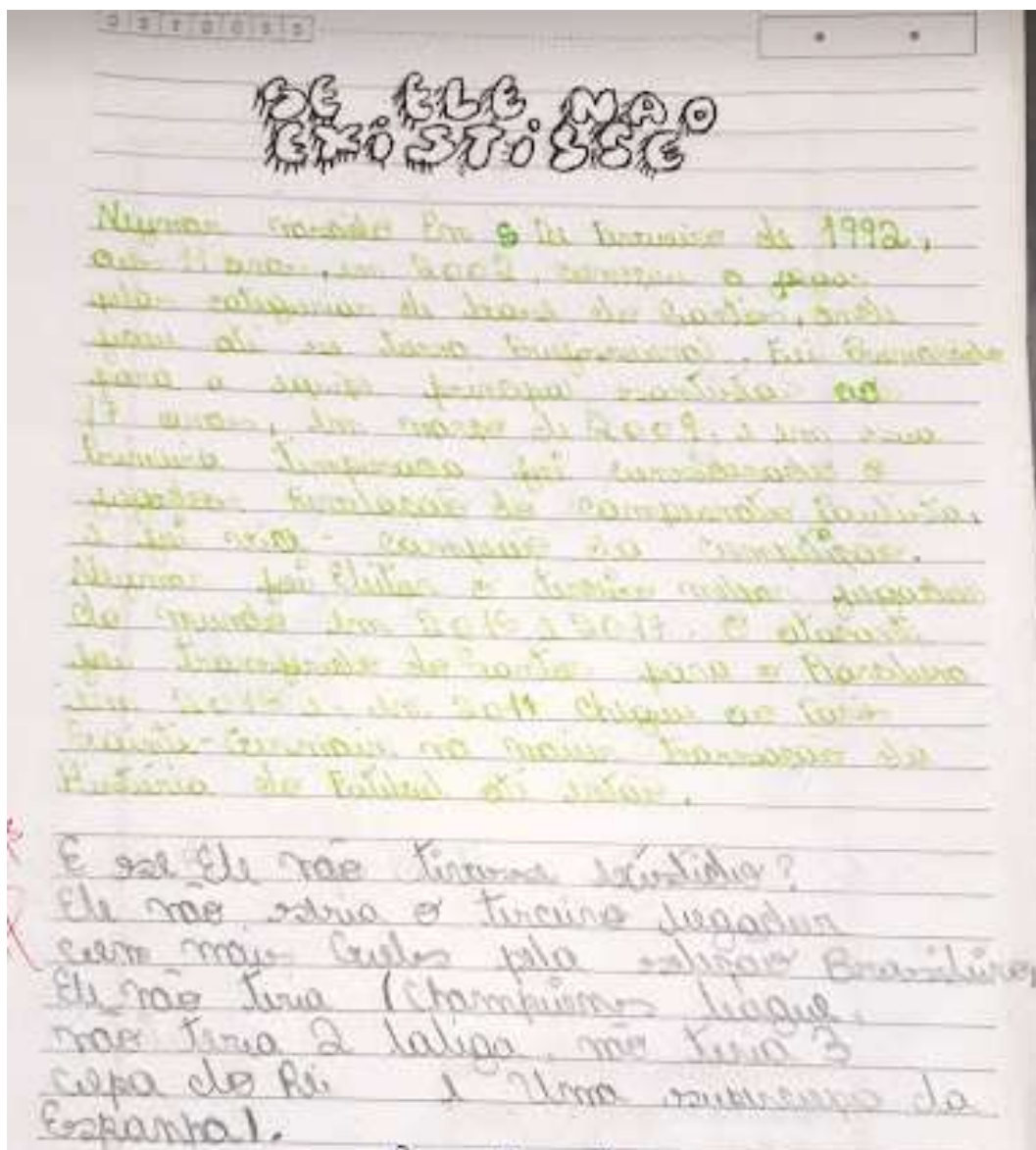
Começa assim o jovem cronista: “Neymar, nascido em 5 de fevereiro de 1992, aos 11 anos, em 2002, começou a jogar pelas categorias de base do Santos”. Mais adiante, ele conclui: “E se ele não tivesse não tivesse existido? Ele não teria sido o jogador com mais gols pela seleção brasileira [...]”.

Tendo em vista a tentativa do aluno-cronista em estabelecer um cenário condicional, percebi que, embora haja imperfeições na composição de uma crônica,

ele cumpriu perfeitamente a proposta de retextualização ao aproximar sua produção de uma das crônicas esportivas lidas ao longo das oficinas.

Comentei com o GRGS que a crônica precisa de narração, ficção ou defesa de algum posicionamento (no caso da crônica jornalística). Nesse sentido, sua produção precisa ser melhorada para que contemple elementos constitutivos da crônica esportiva.

Figura 1 – Crônica do aluno GRGS



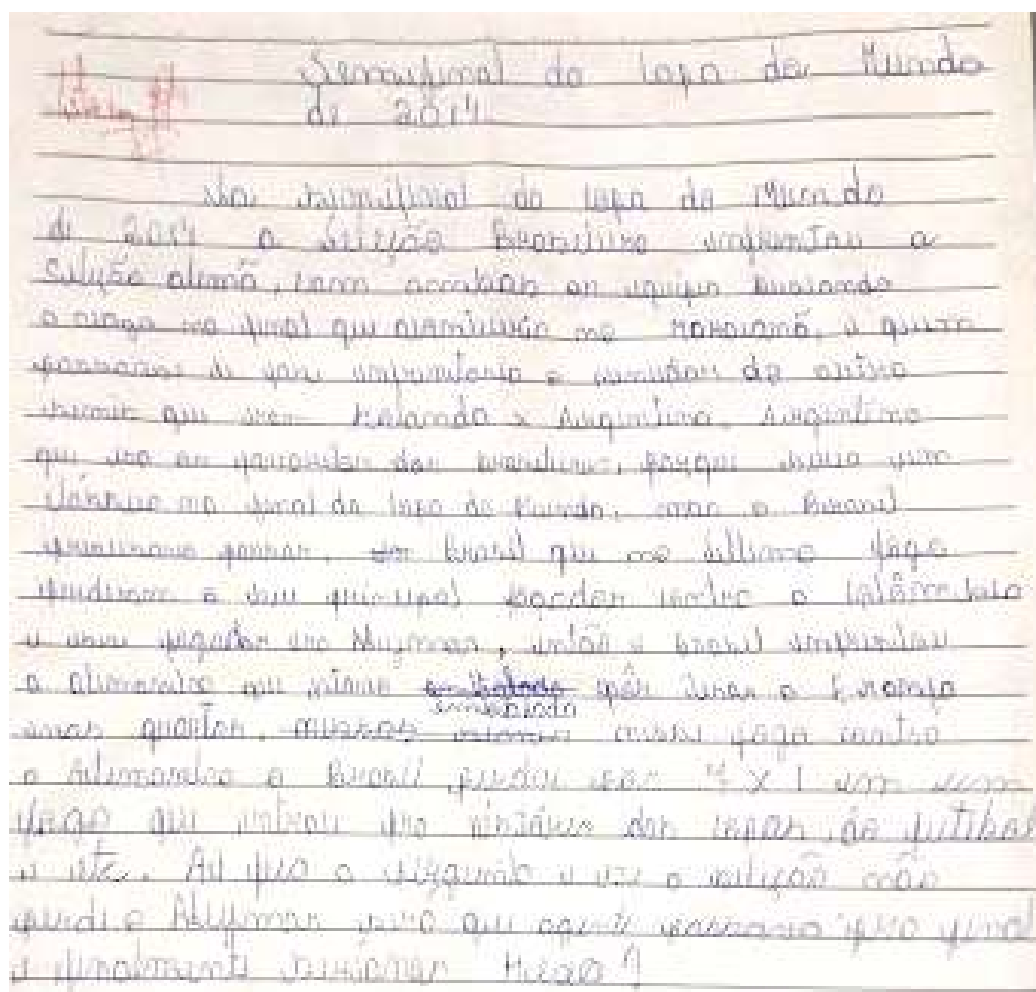
Na crônica a seguir, o aluno MHGS fez uma análise e criou uma hipótese (se a participação de Neymar teria evitado a eliminação na competição) sobre a

participação da seleção brasileira de futebol na semifinal da Copa do Mundo, de 2014, fato que mostra seu caráter inventivo numa perspectiva condicional. Esta produção endossa a admiração de alguns participantes pelo jogador Neymar.

Na ocasião, a seleção brasileira foi eliminada pela Alemanha na semifinal da Copa do Mundo de 2014. O aluno-cronista lembra que Neymar havia sofrido grave lesão na partida anterior, contra a Colômbia. “[...] O Brasil, no seu último jogo, perdeu seu melhor jogador”, escreveu MHGS referindo-se ao Neymar.

No fim de sua crônica, ele deixa claro seu processo de retextualização, com a crônica de Marcos Caetano, ao provocar uma reflexão sobre uma hipotética escalação do atleta citado. “Aí fica a pergunta: se a seleção não perde o Neymar, será que a gente passaria pra final e finalmente seríamos hexa?”, concluiu o jovem, que foi elogiado por mim em razão do seu trabalho.

Figura 2 – Crônica do aluno MHGS



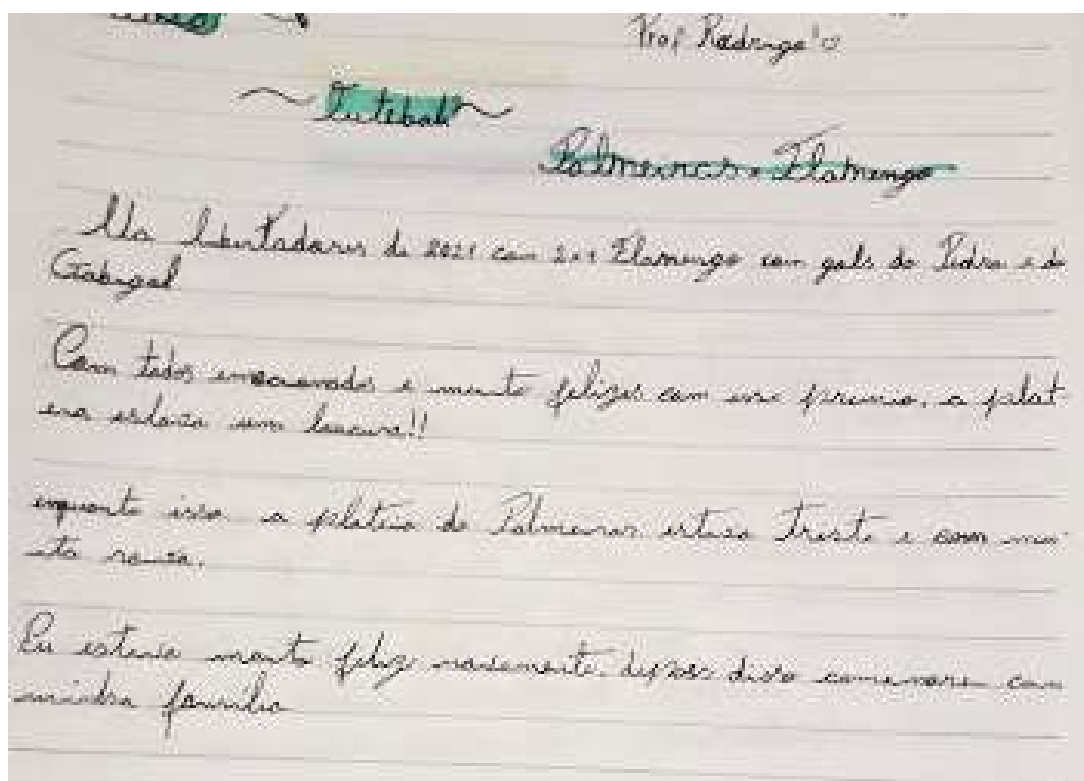
Outros alunos fizeram crônicas sobre observações de jogos de times de futebol e, em alguns casos, até ficcionalizando resultados, conforme imagens a seguir. Quase todos os alunos-cronistas são torcedores do Flamengo, mas há alguns que torcem pelo Vasco da Gama.

Nesse sentido, a aluna KCSF criou um novo fim para a final da Copa Libertadores da América, de 2021, tornando o Flamengo, clube que a autora torce, campeão da referida edição. A discente começa seu texto na terceira pessoa, mas, no fim, expõe sua torcida ao flexionar os últimos verbos (“estava” e “comemorei”) na primeira pessoa e outras marcas pessoais como a comemoração “com a minha família”, conforme a crônica dela, que compõe a figura 3.

A jovem cronista começa assim: “Na Libertadores de 2021, com 2 x 1 Flamengo (venceu) com gols de Pedro e Gabigol”. Ela criou um novo resultado para esse jogo que, nos anais da história, terminou com vitória do Palmeiras pelo mesmo placar atribuído pela autora, mas favorável ao plantel paulista. A aluna também descreve os torcedores: “Com todos emocionados e muito felizes com esse prêmio, a plateia (torcida do Flamengo) estava uma loucura (feliz), enquanto isso... a plateia (torcida) do Palmeiras estava triste”.

Seu texto tem narração, posicionamento autoral (no último parágrafo), processo de criação ficcional (refazendo o resultado do jogo), cumprimento da proposta de retextualização de uma crônica lida em sala de aula (nesse caso, também se trata da crônica esportiva *O que poderia ter sido*) e observações do cotidiano (uma partida de futebol e suas torcidas). Expus à autora meu elogio pela ótima crônica esportiva elaborada. Além disso, destaco a autoria feminina e o capricho da autora em criar marcações visuais na sua produção.

Figura 3 – Crônica da aluna KCFS



Na quarta crônica, o aluno MMS explicita sua torcida pelo Flamengo (posição autoral), a começar pelo título “Decepção do Flamengo”, que evidencia seu descontentamento com o resultado desfavorável a esse clube perante o Botafogo, durante partida válida pela edição de 2024 do campeonato brasileiro.

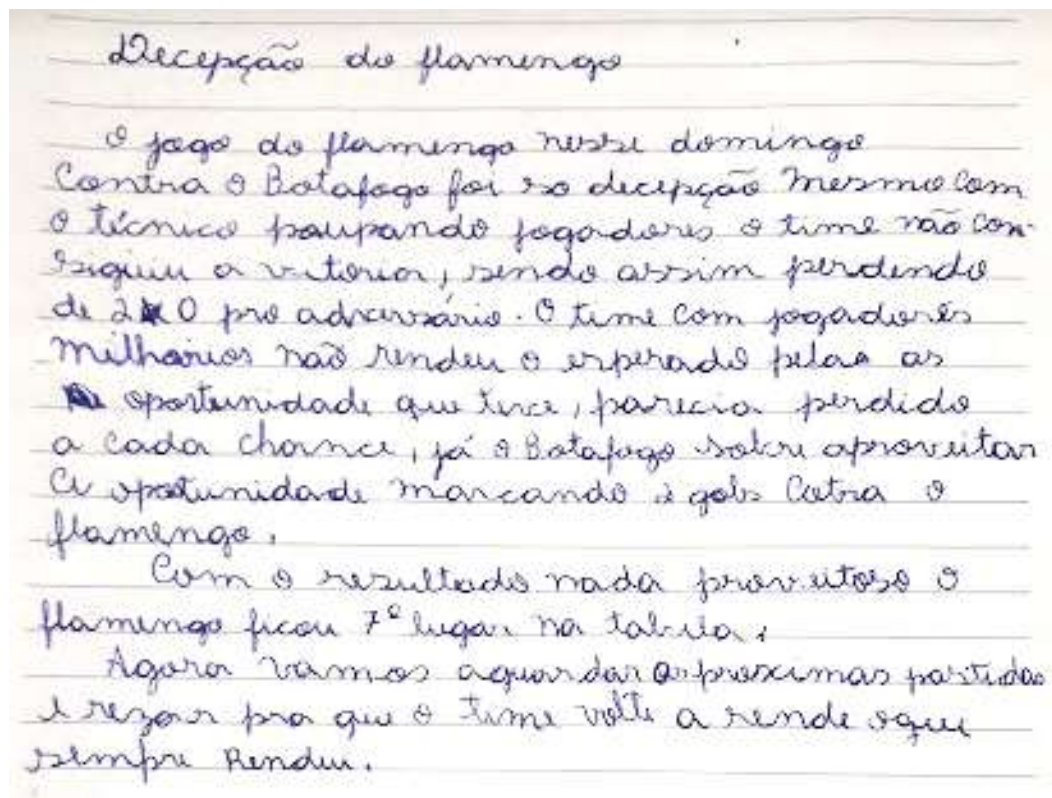
“Com o resultado nada proveitoso”, “gols contra o Flamengo” e “que o time volte a render o que sempre rendeu” são alguns trechos que reforçam a torcida do autor pelo Flamengo e, por conseguinte, mostram seu posicionamento, que, somado à ausência de ficção, é possível identificar que esta crônica se enquadra na modalidade jornalística.

Na crônica em análise, predomina-se o uso da terceira pessoa do singular. No último parágrafo, o aluno-cronista utiliza o “vamos”, na primeira pessoa do plural, para fortalecer uma relação de pertencimento entre ele e o clube Flamengo. MMS escreveu: “Agora, vamos aguardar as próximas partidas e rezar para que o time volte a render o que sempre rendeu”.

Também é possível classificar sua crônica como um registro de observações do cotidiano, visto que se trata de uma análise de uma partida de futebol aliada ao retrospecto da equipe do Flamengo. Destaco os seguintes fragmentos: “O jogo do

Flamengo neste domingo foi só decepção, [...] perdendo por 2 a 0 pro adversário. Com o resultado nada proveitoso, o Flamengo ficou em 7º lugar na tabela”. A escolha pela falta de ficção e as demais características citadas anteriormente mostram que o aluno-cronista se aproximou da crônica jornalística para estabelecer seu processo de retextualização.

Figura 4 – Crônica do aluno MMS



Os demais alunos participantes fizeram crônicas diversas, inclusive extrapolando o contexto futebolístico, mas mantendo a temática esportiva, que é essencial ao gênero textual em análise. Em uma das crônicas, a autora mostrou seu desapeço pelo futebol assim como Lima Barreto.

A crônica *Críticas sobre o futebol*, da aluna SNS, destoa dos demais colegas e mostra o caráter democrático do espaço escolar, pois seu texto é o único que critica o futebol trazendo à luz problemas como a violência entre torcedores e certo fundamentalismo clubístico.

Em se tratando do referido fundamentalismo, destaco o seguinte trecho da sua crônica: “meu irmão e minha irmã torcem pro Flamengo, sim, esse time horrível,

na minha opinião claro, mas eles são malucos por futebol, principalmente, meu irmão que, quando tem jogo, não sai do sofá [...], quando perde, ele fica de raiva”. O termo “malucos” significa que, na visão da cronista, os seus irmãos torcem “acima da média” para o referido clube.

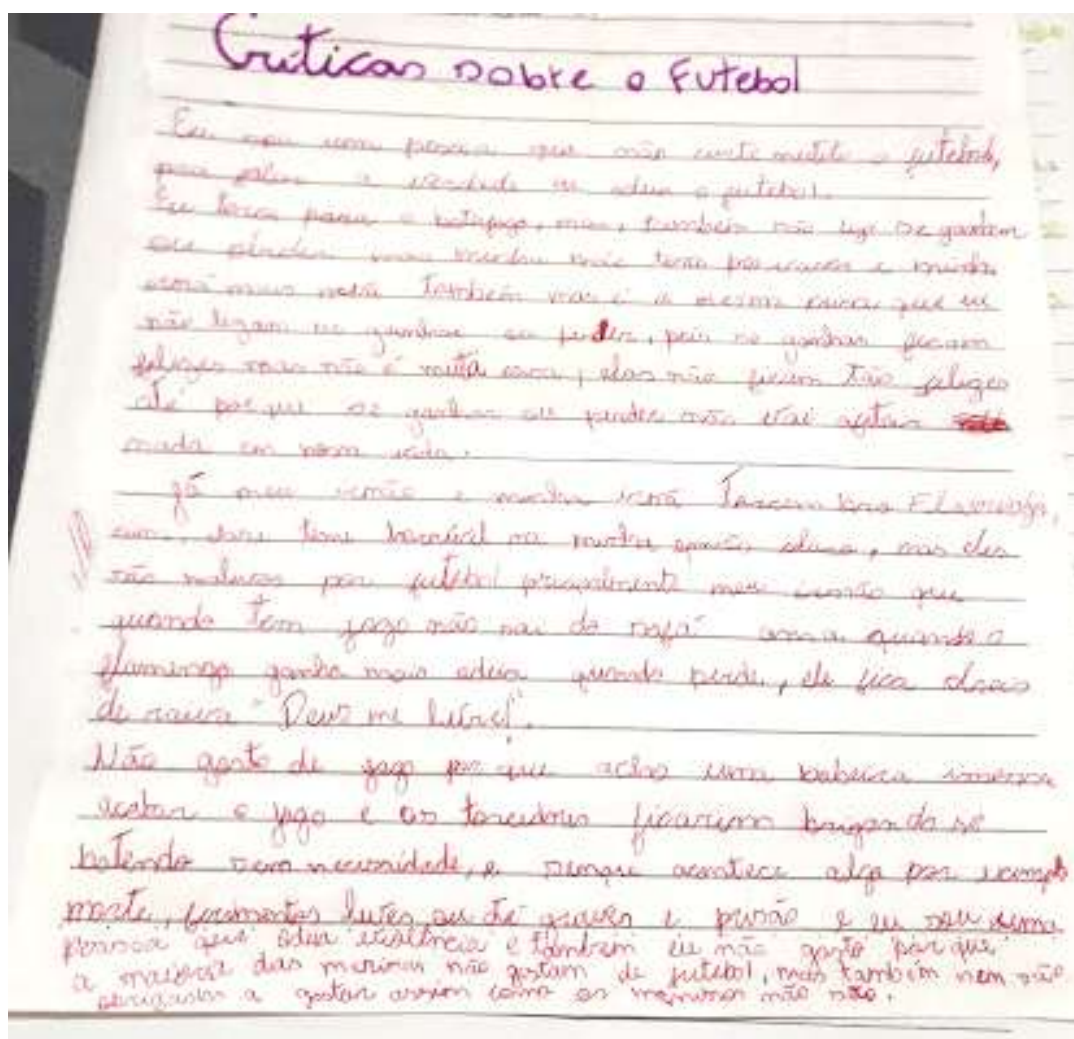
Sobre a violência, ela denuncia: “os torcedores ficarem brigando, se batendo sem necessidade, e sempre acontece algo, por exemplo: mortes, ferimentos (leves ou até graves) e prisão”. Em seguida, ela se posiciona contra essas atitudes: “eu sou uma pessoa que odeio violência”.

Ao ler sua produção, comentei com ela que, nas relações sociais em geral, há pessoas pacíficas e violentas. Sobre o fundamentalismo, disse a ela que esse é um mal que deve ser combatido em qualquer seara (futebolística, religiosa e outras), inclusive a crônica *Torcedor por adoção* (2022), que compõe uma das oficinas previstas neste trabalho, retrata um exemplo no respeito à liberdade individual.

Suas observações e seu posicionamento contemplam observações do cotidiano, que são características da crônica. Assim como a crônica anterior, a produção de SNS tem características de uma crônica jornalística, pois tem defesa de um ponto de vista e ausência de ficção.

Esta crônica é tão autoral que é construída majoritariamente na primeira pessoa do singular e tem argumentação elaborada a partir de experiências registradas pela autora. Além disso, o uso da palavra “bobeira” é um traço da informalidade da aluna-cronista.

Figura 5 – Crônica da aluna SNS



A partir de agora, passo a apresentar e a analisar os dados gerados na segunda crônica (produção final feita de maneira individual ou em dupla) e, em seguida, a revisão por pares. Durante a aplicação das oficinas de leitura e escrita de crônicas esportivas, alguns alunos novos ingressaram na turma e outros retomaram às aulas presenciais após problemas de saúde.

Esses discentes aceitaram participar das oficinas que estavam em curso, fato que permitiu um acréscimo de produções, a versão final contabilizou trinta e cinco crônicas esportivas. Reitero que, para evitar uma extensa relação de fotografias das crônicas esportivas discentes, selecionei algumas para análise, mas todas estão disponíveis no blog criado para esta finalidade.

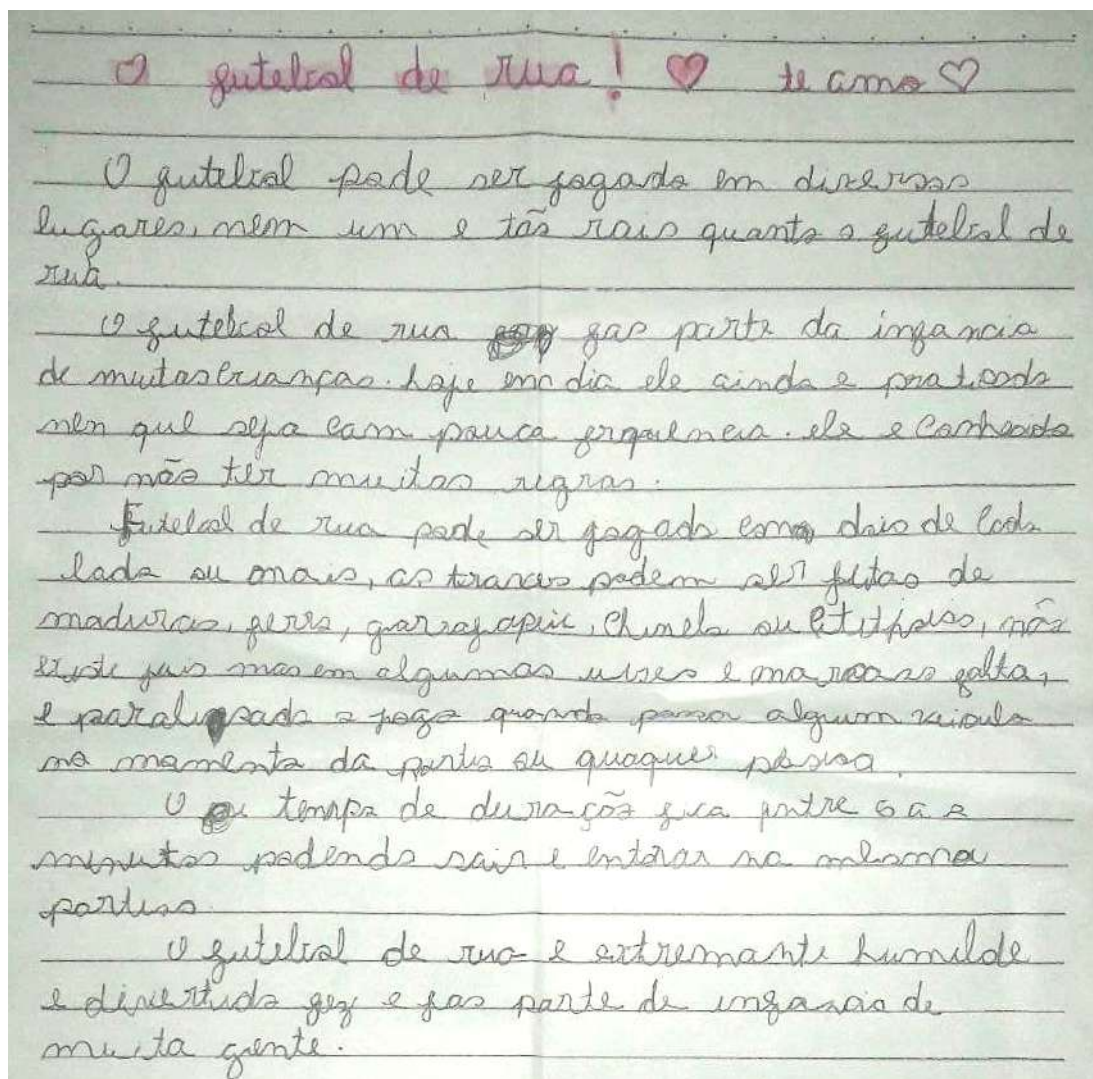
A aluna EMS fez sua retextualização a partir da crônica de Verissimo (2020), ela trouxe do formato de regulamento para uma prosa “tradicional” e pôs expôs suas

experiências sobre a prática de futebol de várzea através de uma linguagem fluida e com menções populares (um exemplo é o termo “raiz” para se referir a uma tradição popular no contexto fluminense metropolitano).

A aluna-cronista estabeleceu as seguintes regras: “Futebol de rua pode ser jogado com dois de cada lado ou mais, as traves podem ser feitas de madeira, ferro, garrafa, chinelo [...]”. Além disso, ela mostra o laço do futebol de rua com a identidade de um ambiente periférico brasileiro, como é São João de Meriti, ao concluir: “O futebol de rua é extremamente humilde e divertido, fez e faz parte da infância de muita gente”. Sendo assim, esta aluna-cronista elaborou um texto que contempla as características do gênero pretendido, inclusive a parabenizei pela produção dessa crônica esportiva.

Como essa aluna estava adoecida durante o período das produções, ela me pediu autorização para que, em caráter excepcional, fizesse a crônica na sua residência. Ela me confidenciou que a produção da crônica serviu como um instrumento de reaproximação com seu padrasto por imaginar que suas observações poderiam contribuir para a feitura do trabalho.

Figura 6 – Crônica da aluna EMS



Tendo como texto-fonte a crônica *O que poderia ter sido* (2010), o aluno MHGS criou a crônica *A copa do mundo de 2022*. Nela, o autor retoma a trajetória da seleção brasileira masculina de futebol naquela edição da copa e dá um novo fim, a começar pelo avanço às semifinais (diferente do que realmente aconteceu), vencendo a final contra a França por 1 a 0 e tornando o Brasil hexacampeão mundial.

Transcrevo o trecho que começa a ficção (alteração dos resultados) do jovem cronista: “Nas quartas, o jogo contra a Croácia foi 1 a 1 e, nos pênaltis, o Brasil avançou por 5 a 4, nas semis, um verdadeiro jogo [...], simplesmente um Brasil e Argentina, [...] o Brasil avançou com um gol no último lance!”. É possível perceber

que ele monumentalizar o jogo como um espetáculo ao classificar o jogo da semifinal (abreviada como “semi” por ela) como “um verdadeiro jogoço”.

Para concluir sua narrativa ficcional, ele construiu a final da copa do mundo de 2022 assim: “avançou (o Brasil) à final onde ia enfrentar a França, a atual campeã, [...] finalmente, o Brasil conquistou o tão sonhado e esperado hexa! 1 a 0, com gol de Neymar e o Brasil é campeão da copa do mundo”. Identifico neste tipo de criação semelhança com as narrações televisivas e radiofônicas de futebol.

Percebi que o aluno-cronista é fã do jogador Neymar, assim como diversos outros jovens, atribuindo-lhe o protagonismo de autor do gol do título. Também identifiquei recursos expressivos que visam enaltecer o acontecimento esportivo, tais como “um verdadeiro jogoço”, “o tão sonhado e esperado hexa” e “o maior campeão desta competição”, além do emprego do acento exclamativo em diversos momentos.

Há a presença de bordões comuns ao meio futebolístico como “embalada” (entusiasmo de uma equipe com seu retrospectivo positivo recente), “jogoço” (partida de futebol de alta qualidade) e “grupo da morte” (grupo mais competitivo, segundo análise de quem cunha esse termo, na fase classificatória de algum campeonato nesse formato). Todas essas características conferem ao texto em questão a natureza de crônica esportiva, ainda com vistas ao cumprimento da proposta de retextualização. Ao final, também dirigi meu elogio ao autor dessa crônica esportiva discente.

Figura 7 – Crônica do aluno MHGS

Copa do mundo 2014.
 Em 2014 teve a Copa do mundo
 com 32 equipes disputando o jogo mais disputado
 da mundo. Uma delas era a Seleção Brasileira
 a maior campeã dessa competição! que venceu jogando
 uma ótima campanha nessa edição eliminando
 a Suíça por 2x0 na 1ª rodada, eliminando a
 Suíça por 1x0 na 2ª rodada e chegando para a terceira
 na última rodada, foi com a Brasil ganhou um primeiro
 do grupo com sete pontos, foi com o Brasil de final a
 Brasil ficou a terceira de sul que venceu um golado
 após ganhar pelo grupo do norte, mais não deu certo
 a Brasil ganhou o jogo! foi 4x1 e chegou em quarto
 para disputar a final com o jogo foi 1x1 e
 foi para os pênaltis e a Brasil conseguiu mais direito
 por 5x4, mas semis um verdadeiro jogador que
 prometia muito! completamente um Brasil x Argentina
 com a Brasil venceu com um gol no último lance!
 e chegou a final com o jogo foi 1x1 e chegou a final
 com o Brasil venceu com o Brasil conseguiu o título
 brasileiro e mundial! 1x0 com gol de Neymar
 e a Brasil é campeã da Copa do mundo.

As alunas KY e SA tiveram como base a crônica da jornalista Milly Lacombe, que tem modelo jornalístico. Elas trouxeram a discussão sobre as implicações da mercantilização da prática do futebol profissional. Assim como Lacombe, elas também criticam a capilaridade que as apostas esportivas têm ganhado.

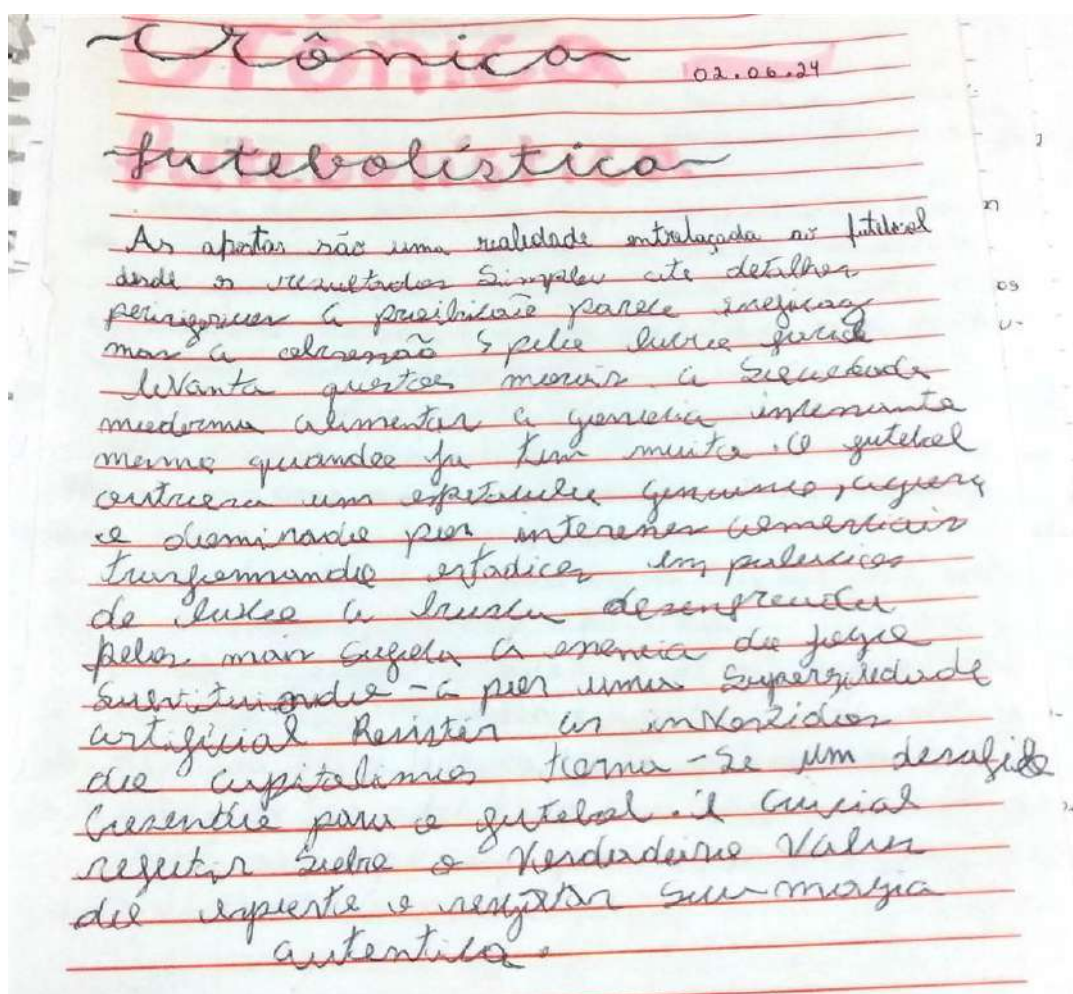
Desta forma, elas introduziram o tema da crônica esportiva já mostrando juízo de valor sobre o tema: “As apostas são uma realidade entrelaçada ao futebol desde os resultados [...]. A proibição parece ineficaz, mas a obsessão pelo lucro levanta questões morais”. Elas monumentalizaram a prática do futebol ao definirem como um “espetáculo genuíno” e a necessidade de “resgatar sua magia autêntica”.

Endossando o posicionamento da referida jornalista, mas com sua própria versão, as alunas escreveram a *Crônica futebolística* defendendo seu ponto de vista

anticapitalista, destaco o seguinte trecho: “resistir às investidas do capitalismo tornou-se um desafio crescente para o futebol, é crucial refletir sobre o verdadeiro valor do esporte e resgatar sua magia autêntica”.

Dessa forma, o texto analisado contém traços suficientes para classificá-lo como uma crônica esportiva jornalística tendo sido possível identificar o texto-fonte de sua retextualização. Nestes termos, achei importante também parabenizá-las pela produção dessa crônica.

Figura 8: Crônica das alunas KY e SA



A crônica *Diga não machismo* é de autoria da aluna RFCS, que, desde o início me revelou que não gosta de futebol, mas me admitiu que faria por “obrigação escolar” inicialmente. Quando a discente leu a crônica *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023), ela ficou encantada com a história e decidiu construir sua retextualização a partir dela. Aliás, muitas meninas produziram suas crônicas com

base na mesma fonte, o que mostra a grande identificação do público feminino com essa crônica.

No processo de retextualização, a jovem cronista troca a protagonista “Tereza” por Maria, “morro” por *ladeira* e “ônibus” por *busão*. Além disso, ela deu um novo fim: em vez da morte, o marido da protagonista foi agredido por vizinhos como forma de “justiçamento” contra alguém que oprimia sua companheira.

RFCS começou assim: “Dona Maria descia a longa ladeira correndo para não perder o busão”. Sobre o referido “justiçamento”, ela estabeleceu a seguinte adaptação a partir da reconstrução do diálogo entre a protagonista e o motorista do ônibus:

— Se revoltaram contra ele (o marido da protagonista que a agredia) e bateram muito! No final, ele adoeceu e estava aí, morrendo aos poucos... sentindo tudo.

— Uau! Profundo! Mas afinal, e você, não sente nada?

— Ah, eu? Tô não, sinto nada, ele teve o que mereceu, o karma está contra ele, nenhuma mulher deve passar por isso.

Comentei com a aluna que, em um cenário real, essa medida vingativa viola os direitos humanos e nos afasta dos marcos civilizatórios. Concluí esta mediação informando que há mecanismos legais em vigor no Brasil que tratam desse tema, assim cabendo a nós acompanhar eventuais investigações e seus desdobramentos que são deflagrados pelas instituições responsáveis.

No último parágrafo, a autora usou o termo “karma” (adaptação de “carma”, palavra utilizada de forma negativa em algumas religiões) para se referir de forma pejorativa ao marido da personagem Maria. No fim, ela concluiu sua mensagem antimachista ao escrever “nenhuma mulher deve passar por isso”, se referindo às privações sofridas pela referida personagem. Concluída esta conferência, vejo que a crônica escolar analisada apresenta elementos constitutivos (ficção, narração e observação do cotidiano) da crônica esportiva a partir da retextualização de um texto-fonte identificado. A seguir, as figuras 9 e 10 apresentam, respectivamente, frente e verso dessa crônica discente.

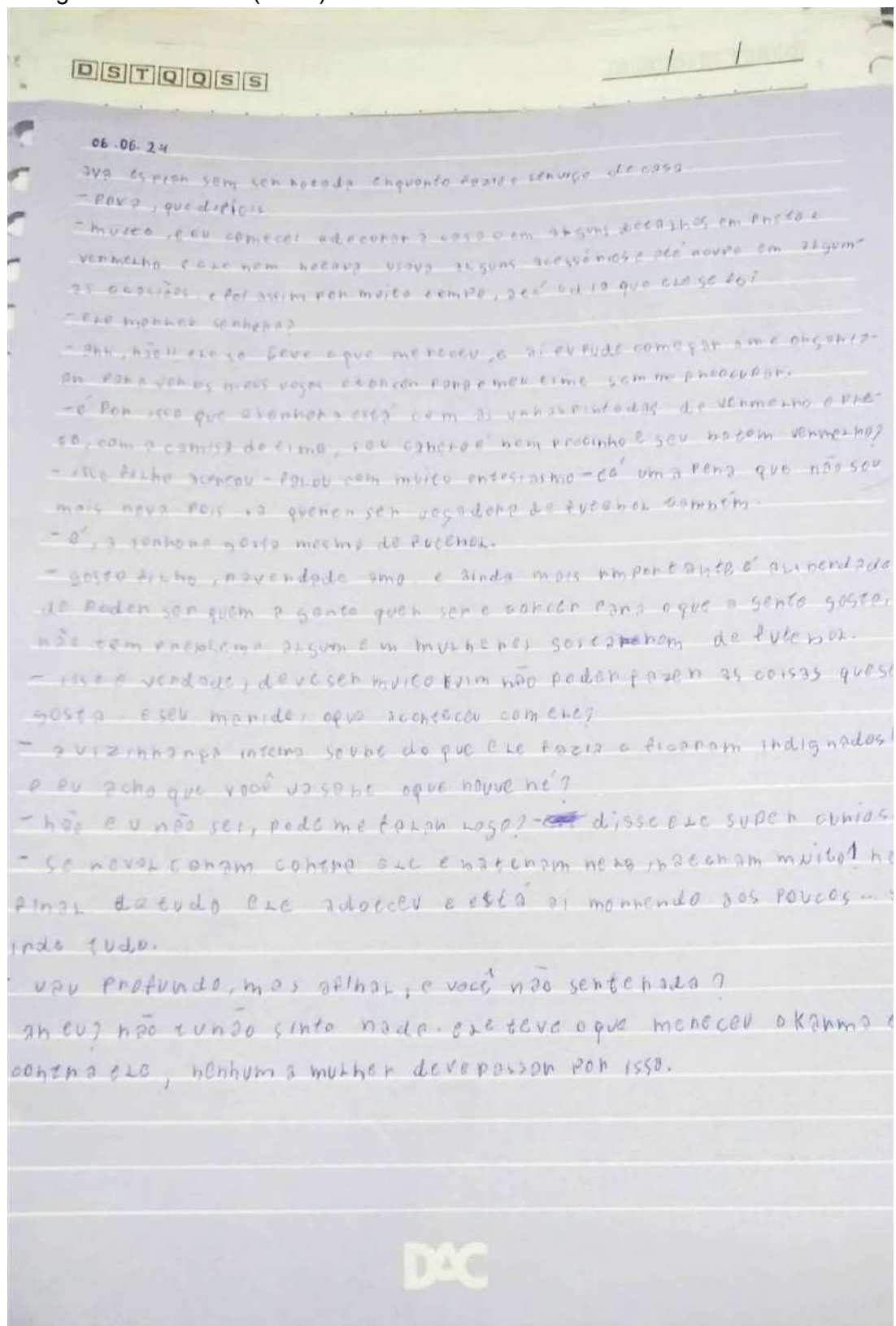
Figura 9 – Crônica (frente) da aluna RFCS

diga não ao machismo!.
 Minha mãe descia a longa ladeira comendo pão não penduro biscoito.
 estava parada para assistir ao jogo de seu time de coração. Já que o
 momento não estava bom e não podia ir, então não deixo de pensar
 sobre o pão não penduro biscoito, enquanto se ajoelha nos bancos da frente.

- obrigada meu filho saber que ia perder o ônibus - disse ela olhando.
- a escola não tem que comandar tudo, uma hora pode dar um dia que
 se fica comendo assim.
- filha que nada, tenho 30 anos e já vivi muito nessa vida pra
 me dar a sensação de ver meu filho ganhando campeonato carioca.
- a senhora se chama assim por favor? eu entendo muito de futebol.
- está fazendo isso por quê? pela minha idade e por eu ser mulher?
- não quis aprender nada não senhora, mas é que nunca vi uma mulher a
 idade de você tanto para fazer um biscoito pra ir ao maracá assistir
 a um jogo de futebol, só isso.
- ora que se não quer se mais de futebol do que você, se quiser fazer
 um teste se só começa - pergunta o que quiser que eu respondo.
- não senhora, quem sou eu pra ficar questionando sua sabedoria? se pode di-
 nente mesmo.
- eu aprendi a gostar de futebol quando via o zico jogar, era um espetáculo.
 Lá, uma ante aqueles dribles, as estratégias, os confrontos no meio do campo,
 tudo isso sempre me emocionava.
- é bonito mesmo.
- se que meu marido nunca me deixava assistir ao jogo e eu não menos torcer,
 dizia que era coisa de homens e que eu tinha que ficar cuidando da casa. Eu
 chorava toda vez que o meu Flamengo jogava porque eu não podia assistir.

DAC

Figura 10 – Crônica (verso) da aluna RFCS



Na crônica *A vitória do mengo*, a aluna EVNS utiliza o exercício da retextualização para fazer mudanças mais estruturais na crônica *A felicidade*, a

liberdade e o futebol (2023), a começar pela personagem que se chama Rosa, porém a mudança mais significativa é que a narração alcança o jogo em si, na ocasião, uma vitória do Flamengo perante o Botafogo.

A aluna-cronista começa desta forma: “Dona Rosa estava no Maracanã assistindo a um jogo do Flamengo, o placar estava 5 a 2, o Botafogo estava a todo custo tentando fazer mais gols, mas o Flamengo estava ganhando”. A discente também descreveu a atuação da protagonista como torcedora no estádio somada a dos demais torcedores: “Dona Rosa era torcedora do Flamengo e segurava um cartaz, enquanto cantava o hino do time junto aos outros torcedores. [...] Dona Rosa e outros torcedores gritaram de alegria”.

Na crônica tida como base da retextualização, a protagonista se dirige ao estádio, mas não tem sua experiência no jogo em si retratada, enquanto isso, inquieta com essa “lacuna”, a aluna EVNS tratou de resolver esse “problema” e pôs sua personagem para vibrar com a torcida no estádio. Verbalizei meu elogio à autora pela sua produção.

Sendo assim, me atrevo a dizer que esta crônica escolar poderia ser uma continuidade da crônica que serviu de inspiração, fato que mostra a habilidade inventiva da aluna-cronista. Ao fim, identifico elementos suficientes da crônica esportiva na produção textual em análise.

Figura 11 – Crônica da aluna EVNS

29/05/24

S. Portuguesa

A vitória do Mengo

Dona Rosa estava no Maracanã assistindo a uma jogo de Flamengo, o placar estava 5x2, o Botafogo estava a todo custo tentando fazer mais gols, Mas o Flamengo estava ganhando. Dona Rosa na torcida do Flamengo e seguia com cantos enquanto assistia o jogo do time. Junto aos outros torcedores. A torcida não parava de cantar. A torcida do Bota foga estava tentando dar beijos ao time para que eles torcessem mais e fizessem mais gols. A bola rolava sem campo e já estava no segundo tempo e os jogadores do Bota foga estavam perto de gol, finalmente conseguiram mudar o placar para 5x3, Mas ainda não era uma vitória. O tempo acabou e o time de Flamengo ganhou o jogo. Dona Rosa e os outros torcedores do time tiveram de alegria.

Seguindo a linha antimachista, a aluna ASL produziu a crônica *Blusa de time*, que se espelha na crônica *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023), estabelecendo mudanças estruturais significativas. No começo, a protagonista se chama Maria, ao contrário de Tereza.

Transcrevo seu início, que é narrativo: “Dona Maria pegava um uber até o shopping. Assim que chegou, foi direto para a loja do Fluminense. Chegando lá viu uma blusa linda, ficou apaixonada e, logo, levou a blusa pro caixa”. Diferente da personagem do texto-fonte, que torce para o Flamengo, Maria declara torcida pelo Fluminense. Enquanto o texto inicial retrata o deslocamento da personagem ao estádio, Maria vai à loja de artigos esportivos para comprar uma camisa de futebol.

Em vez de um motorista de ônibus, o personagem com quem ela dialoga é um funcionário da referida loja. Aliás, em vez da presença do ônibus, ela cita o Uber, o que mostra a observação do cotidiano contemporâneo urbano, que é um traço constitutivo da crônica. Também identifico a informalidade, outra característica do

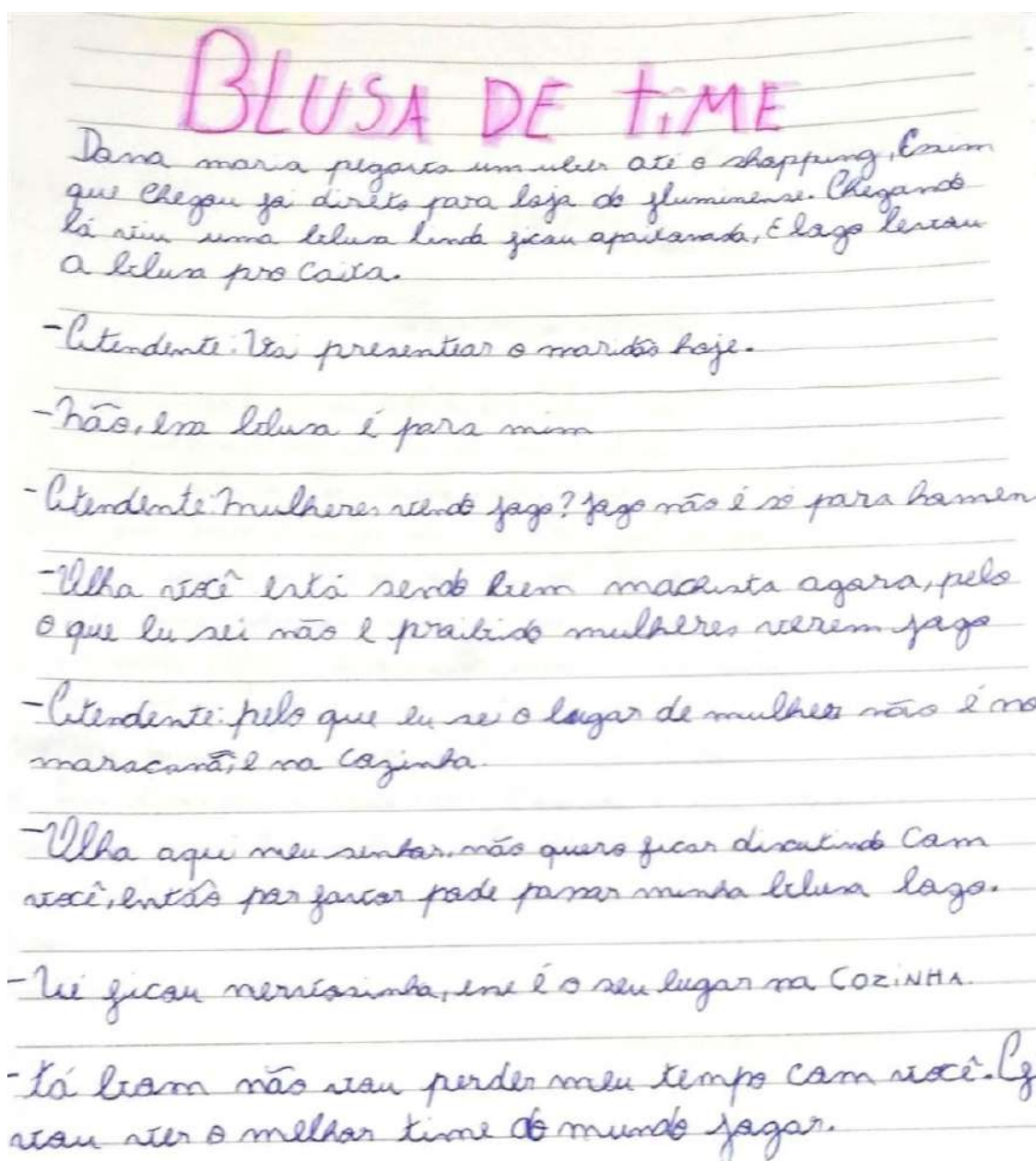
gênero, ao usar as expressões “pegava” (no sentido de embarque no veículo) e “passar” (no sentido de adiantar o registro fiscal de um produto).

No trecho dialogal de sua crônica esportiva, o personagem do sexo masculino usa termos machistas como “vai presentear o maridão” e “o seu lugar é na cozinha”. A protagonista refuta os atos machistas em todas as oportunidades. A seguir, reproduzo o diálogo entre eles.

- Atendente: Vai presentear o maridão hoje.
- Não, essa blusa é para mim.
- Atendente: mulheres vendo jogo? Jogo não é só para homens?
- Olha você está sendo bem machista, agora, pelo que eu sei não é proibido que mulheres vejam jogo.
- Atendente: pelo que eu sei lugar de mulher não é no Maracanã, é na cozinha.
- Olha aqui, meu senhor, não quero ficar discutindo com você, então, por favor, pode passar minha blusa logo!
- Atendente: ui, ficou nervosinha, esse é o seu lugar, na cozinha!
- Tá bom, não vou perder meu tempo com você. Afinal, vou ver o melhor time do mundo jogar.

Com tantas mudanças significativas, vale destacar a capacidade criativa da aluna-cronista no processo de produção textual a partir da retextualização de uma obra lida em sala de aula, respeitando os direitos humanos, construindo narração e diálogo, que está bem organizado de tal maneira que permite a qualquer leitor identificar a fala de cada personagem. Nesse sentido, observo elementos constitutivos fundamentais da crônica esportiva no texto analisado e, merecidamente, expus meu elogio à aluna-cronista pela sua excelente produção.

Figura 12 – Crônica da aluna ASL



Na crônica seguinte, a participante AVSS, assim como outras alunas, há como referência a crônica *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023). Na crônica *O primeiro jogo*, a aluna-cronista põe a personagem como narradora de sua história ao construir o texto na primeira pessoa do singular, ela opta por não nomeá-la. A personagem-narradora se apresenta assim: “Sou fã do esporte (futebol) desde que era pequena”.

Ela constrói uma extensa rede familiar para justificar a posição da personagem-narradora como torcedora de futebol, a origem dessa paixão esportiva

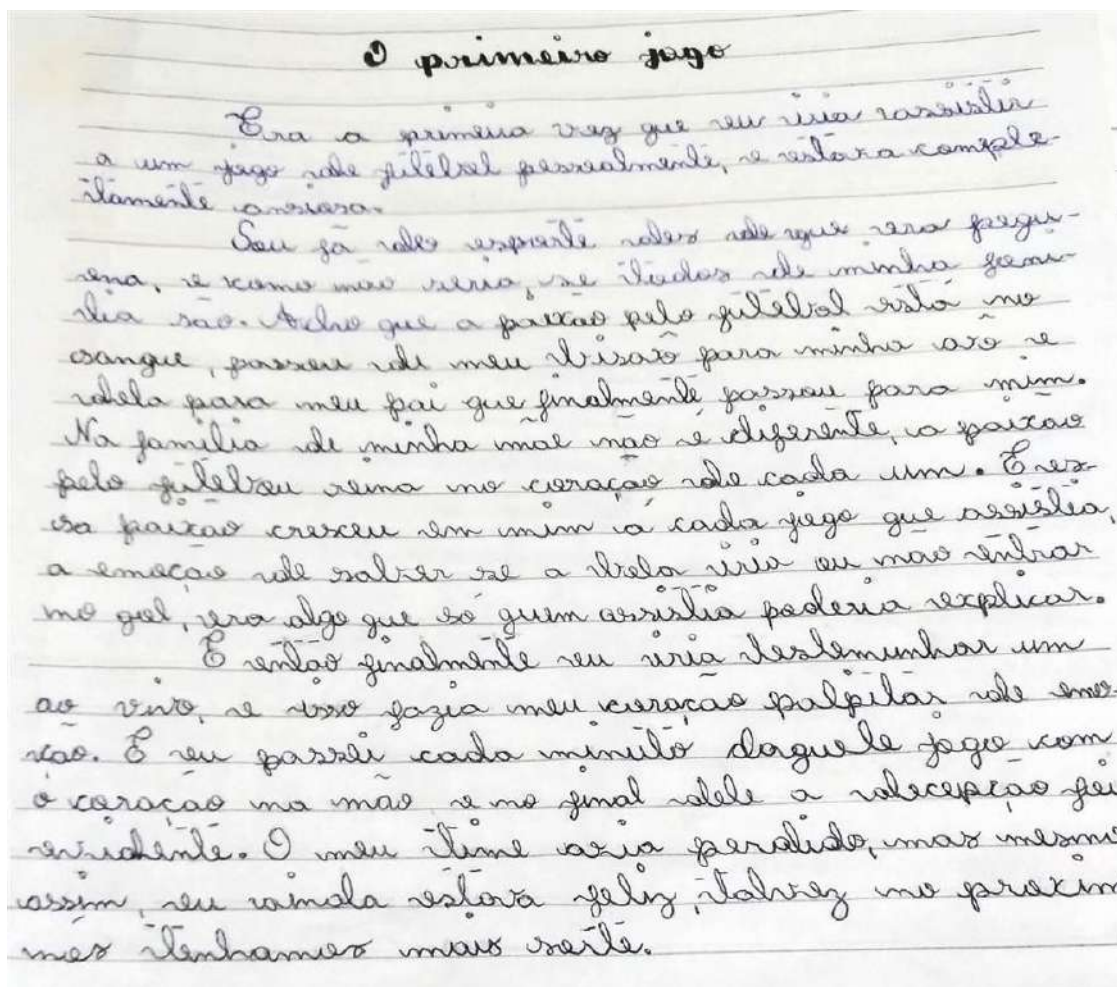
começa com o bisavô e passa por gerações até chegar nela. Além dela, sua mãe é apontada como uma referência em sua identidade futebolística, fato que contraria uma lógica machista de se atribuir exclusivamente aos homens esse tipo de formação.

A aluna-cronista elaborou essa rede familiar da seguinte forma: “Acho que a paixão pelo futebol está no sangue, passou pelo meu bisavô, para minha avó e dela para meu pai, que, finalmente, passou para mim”. E ainda incluiu o lado materno familiar: “Na família da minha mãe não é diferente, a paixão pelo futebol reina no coração de cada um”.

Só esses fragmentos me permitiram perceber a beleza estética da monumentalização do futebol na construção de sua crônica esportiva, mas a autora foi além e seguiu esse processo ao narrar a experiência de sua personagem em um estádio de futebol desta maneira: “então, finalmente, eu iria testemunhar ao vivo e isso fazia meu coração palpitar de emoção. E eu passei cada minuto daquele jogo com o coração na mão, [...] mesmo assim, eu estava feliz”.

Durante a realização das oficinas, a referida aluna me confessou que não entendia muito de futebol, mas gostou da proposta e me disse que se esforçaria para entregar o melhor resultado possível. De fato, ela produziu um texto que contempla as características da crônica esportiva e criou uma retextualização com mudanças que estabelecem sua marca autoral, com grande destaque para a maneira como ela monumentalizou o futebol. Com louvor, também manifestei meu elogio à aluna AVSS pela sua crônica.

Figura 13 – Crônica da aluna AVSS



Tendo como base a crônica esportiva *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023), a discente AJFAB criou sua crônica, intitulada como *Mulher jogando?* Nesta produção textual escolar, a protagonista não é nomeada e tem sua vida narrada desde a infância, na qual sofria machismo por gostar de jogar futebol. “Menina não joga”, foi uma frase utilizada em sua crônica como marca do preconceito vivido pela protagonista.

Em razão do machismo, naquele momento, a personagem havia desistido do futebol, na fase adulta, ela casa e tenta retomar sua relação com esse esporte, dessa vez, como torcedora, mas é contrariada pelo seu marido. Assim como no texto-fonte, o marido morre e, após isso, a protagonista, enfim, consegue viver sua experiência de torcer dentro do estádio de futebol. A seguir, transcrevo um extenso trecho que evidencia esses apontamentos.

Um dia, ela pediu a sua mãe para colocá-la em uma escolinha de futebol. Quando ela chegou na escolinha, só havia meninos.

— Como assim menina?

— Menina não joga!

— Menina nem sabe jogar!

Ela ficou bem triste com os comentários e desistiu do futebol.

O tempo passou, ela se casou. Um belo dia, ela perguntou ao marido:

— Amor, vamos ao Maracanã.

— Como assim você gosta de futebol?

— Sim, gosto muito, sei até jogar.

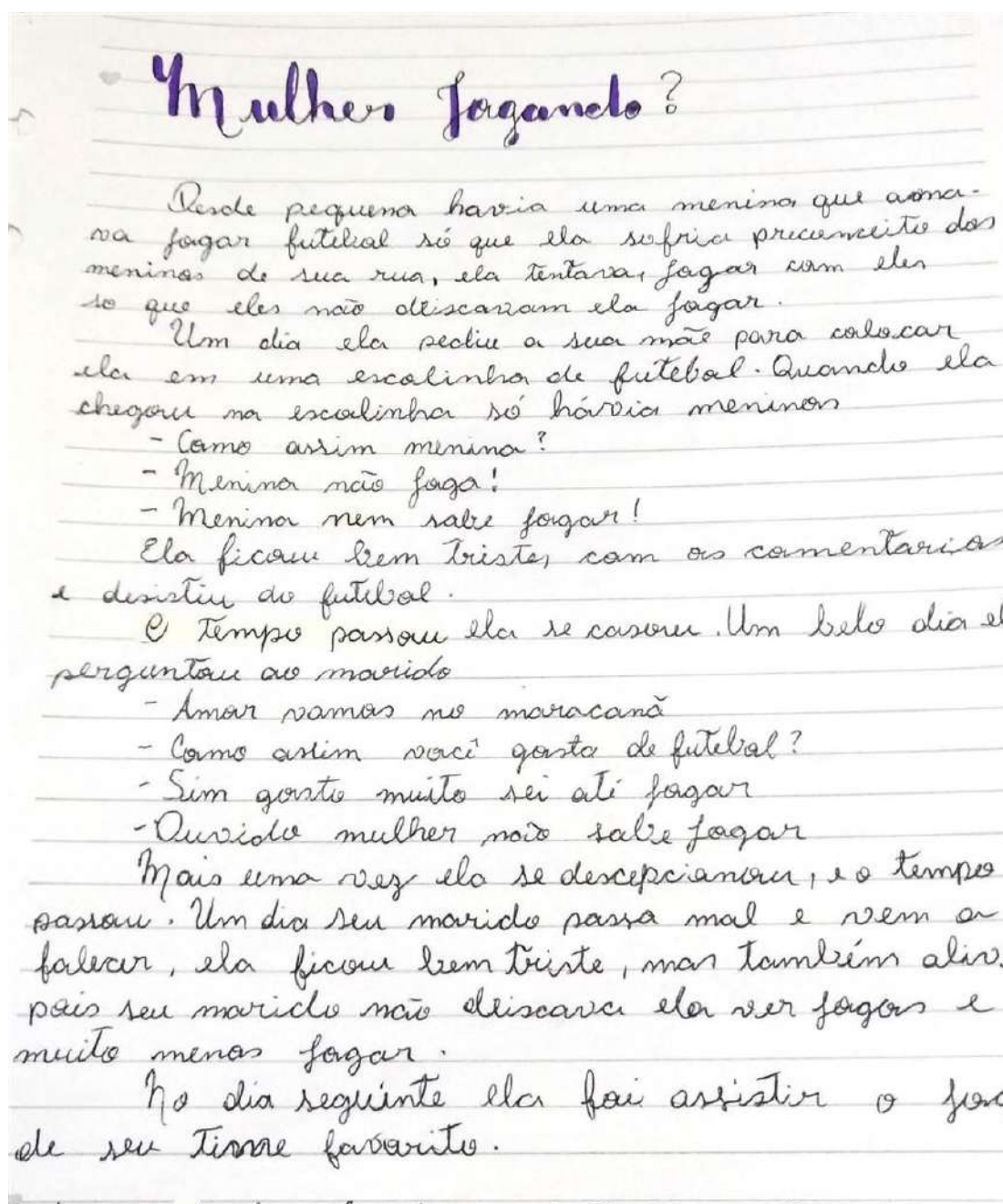
— Duvido mulher saber jogar.

Mais uma vez ela se decepcionou, e o tempo passou. Um dia, seu marido passa mal e vem a falecer, ela ficou bem triste, mas também aliviada, pois ele não a deixava ver jogo e muito menos jogar.

No dia seguinte, ela foi assistir ao jogo do seu time favorito.

Entre narração, coloquialidade e registros do cotidiano, a crônica escolar *Mulher jogando?* cumpre os requisitos que constituem esse gênero e evidencia que *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023) é a sua referência para o exercício da retextualização. Além disso, a cronista transmite uma mensagem antimachista através da literatura. Sendo assim, verbalizei à autora meu elogio em razão da qualidade da sua crônica esportiva.

Figura 14 – Crônica da aluna AJFAB



Seguindo a tendência da crônica *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023), os alunos AMR e PSGC elaboraram a crônica esportiva *A liberdade pelo futebol*. A narrativa é protagonizada pela personagem Carla, que é privada do direito de assistir a jogos de futebol pelo seu pai, ou seja, diferente do texto-fonte, a opressão é praticada por outro membro familiar.

A privação da liberdade é comprovada através das seguintes falas da personagem: “Eu, Carla, descia a escada correndo para não perder o jogo, mas meu

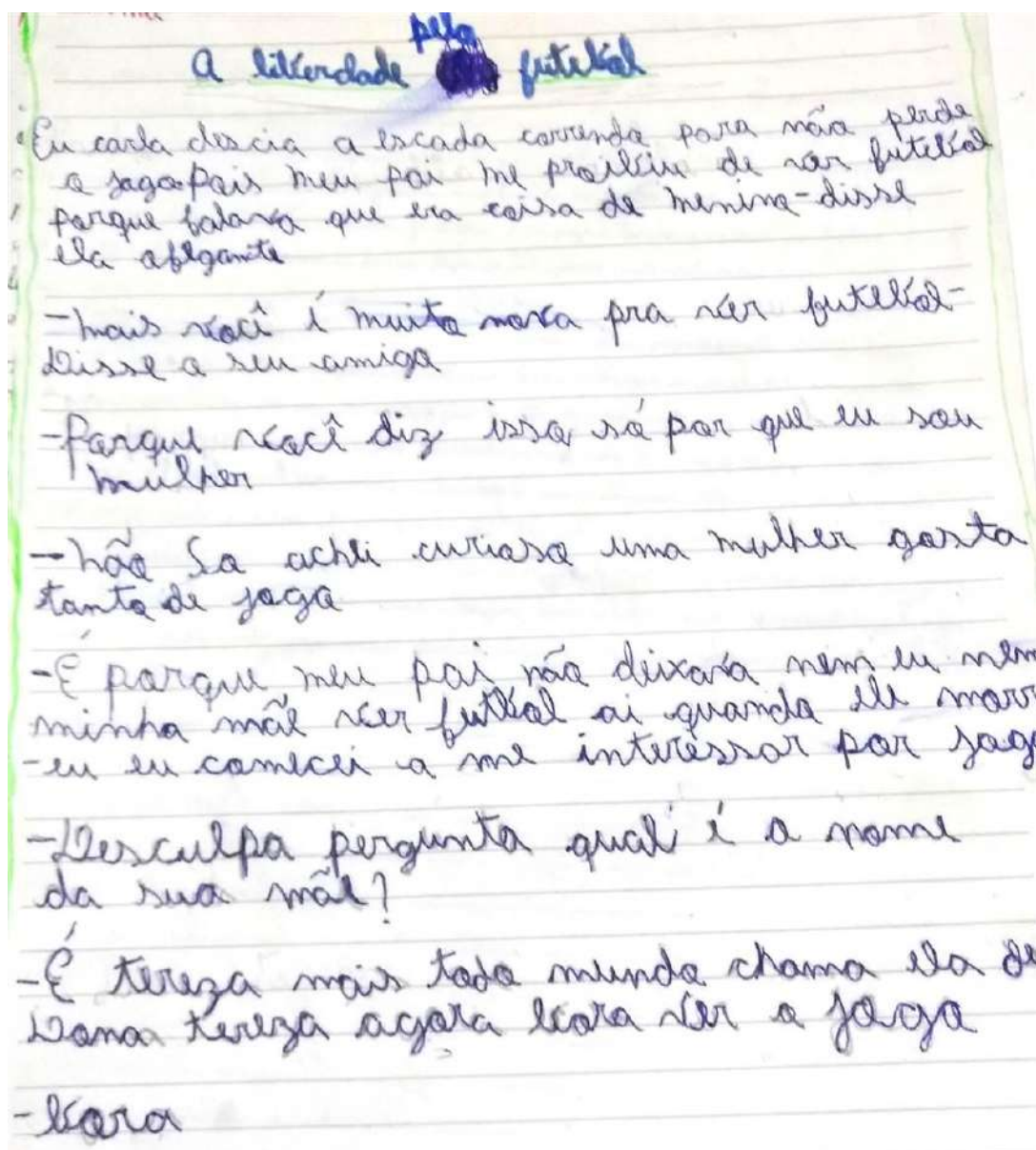
pai me proibiu de ver futebol, porque ele falava que era coisa de menino — disse ela, ofegante”.

Mostrando capacidade inventiva, no fim da narrativa, os autores mostram um diálogo no qual revela que Carla é filha de Tereza, a protagonista da crônica tida como referência para esta retextualização. Essa relação parental e intertextual é comprovada a partir de um diálogo entre Carla e outra personagem.

Carla confessa: “meu pai não deixava nem eu, nem minha mãe ver futebol, aí quando ele morreu, eu comecei a me interessar por jogo (de futebol)”. A outra personagem pergunta: “qual é o nome da sua mãe?”. Carla responde: “É Tereza, mas todo mundo a chama de Dona Tereza”. Sendo assim, identifico que o mesmo homem que oprimia Tereza repetiu o ato com Carla, ou seja, ele cerceou a liberdade de sua esposa e de sua filha.

Além das características basilares da crônica esportiva que estão evidenciadas, destaco a presença da coloquialidade, que é outro traço desse gênero, a partir do emprego de “bora”, que equivale ao uso do verbo “vamos” no contexto fluminense metropolitano. Elogiei a genialidade dos jovens autores e reforcei a importância de lutarmos contra o machismo e diversas formas de opressão diuturnamente.

Figura 15 – Crônica dos alunos AMR e PSGC



Por fim, a crônica *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023) mais uma vez foi explorada para a criação de mais uma produção textual nesta experiência escolar. Desta vez, o aluno NSSP elaborou a crônica esportiva *A mulher que era oprimida com o futebol*. Reproduzo extenso trecho de sua produção a seguir.

Dona Maria descia a rua andando para não se atrasar com o ônibus. Estava atrasada para ver a partida do seu time de coração, acenou ao motorista para abrir a porta e mostrou a sua carteira da terceira

idade (passe-livre) direto sem pagar a passagem, enquanto arrumava um dos bancos de trás.

— Obrigada, meu neto, achei que o ônibus ia passar direto.

— Ô vó, a senhora tem que se cuidar, a qualquer momento, (pode) dar um piripaque se ficar assim.

— Piripaque nada, tenho oitenta e cinco anos e já vivi bastante nessa vida pra morrer perto de ver meu time ganhar o campeonato paulista.

Aí é sacanagem, meu neto!

— Tchau, vizinha.

Em resumo, o aluno-autor faz diferença ao nomear a protagonista como Maria, atribui mais senioridade a ela (oitenta e cinco anos de idade) e o cenário da narrativa, que passa a ser São Paulo, inclusive a personagem comenta que deseja assistir à partida do seu time de futebol pelo campeonato paulista e usa a gíria “meu”, que é utilizada com frequência no contexto paulista metropolitano.

Extrapolando qualquer bairrismo de gírias, o termo “sacanagem”, atribuído ao outro personagem, é tido como um ato subversivo à luz de quem o classifica assim. Esse entendimento é de mais fácil compreensão pela população brasileira não se limitando a um território. Esta crônica escolar reúne os predicados necessários para que seja classificada como uma crônica esportiva e cumpre a premissa da atividade de retextualização, prevista nesta pesquisa-ação.

No fim, formalizei meu elogio ao discente que produziu essa crônica esportiva a partir das seguintes premissas: compromisso pela humanização através da literatura, cumprimento das características basilares do gênero em questão, criação de ficção autoral a partir da retextualização de uma crônica lida em sala de aula e nivelamento de dificuldade, tendo em vista que ele foi o único cronista que conduziu sua narrativa em um cenário fora do contexto do Rio de Janeiro.

Figura 16 – Crônica do aluno NSSP

A Mulher que era apaixonada
com o futebol

Dona Maria desce a rua
adando para não se atrasar
com o ônibus estava atrasado
para ver a partida do seu time
de coração chegou ao motorista
para abrir a porta e mostrou
a sua carteira de terceira idade
para passar direto sem pagar
a passagem enquanto arrumava
um dos lugares de trás

- Obrigada meu neto achei
que o ônibus ia passar direto

- O Vô a senhora tem que se
cuidar qualque momento dar
um Pipaquel se ficar assim

Pipaquel nada tenho oito
e cinco anos e já vou lição
nessa vida pro meu Peto
de ver meu time ganhar o
Campeonato Paulista.

Aí é racagem táchau meu

Segundo a revisão discente, todas as crônicas estão adequadas, ou seja, cumprem as características desse gênero. Alguns alunos chegaram a elogiar as produções revisadas, situação que mostra a qualidade das publicações e a forma respeitosa como o trabalho foi conduzido.

Ao final destas oficinas, os alunos-cronistas ficaram felizes com os resultados obtidos e confessaram que jamais tinham participado de experiência similar até então. Algumas informações complementares, numa perspectiva macro, serão apresentadas no capítulo seguinte, que versa sobre as considerações finais deste trabalho.

Em tempo, reitero que, dentro dos marcos legais em vigor sobre a ressalva da identidade dos autores, que são menores de idade, compartilhei as crônicas esportivas produzidas pelos alunos participantes com os colaboradores da circulação extraescolar proposta na última oficina.

Seguindo esta ideia de promover a circulação das crônicas esportivas dos alunos além da ambiência escolar de caráter avaliativo, com a já mencionada ocultação de identidade, publiquei as obras em um blog¹⁷ gratuito nomeado com o mesmo título desta dissertação. Desde a primeira oficina, os alunos participantes sabiam dessa proposta de circulação extraescolar, inclusive com repercussão no referido blog, e aprovaram a ideia.

¹⁷ Disponível em: <<https://sites.google.com/prof.educa.rj.gov.br/cronistas-meritienses/?pli=1&authuser=1>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale lembrar que o presente trabalho se fundamenta análise dos resultados obtidos a partir desta experiência, que consiste em oficinas de leitura, de produções (uma versão diagnóstica inicial e outra, que é a versão final, após as leituras) e de revisão (professoral e por pares discentes) de crônicas esportivas. A última crônica produzida por cada aluno ou dupla discente tem como base o exercício da retextualização de alguma das crônicas lidas em sala de aula.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa na modalidade da pesquisa-ação e se filia aos pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo (GERALDI, 1997). Durante a seleção das obras, eu trouxe crônicas esportivas diversificadas, de autores diferentes, incluindo autoras, de épocas diversas e com elementos constitutivos variados. Esta diversidade permitiu aos alunos envolvidos identificarem a pluralidade e a potencialidade desse gênero.

Este trabalho foi desenvolvido ao longo da minha vivência no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Tendo em vista a circulação da crônica na ambiência escolar e nos currículos normativos, considero esse gênero uma possibilidade eficiente para que seja objeto no processo de ensino.

O futebol, que costuma ocupar as crônicas esportivas Brasil afora, é um tema engajador de discussões, fato que o credencia a ser um assunto mobilizador e alternativo para a escrita escolar. Para apresentar o gênero textual crônica, destaco as contribuições de Candido (1992 e 2003), Massi (2021), Moutinho (2015) e Sá (2006).

Aprofundando a análise acerca das crônicas que abordam a seara futebolística, consultei os trabalhos de Fogaça (2013) e Prado (2018), além das inúmeras crônicas esportivas que li, ao longo deste trabalho e tendo selecionado algumas para a promoção das oficinas. Para discutir o processo da escrita escolar, ressalto as obras de Cassany (2015), Freire (2014), Geraldi (1997, 2006 e 2014), Lerner (2002), Marcuschi (2008) e outros teóricos.

Embora o futebol seja tido como um esporte com enviesamento masculino, houve boa participação feminina, que representou 41,3% das autorias (considerando duplas e produções individuais), dado que confirma a possibilidade de uso do esporte como uma ferramenta ampla de ensino da crônica na ambiência escolar.

Além disso, na minha concepção, as duas melhores crônicas foram elaboradas por alunas.

Com 40% das retextualizações, a crônica *A felicidade, a liberdade e o futebol* (2023) foi a mais escolhida pelos discentes participantes, sobretudo, entre as alunas. Percebo que a mensagem antimachista trazida pela cronista sensibilizou muitas alunas, que, inclusive, ao longo da oficina em questão, elas fizeram conexões com opressões causadas pelo machismo que já viram em suas vidas.

Como informado no capítulo anterior, somente um aluno fez uma crônica insuficiente, pois não seguiu a proposta de atividade de retextualização, embora tenha todos os elementos constitutivos do gênero crônica esportiva. Além disso, destaco que o autor em questão é um ótimo aluno, com bons rendimentos escolares.

Segundo a revisão por pares, todas as crônicas estão adequadas, ou seja, cumprem as características (texto majoritariamente narrativo, abordagem de tema esportivo, presença de ficção no caso das crônicas literárias, em especial, e observações do cotidiano) desse gênero. Alguns alunos-cronistas elogiaram as produções revisadas, situação que mostra a qualidade das obras e a forma respeitosa como o processo foi conduzido.

Os resultados que obtive nas oficinas que compuseram este trabalho mostraram que o gênero textual crônica esportiva é uma alternativa bastante eficaz de leitura e de escrita na escola, visto o engajamento com o futebol dos alunos participantes.

Considero a escola como um local de ampliação de repertório e que o ensino literário contribui nesse sentido de maneira a potencializar a formação dos alunos em leitores críticos e capazes de se posicionarem nos diversos espaços sociais por meio de leituras e produções textuais.

Sendo assim, as oficinas construídas nesta pesquisa-ação permitiram que os alunos-cronistas utilizassem o futebol, que faz parte do dia a dia deles, a partir de uma percepção literária, com criação de subjetividade correlacionada aos espaços de tensão social.

Além disso, a retextualização exigiu de todos uma postura criativa nesse processo, pois foi necessário um exercício de extensão de conhecimento, que resulta na fusão da manutenção de algumas características constitutivas do

texto-fonte (a crônica esportiva escolhida) com as marcas autorais de cada jovem cronista, que tem as suas vivências e as deposita na construção do seu novo texto.

Por fim, espero que este trabalho seja útil às professoras e aos professores de língua portuguesa, provocando uma reflexão sobre o uso do futebol como um instrumento de ensino da literatura, em especial, a partir da retextualização de crônicas esportivas.

REFERÊNCIAS

ALIAGAS, Cristina; CASTELLÀ, Josep M.; CASSANY, Daniel. **“Aunque lea poco, yo sé que soy listo”**. **Estudio de caso sobre un adolescente que no lee literatura**. In: Revista OCNOS, nº 5, 2009, p. 97-112, ISSN 1885-446X. Barcelona: Ocnos, 2009.

ANDRADE, Cláudia Cristina dos Santos. **A apropriação enunciativa no processo de aquisição da linguagem escrita**. In: CECÍLIA MARIA ALDIGUERI GOULART; VICTORIA WILSON. (Org.). **Aprender a escrita, aprender com a escrita**. 1ed. São Paulo: Summus Editorial, 2013, v. 1, p. 43-68.

ANDRUETTO, María Teresa. **Ler direito de todos**. In: A leitura, outra revolução, XVIII Fórum Internacional pelo Fomento do Livro e da Leitura, Fundação Mempo Giardinelli, 2013, p. 113-133, Resistência (Argentina), 4 set. 2013. Resistência (Argentina): Fundação Mempo Giardinelli, 2013.

ANGELO, Ivan. **Sobre a crônica**. Veja São Paulo, 18 set. 2009. Acesso em: 02 mai. 2023.

AOKI, Virginia. **Aprova Brasil: ensino médio: língua portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2020.

ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo; OLIVEIRA, Tania Amaral. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 8º ano**. 5ª ed. Barueri, SP: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 2018.

_____. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 7º ano**. 5ª ed. Barueri, SP: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 2018.

AZEVEDO, Alcione Aparecida de. **A crônica na sala de aula: caminhos para a formação de leitores críticos no ensino fundamental**. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2018. 104 f.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BALTASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2018.

BITTENCOURT, Luciano Ferreira. **O universo linguístico do futebol: um estudo da metáfora e da metonímia no 9º ano do ensino fundamental**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2017. 132 f.

BRAGA, Flavio. **Lá de onde veio: sobre pipas, correrias e carro das delícias**. Rio de Janeiro: Caminhos, 2022.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 272-273.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 03 jan. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMPOS, Maria Tereza Arruda; ODA, Lucas Kiyoharu Sanches. **Multiversos: língua portuguesa: ensino médio**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2020.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O gol é necessário: crônicas esportivas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

CANDIDO, Antonio; et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. **A vida ao rés-do-chão**. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89.

CARDOSO, Beatriz; EDNIR, Madza. **Ler e escrever, muito prazer!** Rio de Janeiro: Ática, 2002.

CASSANY, Daniel. **Literacidad crítica: leer y escribir la ideología**. In: IX Simposio Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la literatura, Barcelona, 2015. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2015.

_____. **Prácticas lectoras democratizadoras**. In: IX Textos de Didáctica de la Lengua y de la literatura, núm. 58, Barcelona, 2011. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2011, p. 29-40.

CLETO, Mirella L; MARCHETTI, Greta; NOGUEIRA, Everaldo. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 9º ano**. 2ª ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

COLÉGIO ESTADUAL RUBENS FARRULLA. **Projeto político-pedagógico**. São João de Meriti, RJ: 2022.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta; NOGUEIRA, Everaldo. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 7º ano**. 2ª ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

Desfile cívico retornou após cinco anos em Nilópolis. Rio de Janeiro: O Dia, Nilópolis, 30 ago. 2022. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/nilopolis/2022/08/6475375-desfile-civico-retornou-apos-cinco-anos-em-nilopolis.html>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

DIAS, Luciano. **Torcedor por adoção**. São Paulo: Abril, 2022. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/torcedor-por-adocao/>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

FOGAÇA, Clélia Maria Costa. **Ler e escrever crônicas esportivas: um desafio para o processo de letramento na escola**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2013. Cornélio Procópio, PR: Secretaria do Estado da Educação do Paraná, 2013. V. 1. (Cadernos PDE). ISBN 978-85-8015-075-9.

_____. **Ler e escrever crônicas esportivas: um desafio para o processo de letramento na escola**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. V. 2. (Cadernos PDE). Cornélio Procópio, PR: Secretaria do Estado da Educação do Paraná, 2014. ISBN 978-85-8015-076-6.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONÇALVES, Silvia Adriana Trolez. **Proposta de leitura discursiva para 9º ano a partir da Crônica Namoro e Futebol, de Moacyr Scliar**. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas,

Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS), Maringá, PR, 2019. 153 f.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Brasília, DF: IBGE, 2021.

JAPERI. Secretaria Municipal de Educação. **Planejamento anual: ensino fundamental (anos finais)**. Japeri, RJ, 2023.

K, Alexandre. **Peut-on être écrivain et aimer le football? Oui, dit Camus**. Le Nouvel Observateur: Paris, 2017. Disponível em: <<https://www.nouvelobs.com/rue89/rue89-les-tribulations-dun-editeur/20100615.RUE9637/peut-on-etre-ecrivain-et-aimer-le-football-oui-dit-camus.html>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LACOMBE, Milly. **De apostas a DJs, o que estamos fazendo com o futebol?** Uol, Esporte, 10 mai. 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2023/05/10/de-apostas-a-djs-o-que-estamos-fazendo-com-o-futebol.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa. O neoliberalismo em ataque ao ensino público**. trad. Mana Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina/PR: Planta, 2004.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. 1ª ed. Porto Alegre: Penso, 2002.

MARTINS, Cristiane de Oliveira Monte Mor. **A felicidade, a liberdade e o futebol**. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/a-felicidade-a-liberdade-e-o-futebol/>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MASSI, Augusto. **Os sabiás da crônica**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

MOUTINHO, Marcelo. **A palavra em campo**. Rio de Janeiro: Rascunho: o jornal da literatura no Brasil, 11 ago. 2021. Disponível em: <<https://rascunho.com.br/liberado/a-palavra-em-campo/>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

_____. **A tradição carioca da crônica.** Rio de Janeiro: O Globo, Cultura, Livros, 28 fev. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-tradicao-carioca-da-cronica-15459630>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

_____. **Marcelo Moutinho, Jabuti de crônica, diz que Madureira, no Rio, é a sua Macondo real.** Entrevista concedida a Naief Haddad. São Paulo: Folha de São Paulo [online], Livros, 15 dez. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/12/marcelo-moutinho-jabuti-de-cronica-diz-que-madureira-no-rio-e-a-sua-macondo-real.shtml>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

NOGUEIRA, Armando *et al.* **O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor.** São Paulo: Ática, 2006.

PIRES, Paulo Roberto. **O avesso do retrato.** Folha de São Paulo, São Paulo, 9 dez. 2021. Quatro cinco um, Crítica cultura. Disponível em: <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/critica-cultural/o-avesso-do-retrato>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

PORTELLA, Eduardo. **A cidade e a letra.** In: Dimensões I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

PRADO, Antonio. **A crônica para ninguém.** Folha de São Paulo, 30 dez. 2018.

_____. **Mexeriqueira em flor.** Folha de São Paulo, 29 nov. 2015.

_____. **Pré-sal.** Folha de São Paulo, 3 nov. 2009.

PRADO, Losana Hada de Oliveira. **Crônica, futebol e intertextualidade: análise de crônicas esportivas.** 1ª ed. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Mínimo: Língua portuguesa e literatura.** Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Currículo Mínimo: Produção textual.** Rio de Janeiro, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** In: Série Princípios. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

SABINO, Fernando. **A última crônica.** In: _____. As melhores crônicas de Fernando Sabino. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 213-215.

SANTOS, Ana Cecília Nascimento e. **Gênero crônica em sala de aula: análise dos mecanismos enunciativos na promoção de uma competência textual-discursiva**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2016. 131 f.

SANTOS, Joaquim Ferreira. **As cem melhores crônicas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Queixa de defunto**. Rio de Janeiro: Careta, 1920.

SÃO JOÃO DE MERITI. Prefeitura Municipal. **A cidade**. Disponível em: <<https://meriti.rj.gov.br/home/a-cidade/>>. Acesso em: 14 out. 2022.

SCHEFFEL, Marcos Vinícius; UZÊDA, André Luís Mourão. **Ao rés do chão da escola: potencialidades da crônica literária para uma formação docente autoral**. In: Simone Bueno Borges da Silva; Monalisa dos Reis Aguiar Pereira; Julio Neves Pereira. (Org.). *Línguas e literaturas: arte, ancestralidade e decolonialidade na formação docente*. 1ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 276-302.

VERISSIMO, Luis Fernando et al. **Bravo! literatura e futebol**. Organização: João Gabriel de Lima. São Paulo: Abril, 2010.

_____. **Futebol de rua**. In: "Futebol de Rua", A genial crônica do aniversariante Luis Fernando Veríssimo. São Paulo: UOL, 2020. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/noticias/futebol-de-rua-a-genial-cronica-do-aniversariante-luis-fernando-verissimo>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

_____. **Times dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

APÊNDICE A: Formulário de identificação do gênero crônica esportiva

FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA ESPORTIVA

Prezado(a) aluno(a), ao analisar a crônica esportiva do(s) colega(s) de turma, não verbalize comentários, peço que somente responda (assinalando um “X” na coluna que julgar correta) ao questionário abaixo e nos campos seguintes (data, observações adicionais e assinatura).

Perguntas	SIM	NÃO
O texto é majoritariamente narrativo?		
O texto aborda um tema esportivo?		
É possível identificar elementos ficcionais e/ou características de uma crônica jornalística?		
É possível concluir que há semelhança com alguma crônica lida em sala de aula?		
O texto contém observações do cotidiano urbano?		

Data: _____

Observações adicionais:

Assinatura do(a) avaliador(a):
